MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?

Novela de ÉRICO CRAMER
para a RÁDIO GAÚCHA. -

1º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE E CAI EM BG.

LOCUTOR - A [illegible] Gaúcha passa a apresentar...

OPERADOR - SOBE A MÚSICA EM FUNDO E CAI

LOCUTOR - MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?

OPERADOR - SOBE NOVAMENTE A MÚSICA EM FUNDO E VOLTA A BG.

LOCUTOR - Esta é a estória de um lar criado pela imaginação do novelista, mas poderá muito bem ser a estória do seu, do meu e de tantos outros lares que existem por êsse mundo sem fim, onde a negligência e o comodismo dos pais se sobrepoem, muitas vezes, ao sagrado dever de alertar e conduzir os filhos no rumo certo.

OPERADOR - ENTRA COM "JESUS CRISTO" DE ROBERTO CARLOS. BAIXA.

LOCUTOR - O conflito vivido pelos jóvens que iremos apresentar, dentro em pouco, é o mesmo de quási que a totalidade dos jóvens da sociedade moderna que tiveram a pouca sorte de vir ao mundo sob o signo do desajuste dos pais. Uma grande parte desses jóvens se perde pelas veredas do vício - olhos vendados pelas tentações do mundo - sem se aperceber que recuam na medida que avançam sem observar a direção que tomam, mas outros, muitos outros tambem, se debatem nas trevas da ignorância e da descrença que os rodeiam, buscando, desesperados, uma réstea de luz que os ilumine e os conduza ao caminho da salvação. Mas quem poderá indicar a essa juventude cega e faminta o caminho certo? Quem poderá?

OPERADOR - ENTRA COM "JESUS CRISTO" NA PARTE QUE DIZ: "QUEM PODERÁ DIZER O CAMINHO CERTO É VOCÊ, MEU PAI." - BAIXA.

LOCUTOR - Mas será fácil a um jóvem que nunca ouviu falar de Deus, que nunca aprendeu a amá-lo, a respeitá-lo e a ter obrigações para com Ele X acreditar que além das núvens brancas que êle vê no espaço, existe uma fôrça superior que rege os destinos do mundo? Isso só poderá ser incutido no coração da juventude à fôrça de uma doutrinação contínua e paciente e sobretudo pelo argumento inconteste de exemplos

dificantes. E se um pai se afunda nos negócios, na febre excitante de ganhar sempre mais, de se tornar cada vez mais poderoso e a mãe malbarata o seu tempo nas rodas de jogo e nas apresentações sociais, esforçando-se para ser constantemente destaque nas colunas sociais, quem acompanhará o crescimento e o desenvolvimento dos filhos, mostrando-lhes o que está errado e o que está certo? Este foi o assunto escolhido para a novela cujo primeiro capítulo vamos apresentar agora com a seguinte distribuição:

REGINALDO ..... ADROALDO GUERRA
DR. HERMES..... PEPE MORNES
NADINHO..... [redacted] DAMI GAIS.
EUGÊNIA..... LOLITA ALVES
HELOISA..... INADIR. MIRAPALHETA ~~[redacted]~~
LINDAURA..... ESTER CASTRO
DINAH..... SILVIA CARDOSO
(SEGUE COM CONTRA REGRA, SONOPLASTA E ETC.)

OPERADOR - SOBE A MUSICA PARA FAZER CORTINA MUSICAL.

REGINALDO - O senhor chamou, doutor Hermes?

HERMES - Sim, Reginaldo. Queria saber de dona Eugênia.

REGINALDO - Ela ainda não chegou e acredito que vá demorar um pouco.

HERMES - Por que? Ela disse a você onde ia?

REGINALDO - Bem... dizer, não disse, mas pela conversa que ela teve ao telefone com dona Lindaura e que eu ouvi sem querer - porque não sou destes de andar escutando pelos cantos, o senhor sabe - ...

HERMES - Sei, sei...

REGINALDO - O programa das duas era intenso e eu não acredito que se despachem dele antes da noite.

HERMES - Ela não teria recebido o meu telegrama, dizendo que estaria de xxx volta esta tarde?

REGINALDO - Acredito que sim, porque ontem, na hora do jantar, ela abriu um telegrama que havia chegado à tarde. Deve ter sido êste.

HERMES - Claro que sim. Quem mais iria telegrafar à Eugênia? O extranho é ela ter saido mesmo assim.

XXXXX
REGINALDO - Naturalmente quando chegou o telegrama ela já teria assumido outros compromissos.

HERMES - mesmo assim. Penso que êste deveria anular todos os outros.

REGINALDO - O senhor nem parece que conhece dona Eugênia ha tanto tempo. Para ela os seus compromissos sociais estão acima de qualquer outra coisa. Inda mais que na reunião de hoje, segundo ouvi, iam ser escolhidas pelos cronistas sociais as dez mais elegantes da cidade. O senhor já está a ver que ela não poderia faltar.

HERMES - (DEPOIS DA PAUSA) Reginaldo, tú estás connosco ha tantos anos que já és mais uma pessoa da família do que propriamente um empregado. Tú não achas que dona Eugênia se excede um pouco nessa questão de modas e de sociedade?

REGINALDO - Se o senhor me permite que dê a minha opinião bem franca, eu vou falar, do contrário, prefiro ficar em silêncio para nao ter que me arrepender do que possa ter dito.

HERMES - Se te digo que falles é porque desejo a tua opinião bem franca, óra essa. (PAUSA) Vamos, diz. O que é que tu pensas a respeito?

REGINALDO - Nunca nos devemos exceder em concessões às pessoas que amamos para não sermos obrigados, mais tarde, a cercear essas concessões.

HERMES - (DEPOIS DE PAUSA) É Reginaldo, tú estás certo. O culpado fui eu mesmo. (TOM) Quando ela chegar avisa-me. Preciso fazer-lhe uma comunicação muito importante.

REGINALDO - Perfeitamente, doutor Hermes. Com licença.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTA. PORTA QUE ABRE E FECHA AFASTADA. RUIDO DE LEVANTAR FONE DO GANCHO E FAZER TRES OU QUATRO TENTATIVAS DE LIGAÇÃO, INÚTILMENTE. RUIDO DE DESLIGAR COM FORÇA.

HERMES - (CONTRARIADO) Porcaria de telefone. Quando se tiver pressa anda-se mais ligeiro apanhando um taxi do que tentar uma ligação.

C/REGRA - PORTA QUE SE ABRE AFASTADA E LOGO. PASSOS DE RAPAZ SE APROXIMAM

NADINHO - (VINDO E FALANDO) Oi, velho! Não sabia que já tinhas chegado. Agora é que o Reginaldo me disse. Tudo legal?

HERMES - Tudo bem, felizmente. Alguma novidade com você?

NADINHO - Nada, não velho. Queria que tu me emprestasse o teu carrão esta noite que eu tenho compromisso com uma gatas e não posso dá o bolo.

HERMES - Meu carro? Você queria o meu carro? Mas é o seu?

NADINHO - O mustang levou uma trombada que não foi mole. Tá na oficina.

NADINHO - E você quer o meu carro para sair com uma gata? Não vê que pode me comprometer?

NADINHO - Ora vai, velho. Deixa de onda. Vai querer me convencer que não entrou outra mulher no teu carro sem ser a mãe? Pra mim não adianta dizer porque não cola. E depois ninguem vai confundir um coroa que si careca com um garotão bom de cabelo como eu. Vem te vindo com a chave e não dá vexame.

C/REGRA - RUIDO DE FAZER UMA LIGAÇÃO. PAUSA.

NADINHO - É a mãe? Nadinho. Tá garantido o carro do velho. Passo às oito pra te buscar. Avisa a Cloé? (PAUSA) Ah, para. Vai querê tirá onda de importante pra cima de mim? Que velha, não tem nada de velha. Manda a velha capinar. Avisa à Cloé pra estar aí na tua casa antes das oito que eu passo aí pra pegar vocês. O Marcelo passa aqui e nós já vemos juntos. Tchau.

C/REGRA - RUIDO DE DESLIGAR TELEFONE

NADINHO - (DEPOIS DE PAUSA) Como é, velho, a chave? Vai dá ou vai querê bancá o dureza?

C/REGRA - ABRE-SE A PORTA E HELOÍSA ENTRA FALANDO - PASSOS VINDO.

HELOISA - (VINDO) Pai, eu queria ver se tu me emprestavas o teu carro esta noite que o meu está com uma folga muito grande na direção e eu...

NADINHO - (CORTANDO) Chegou tarde. O pai acabou de me emprestar o carro dele.

HELOISA - Ah, pai, não! Empresta pra mim. Os amigos do Nadinho todos têm carro, êle não precisa...

NADINHO - (ALTO) Não interessa. O pai já me emprestou o carro dêle e eu não abro mão. E se os meus amigos têm carro o seu namorado tambem tem.

HELOISA - O pai dele precisou êle teve que emprestar.

NADINHO - Dane-se. Eu não tenho nada que ver com isto. Não tem carro pra sair namora com êle em casa. Total tanto faz êle apertar você lá no morro de Santa Tereza como aqui no nosso jardim vem a dar no mesmo.

HELOISA - O Nadinho, deixa de ser cretino, tá? Está acostumado com piranhas e pensa que eu tambem sou?

NADINHO - Mulher é tudo igual. Não tem diferença. A diferença está no homem saber cantar melhor ou pior.

HELOISA - Essa é a mentalidade tua e dos teus amigos. Por isso mesmo é que

HERMES - eu não dou confiança pr'nenhum deles.

NADINHO - É precisa? Eles têm mulher aí de montão. Nem chegam pro consumo.

HELOISA - Está bem, que façam bom proveito. (TOM) Como é, pai? Vai emprestar o carro para mim ou pro Nadinho?

NADINHO - Pra mim, já disse. Se não ouviu eu repito bem alto. (QUASE GRITADO) Pra mim. (TOM) Ouviu agora?

HELOISA - Não estou falando contigo. Pai, responde a perguntaque eu te fiz. É pra mim que tú vais emprestar o carro ou pro Nadinho?

HERMES - Prá nenhum dos dois. Eu vou precisar do carro esta noite. Tenho uma reunião de negócios.

NADINHO - (IRONIA) De negócios, é? Andou o nome. Eu não sabia.

HERMES - É uma reunião de negócios, sim senhor.

NADINHO - (IRONICO) Acredito, acredito. Acontece que não vai poder ser hoje a tua reunião porque eu vou precisar do carro. A não ser que tu vás em carro de praça. Aí são outros quinhentos.

HELOISA - Bem, emquanto voces discutem aí, eu vou pedir pra Mãe o carro dela.

HERMES - Sua mãe já chegou?

HELOISA - Não sei, vou ver.

HERMES - Si ela tiver chegado, mande o Reginaldo me avisar. Eu preciso falar com ela.

HELOISA - OK.

C/REGRA - Passos de HELOISA que se afastam.

NADINHO - Falar com a mãe é o tráço mais complicado que há. Tem que pedir audiências dois dias antes e olhe lá. Ainda assim é capaz de não dar.

C/REGRA - RUIDO DE RECOLHER MOLHO DE CHAVES.

HERMES - Nadinho, solte essas chaves que eu já lhe disse que vou precisar do carro esta noite.

NADINHO - Ia. Já não vai mais. Pronto, eu tiro só esta. Entrego-lhe todas as outras.

C/REGRA - RUIDO DE JOGAR O MOLHO DE CHAVES EM CIMA DA MESA.

NADINHO - Tchau, velho. (SAIDA FALSA) Ah, velho, vem te vindo com algum que eu estou sem.

HERMES - Dinheiro outra vez, Nadinho?

NADINHO - Dinheiro outra vez, velho.

HERMES - mas e a sua mezada? O que é que você faz com ela?

NADINHO - Úra, a minha mezada! O que é que um rapaz pode fazer com seiscentos cruzeiro por mez?

HERMES - Você acha pouco? No meu tempo eu não...

NADINHO - (CORTANDO) Ih, lá vens tu com as comparações do teu tempo. No teu tempo voces eram bobocas. Hoje a juventude é pra frente. Deixa de lero e vem com a grana.

C/REGRA - PORTA QUE SE ABRE AFASTADA

REGINALDO - (AFASTADO) Dá licença doutor hermes? Dona Eugênia acaba de chegar.

HERMES - Já vou lá, Reginaldo, obrigado.

C/REGRA - PORTA QUE SE FECHA AFASTADA.

HERMES - Bem, eu vou falar com a sua mãe que tenho um assunto muito sério tratar com ela.

NADINHO - não vai, não. Antes de me dar algum, não vai.

HERMES - Não vou lhe dar nenhum, nadinho. Você já gastou toda a sua mesada antes da metade do mês. Pensa que eu tenho fábrica de dinheiro?

NADINHO - Não vai dar, é? Não vai dar mesmo de verdade?

HERMES - Não. Não vou dar.

NADINHO - Está bem. Hoje a mãmãe vai ficar conhecendo aquele retrato com dedicatória que está em meu poder.

HERMES - Isso é chantágem, nadinho.

NADINHO - E que me importa que seja? Eu quero a grana. Si não vem do teu lado, corôa, eu vendo o retrato pra ela. Já pensou o carnaval que a velha vai fazer? Tchau. Vou falar com ela antes de ti.

C/REGRA - PASSOS DE NADINHO QUE SE AFASTA. PORTA QUE SE ABRE, AFASTADA

HERMES - Nadinho, espere.

C/REGRA - PORTA QUE SE FECHA E PASSOS QUE VOLTAM

NADINHO - (CÍNICO) Pensou melhor, não foi? Inda bem que você teve juizo.

HERMES - (DEPOIS DE PAUSA) Cem cruzeiros chegam?

NADINHO - É micharia.

HERMES - Duzentos. Não dou mais.

NADINHO - Dá, sim. Bota trezentos e estamos conversados.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL FORTE. CAI PARA BG. CORTA.

LINDAURA - Como vais?

DINAH - Nossa! Que elegância!...

LINDAURA - COURREGES, dá licença? (PRONUNCIA-SE CURRÈGE)

DINAH - De onde é que você vem nessa finura, gente? Alguma recepção da Rainha Elisabeth?

LINDAURA - Venho da reunião do Clube, onde foram escolhidas as dez mais. Você precisava ver.

XXXXXXXXX

DINAH - Quem foram elas? Você sabe?

LINDAURA - Não. Só amanhã ou depois é que a crônica publicará seus nomes. Sei bem que algumas a gente já sabe, de antemão, que estarão figurando. Tambem só falta se deitarem no chão para o cronista passar por cima. Se derretem todas, não sabem o que vão fazer para agradá-lo. Ridículas. Ser apontada como elegante a este preço, eu prefiro nem ser lembrada.

DINAH - Como é que estava a nossa amiga Eugênia?

LINDAURA - Mais ou menos. Não estava nos seus dias mais felizes, não. mas essa é certo que figura na lista. Vive enchendo o cronista de presentes, o que é que êle pode fazer senão apontá-la?

DINAH - E alem disto, o marido abre-lhe a bolsa de pamparra. Ela só faz roupa nos grandes costureiros.

LINDAURA - (COM ACENTO DE IRONIA) A roupa de todo o dia, porque os vestidos para grandes ocasiões ela manda buscar na Europa. Itália e França.

DINAH - (SIGNIFICATIVA) Mas não é só ela que usa vestidos de costureiros francezes. Eu conheço outras.

LINDAURA - Você está se referindo ao meu Courreges? Pois êste veio pra ela. Não ficou nada bem no corpo dela, eu fiquei com êle. Mandei ajustar ao meu corpo, paguei a metade do preço e ficou ótimo.

DINAH - Havia de ter muita graça se à custa dele você viesse a figurar na lista e ela ficasse de fora.

LINDAURA - Nem fala. Ela era capaz de morrer e me matar. Mas eu não tenho nenhuma ilusão porque para figurar numa lista de elegantes o cronista leva em consideração não apenas um ou dois vestidos bonitos que pessoa bote e sim os vestidos todos que usou durante o ano. Como Eugênia só usa vestidos com grandes etiquetas, não pode, realmente, deixar de figurar.

DINAH - Teve muita sorte aquela danada. Era funcionária do banco. O diretor se desquitou e logo depois propz-lhe casamento no Uruguai.

LINDAURA - É o melhor você não sabe: não foi por ela que êle se interessou primeiro, foi pela Carmelita.

DINAH - Sei, sim. A mãe da Carmelita, que é muito católica, foi que não permitiu o casamento.

LINDAURA - A Carmelita foi uma boboca. Eu mandava minha mãe às favas e aproveitava a onda. O que é que adiantou a recusa? A mãe morreu logo depois e ela continua até hoje como funcionária do banco, esperando o tempo para se aposentar com meia dúzia de tostões. Acho que a Eugênia fez muito bem aproveitar a chance que a vida lhe deu.

DINAH - mas tambem se a Carmelita tivesse aceito o doutor Hermes e a mãe morresse em seguida, como morreu, não faltaria quem dissesse que ela tinha matado a mãe de desgôsto.

LINDAURA - Ah, minha filha, se a gente vai dar ouvidos a tudo que os outros dizem, acaba ficando louca. Bem, eu vou andando. Dei só uma passadinha por aqui porque queria que você visse o meu vestido.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL - 2º Comercial -

HELOISA - Reginaldo, você vai me fazer um favor.

REGINALDO - Pois não, dona Heloisa.

HELOISA - Se o Marcelo telefonar procurando por mim, você diga que eu fiquei aborrecida porque ninguém aqui em casa quiz me emprestar seu auto móvel e eu fui me deitar. Diga que não me chamará porque eu estou dormindo a sono solto.

REGINALDO - mesmo que êle chame cedo; logo depois do jantar?

HELOISA - mesmo que êle chame cedo. Diga que eu nem quiz jantar e me deitei logo.

REGINALDO - Então quer dizer que a senhora não vai jantar? Que eu posso retirar o seu lugar da mesa?

HELOISA - vou jantar, sim. Quem é que disse que eu não vou jantar?

REGINALDO - Ué, pois a senhora não está dizendo?

HELOISA - Eu estou dizendo o que você terá que dizer ao Marcelo e não o que eu vou fazer.

REGINALDO - Ah, sim, sim. Compreendi agora. O que eu tenho que dizer não é o

o que a senhora vai fazer.

HELOISA - Claro que não. Vou aproveitar a noite com outro que tenha automóvel. Ele não tem, azar.

REGINALDO - E a senhora não tem medo que ele amanhã venha a descobrir a verdade e se afaste definitivamente?

HELOISA - Ele não faz isto. A sedução do automóvel não é grande só para as mulheres. Para os homens também. Namorada mecanizada, mesmo um boa pinta, como ele, não arranja assim tão facilmente. Mecanizada e pagante, ainda por cima.

REGINALDO - Como pagante? Não entendi.

HELOISA - Quem é que você pensa que paga as despezas todas nos lugares onde vamos? Não é ele, não, sou eu.

REGINALDO - (ESCANDALIZADO) Nossa Senhora! Como é possível uma coisa dessas? Como os tempos andam mudados! Quando eu era jóvem, em qualquer lugar onde fosse acompanhado de uma dama quem pagava era eu. Eu e todos os rapazes do meu tempo.

HELOISA - É, mas hoje não tem mais disso, não. Hoje paga quem tem dinheiro. Seja o rapaz ou a moça. (PAUSA) O que é que você ficou pensativo?

REGINALDO - É que eu estou indeciso, sem saber o que tem menos vergonha. Si ele que aceita ou ela que paga.

HELOISA - Ora, Reginaldo, isso era vergonha no seu tempo; hoje é a coisa mais natural. As moças de hoje não usam ~~maxx~~ viseiras, como antigamente; são mais evoluidas, mais pra frente. Lutam pela igualdade de direitos e com razão. No seu tempo a moça não tinha nem o direito de escolha. Isso é lá possivel? Não. Basta de grilhões. A liberdade é o bem maior do mundo, Reginaldo e todos temos direito a aspirá-la.

REGINALDO - Certo. Mas não basta conquistá-la; é preciso saber usá-la e isso é que eu tenho a impressão de que as moças de hoje não sabem fazer

HELOISA - Quem disse a você que não sabem? Sabem é muito bem, até. Bem, eu vou telefonar ao Armando para combinar o passeio desta noite. (TU) Ao Armando? Não. Um Doge Dart é muito melhor de se andar do que um Carmanguia. Vou convidar o Flávio para sairmos hoje.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HERMES - Eugênia, eu preciso falar com você.

EUGÊNIA - Como foi de viágem?

HERMES - mais ou menos. As notícias que lhe trago penso que não são das melhores.

EUGÊNIA - Por favor, hermes, veja se não me estraga a noite. Venho de uma reunião agradabilissima, espero uns amigos para uma roda de jôgo, não desejo estar com a fisionomia contrariada quando eles chegarem. Sua mãe não está bem de saúde?

HERMES - mais ou menos. Uma pessoa na idade dela nunca pode ir perfeitamente bem. É justamente a respeito dela que eu desejo falar-lhe.

EUGÊNIA - não vá me dizer que ela pretende vir passar o inverno commosco. Alteraria todo o meu programa e tolheria toda a minha liberdade.

HERMES - não. mãmãe não pretende vir a Porto Alegre, mas minha irmã insiste em que ela vá morar no Rio, onde o clima a favorece muito mais.

EUGÊNIA - E por que ela não vai? Eu tambem acho que lhe faria bem.

HERMES - Ela vai. Custou-lhe muito resolver, mas por fim decidiu-se.

EUGÊNIA - Ótimo! Era isto que ela já devia ter feito há muito tempo.

HERMES - mas acontece que márcia não se dá no clima do Rio e mãmãe me pediu que a troxesse para nossa companhia.

OPERADOR - ACORDA DO SUSTO. A MÚSICA FAZ VIBRANDO EM BG. 3º com.

EUGÊNIA - Para.., para a nossa companhia? Por que para a nossa? Por que não vai para a companhia da mãe? Parece-me que é muito mais lógico.

HERMES - Abigail trabalha, o apartamento é pequeno e ela tem o cunhado doente em casa. não se pode nem cogitar de mandar márcia para a sua companhia.

EUGÊNIA - Pois então que vá para um pensionato, há tantos bons por aí. Ela ficará muito melhor do que aqui em casa.

HERMES - Eugênia, procure compreender: mãmãe pediu para que eu ficasse com minha filha. Só assim irá descansada. Eu lhe prometi que ficava.

EUGÊNIA - Pois fez muito mal. Não podia prometer sem antes ter combinado comigo. Afinal que papel faço eu nessa coisa toda? Fantoche? Uma boneca de molas que qualquer um maneja para onde entende? Afinal, eu sou ou não sou a dona da casa?

HERMES - Claro que é. Ninguem está dizendo o contrário.

EUGÊNIA - Mas então por que não de querer que eu receba uma pessoa que não desejo?

HERMES - Eugênia, atenda. As circunstâncias às vezes nos obrigam a tomar certas atitudes, independente de consultas ou permissões. Eu não podia negar à minha mãe guarida para a minha filha em minha casa. Podia?

EUGÊNIA - Se quizesse, podia. Bastava que você dissesse à sua mãe uma coisa que ela muitas vezes disse: que a companhia dos "nossos filhos" não era conveniente para a "sua filha".

HERMES - Mamãe nunca disse tal coisa. Pelo menos a mim.

EUGÊNIA - Claro. A você ela não iria dizer, mas disse a todos os nossos amigos que vieram correndo me contar. Como se aquela songa-monga fosse melhor do que a minha filha em alguma coisa. Minha filha, pelo menos, é autêntica. Faz as coisas e diz: "Eu fiz". As santinhas do pau ôco fazem as mesmas coisas e escondem. É esta a diferença entre as duas.

HERMES - Nada disto vem agora ao caso, Eugênia. Eu prometi à Mãmãe que Márcia ficaria comnosco e pelo menos nos primeiros tempos eu gostaria de cumprir a minha promessa. Temos um quarto de hóspedes quáse independente, ela pode ficar lá. Você nunca está nas horas de refeição, muito pouco irá conviver com ela. Mesmo assim se a presença dela chegar a incomodar você - o que eu francamente não acredito - nós procuraremos dar um outro geito na vida. Márcia é de boa paz, eu a acomodarei fácilmente.

EUGÊNIA - E quando é que a "santinha" vem? Já tem data marcada?

HERMES - Mãmãe deve embarcar para o Rio até o dia dez. No mesmo dia ela virá para a nossa companhia. E agora vamos jantar que eu preciso sair em seguida.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM.

EUGÊNIA - Vá que eu irei em seguida

C/ REGRA - PORTA QUE SE ABRE E SE FECHA, AFASTADA

EUGÊNIA - Hei de tornar a sua vida um tal inferno dentro desta casa que ela mesma pedirá para sair em menos de uma semana.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA FORTE PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

XXXXXXXXXXXXXX

MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?

Novela de ÉRICO CRAMER

2º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA

LOCUTOR - A interrupção do 1º capítulo desta novela aconteceu quando o doutor hermes e dona Eugênia discutiam a vinda de márcia - filha do primeiro matrimônio do doutor hermes - para a casa do pai ao que a madrasta se opunha.

OPERADOR - Sobe a característica e volta a BG.

HERMES - Se a presença dela chegar a incomodar [illegible] - o que eu francamente não acredito - nós procuraremos dar um outro geito na vida. márcia é de boa paz, eu a acomodarei fácilmente.

EUGÊNIA - E quando é que a Santinha vem? Já tem data marcada?

HERMES - mãmãe deve embarcar para o Rio até o dia 10. No mesmo dia ela virá para a nossa companhia. E agora vamos jantar que eu preciso sair em seguida.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM.

EUGÊNIA - Vá que eu irei em seguida.

C/REGRA - PORTA QUE SE ABRE E SE FECHA, AFASTADA.

EUGÊNIA - Hei de tornar a sua vida um tal inferno dentro desta casa que ela mesma pedirá para sair em menos de uma semana.

C/REGRA - BATIDAS LEVES NA PORTA, MEIO AFASTADA

EUGÊNIA - (PROJETANDO) Entre.

C/REGRA - RUIDO DE ABRIR PORTA AFASTADA

REGINALDO - O jantar está servido, dona Eugênia.

EUGÊNIA - Não quero jantar, Reginaldo. Tive uma notícia, agora, que me tirou toda a disposição. Sabe você quem vem morar nesta casa? A filha do meu marido.

REGINALDO - Dona márcia?

EUGÊNIA - Exatamente. Você não acha um absurdo sem tamanho? Não seria muito mais lógico que ela fosse para a companhia da mãe?

REGINALDO - Talvez, mas pode ser que o padrasto não tenha querido recebê-la.

EUGÊNIA - Qual o quê! Nem cogitaram dessa hipótese. Tem a casa da burra aqui por que haveriam de procurar outro lugar?

REGINALDO - Mas dona márcia é uma pessoa muito boa... muito acomodada... não vai lhe causar aborrecimentos, estou certo.

EUGÊNIA - Márcia é uma pessoa que me irrita pela dissimulação. Ela não é nada daquilo que aparenta. Debaixo daquela capa de serenidade existe uma outra márcia completamente diferente. Mas ela não vai parar muito tempo aqui. Você há de ver que não vai.

REGINALDO - Sim, dona Eugênia, a senhora vai me dar licença que eu tenho que ir servir o jantar aos que estão na mesa.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

C/REGRA - RUIDOS CARACTERÍSTICOS DE JANTAR

HELOISA - Mãmãe não vem jantar?

REGINALDO - (2º PLANO) Não senhora. Ela está indisposta.

HELOISA - Estava tão bem ha pouco... tão animada quando chegou da reunião do Clube... será que aconteceu alguma coisa?

HERMES - Dei-lhe a notícia de que márcia virá ficar conosco algum tempo. Foi o suficiente.

HELOISA - márcia vem passar algum tempo aqui em casa? Que aconteceu?

HERMES - Sua avó vai para o Rio, a conselho médico e por insistência de sua tia. Você sabe que márcia não se dá bem em clima quente... mãmãe pediu que a trouxesse... eu não poderia negar. Você acha ruím que ela venha?

HELOISA - Por mim tanto faz. Ela não me incomoda. Às vezes se mete a querer me dar conselhos, mas suas palavras entram por aqui e saem por aquí. (TOM) Quer me servir um pouco mais de salada, Reginaldo?

REGINALDO - Pois não.

C/REGRA - RUIDOS CARACTERÍSTICOS

HERMES - márcia foi educada de outro modo. Deve extranhar a maneira como você vive. Talvez, por isso, pretenda, às vezes, alertá-la.

HELOISA - Eu às vezes chego até a achar graça. Mesmo sendo mais velha do que eu, ela não tem nem a metade da minha experiência.

HERMES - É natural. Foi moça criada no interior, sob a guarda da avó que via perigo em tudo... Nunca saiu sózinha de noite.

HELOISA - (RI COM VONTADE) É o fim da picada. Mas aqui ela vai ter que sair sózinha ou não sair, porque companhia ela não vai ter. A não ser que Nadinho resolva leva-la para divertir-se às custas dela.

HERMES - Não, isso não. O Nadinho não sairá com márcia. Eu não vou deixar.

HELOISA - Vai dizer isso pra êle. Aí mesmo é que êle sai.

HERMES - Eu não vou dizer, mas não vou deixar. Nenhum dos amigos de Nadinho é flor que se cheire. (Idem) Reginaldo, sirva-me de assado e legumes.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

NADINHO - Rapaz, fiz uma onda com o carrão do velho ontem de noite que não teve tamanho. Era guria paca dando em cima de mim. E eu só no mole jo. Houve uma hora que eu tinha uma trinca na mão e não largava o jogo. Fui temperando... fui temperando... e consegui sair sem tê que usá o trunfo.

BETO - Tu fez sugeira comigo, Nadinho. Tu prometeu que passava lá em casa pra me apanhá e me deixou plantado.

NADINHO - Não foi minha a sugeira. Foi da garota que ia saí comtigo. Ela deu o bolo o que é que adiantava eu i te buscá? Tu ia ficá soprando no banco de traz e atrapalhando a gente o que ainda era pior.

BETO - Por que soprando?

NADINHO - Claro, Beto. Pois si eu passei na garota e ela me disse que não podia ir...

BETO - E eu não podia arranjá outra assim como tú arranjou, Nadinho?

NADINHO - Rapaz, eu vou te apresentar a Fernanda. Tú vai vê que garota bacana. No princípio ela bota uma certa banca de moralista, mas tu enrrola ela numa boa conversa e ela acaba se curvando direitinho como as outras. Rapaiz, um carrão é um carrão. Eu vou ver se o velho troca o meu por um igual ao dele.

BETO - O teu velho é bacana a bessa. Tu consegue tudo dele.

NADINHO - O bacana mesmo sou eu que sei como conseguir dele o que eu quero.

BETO - O meu pai eu acho que mesmo que pudesse, nunca me daria um automóvel.

NADINHO - Vou te ensiná uma tática que tú vai consegui tudo que tu quizé.

BETO - Qual é?

NADINHO - Descobre uma sujeira dele e ameaça contar pra tua mãe.

BETO - (RINDO) É assim que tu faz?

NADINHO - Claro, rapaiz. Tú pensa que eu tô aqui pra que? Eu não durmo no ponto. Até um retrato de uma garota com dedicatória eu encontrei na gaveta dele e tirei. Quando ele tenta parâ patrulha comigo eu só digo assim "olha o retrato"! Ele se bota logo em ponto morto.

BETO - (RINDO) Eu acho que o meu coroa não dá pra essas aventuras. E não

dando eu já não terei a chance que tu tiveste.

NADINHO - É precisa dá ou não dá, rapaiz? Pra que tu tem a cabeça? Só pra de tá no travesseiro ou pra usá chapéo? Faz camaradágem com uma piranha qualquer, paga o retrato pra ela e manda ela botá a dedicatória, aí tú bota no correio endereçado ao teu pai. Quando êle receber é só ver onde ele esconde é pronto.

BETO - O velho rasga logo. Fica tão apavorado que nem vai querer saber de guardar.

NADINHO - Não vai nessa, Beto. xxxxxxxxxxx O velho vai ficá cheio e vai quere mostrá o retrato aos amigos. Vai por mim.

BETO - Eu sou capaiz de fazê êsse jôgo só pra vê.

NADINHO - Faz e depois me conta.

BETO - Só que eu vou tê que me contentá com um carro de segunda mão.

NADINHO - Não importa. Desde que ande já serve. As bacana de hoje tão de um geito que quem tem automóvel já tá com meio caminho andado.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

LINDAURA - Vim te dar os meus parabens pela inclusão do teu nome na lista das dez mais, mas se eu fôsse das escolhidas protestaria veementemente que a Dalila estivesse misturada com vocês.

EUGENIA - Pois é, não é? Tambem não achei de bom gôsto a escolha da Dalila.

LINDAURA - Pelo contrário. De muito mau gôsto até. Uma mulher cafona toda a vida. Aquela sim pode-se dizer que é a rainha do lamê. Lamê e plumas é com ela. Parece que está sempre pronta pra um baile de carnaval.

EUGENIA - Vai ver o cronista deve alguma obrigação a ela ou ao marido.

LINDAURA - E daí? Podia dever, mas não tinha o direito de misturar. Afinal botar o nome da Dalila junto com a Cloé, com a Magda, com a Vandira e até mesmo comtigo, chega a ser quási um sacrilégio. Sinceramente eu se fosse vocês protestava.

EUGENIA - Mas protestar como?

LINDAURA - Ora, como?! Protestando. Uma mulher que sai para compras com rôlos na cabeça pode lá ser apontada como mulher elegante? Não tem nem noção do que é trato, quanto mais elegância. Mas quando encontrar o Carlinhos, vou dizer francamente a êle o que eu penso. (Plum) E como foi o jogo ontem aqui na tua casa?

EUGÊNIA - Não houve. Eu telefonei aos parceiros e lhe pedi que não fiessem. Fiquei tão indisposta com uma notícia que o meu marido me trouxe que acabei resolvendo cancelar a noitada.

LINDAURA - Meu Deus e que notícia foi essa assim tão desagradável?

EUGÊNIA - A filha do meu marido vem morar aqui em casa já na próxima semana.

LINDAURA - Ora, Eugênia, francamente! E só por causa disso você se aborreceu?

EUGÊNIA - Claro! Eu queria ver o que você faria no meu lugar.

LINDAURA - O que eu faria? Trataria de recebê-la muito bem para que o meu marido ficasse satisfeito. Afinal ele é tão bom para você...

EUGÊNIA - Não faz mais do que a obrigação. Pra isso é marido.

LINDAURA - Pois é, mas há muitos outros que tambem são maridos e não são bons para as mulheres. Eu, pelo menos, conheço uma porção deles.

EUGÊNIA - Você não sabe como é indigesta a tal de Márcia. Puritana... dogmática... metida a condescendente. Tudo é falso nela. Tudo é estudado. Eu não aguento. Não posso.

LINDAURA - De qualquer forma é filha do seu marido você não pode deixar de recebê-la. E depois, para falar bem a verdade, vocês vão estar muito pouco juntas. Você dorme até ao meio dia. Almoça no quarto. Levanta-se, arruma e sai. Passa as tardes inteirinhas fora. Na casa das amigas, no clube, nas reuniões das damas de caridade... Onde você menos está é aqui. No jantar, durante uma hora, é que você se reune com o seu marido e os seus filhos. De noite já torna a sair ou, se fica em casa, recolhe-se aos seus aposentos. Qual a convivência?

EUGÊNIA - Eu sei, mas só a ideia de que ela está aqui, debaixo do mesmo teto que eu já me atormenta.

LINDAURA - Não será isto um pouquinho de ciume pela sua filha ou por você mesma? Não será a ideia de que ela possa roubar a vocês um pouco do carinho dele?

EUGÊNIA - Eu não tenho ciumes do nermes. Nunca tive. E menos, ainda, por minha filha. O que eu penso é que ela tem uma mãe e deveria procurar a companhia dela, não a do pai. Mas eu já pensei num plano para fazer com que ela saia daqui em pouco tempo.

LINDAURA - O que é que você pretende fazer?

EUGÊNIA - É o seguinte...

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HERMES - Nadinho, eu tinha dito ao meu secretário que não podia receber ninguem, que estava muito ocupado num negócio muito importante para o BANCO e de grande responsabilidade para mim; como foi que você entrou?

NADINHO - Ele veio querendo botá banca comigo mas eu botei uma banca maior com ele, dei um empurrão no cara e passei.

HERMES - Nadinho, você não pode proceder dessa maneira aqui dentro do banco, meu filho. Você me coloca mal diante do resto da diretoria. Se o meu secretário lhe diz que você não pode entrar, você tem que acatar as instruções dele e permanecer do lado de fora.

NADINHO - Ora, velho! mas isso até havia de ter muita graça. Eu não poder entrar no teu gabinete. Logo eu.

HERMES (7) E afinal o que é que você quer a esta hora da manhã? Seja breve que eu preciso aprontar este relatório para a sessão das duas horas.

NADINHO - Eu quero dinheiro, velho. Admira que já não tivesse advinhado.

HERMES - Dinheiro outra vez? Será possível que você já tenha gasto o que eu lhe dei ontem?

NADINHO - Tá ficando mesquinho, é velho? Alegando as migalhas que me dás?

HERMES - Migalhas?!... Você diz que eu lhe dou migalhas?!... Sabe quanto você já me gastou este mês? Está aqui anotado. (PAUSA) Veja. Um milhão e cem cruzeiros. E você chama a isto migalhas?

NADINHO - Pra quem tem o que tu tem, velho, isso nem é nada.

HERMES - Como nem é nada? Isso é apenas a parte que você gasta. Pense agora nas despezas da casa que não são poucas; nos vestidos de sua mãe; no dinheiro que ela perde nas rodas de jogo; nas despezas de sua irmã; na manutenção dos quatro automóveis da familia;na...

NADINHO - (CORTANDO) Ih, velho, para com essa ladainha que ela não me comove. De toda essa catrefada que tú acabou de citá quem gasta menos sou eu. Vê se tu reclama da corôa? Vê se tu reclama da Heloisa? Pagas todas as despezas delas e não bufas. Por que logo as minhas é que tú vem estrilá?

HERMES - Vá embora. vá embora que eu tenho muito que fazer, já lhe disse.

NADINHO - Sem gaita não vou. Se tu tem pressa mesmo, trata de me dá o dinheiro logo que eu saio em seguida. É pouco o que eu quero. Cento e cincoenta cruzeiros.

HERMES - Está bem, eu vou lhe dar os cento e cincoenta cruzeiros mas você pode fazer cruz porque até o fim do mês eu não lhe dou mais nem um vintem.

NADINHO - Dá, sim. Isso é grupo, velho. O que acontece é que tu não afróxa sem chorá. Mas eu já conheço as tuas balda nem tô ligando.

HERMES - Pronto. Está aí. Vá embora e veja se me deixa trabalhar.

NADINHO - Já vou, velho, já vou... que pressa é essa? Enxotando o filho desse geito? Pai desnaturado.

HERMES - Vá embora, Nadinho. Você já me atrzou que chegue. Não está satisfeito?

NADINHO - Com essa maneira de me despedir, não. Vamos. Beija aqui a epiderme do garotão.

HERMES - Ah, meu Deus! (BEIJO) Pronto. Agora vá.

NADINHO - Tchau, coroa bacana.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA, AFASTADA

HERMES - Esse rapaz não toma geito. É da forma que gasta vai acabar levando me à banca rota.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

DINAH - Eugenia deve estar no céo com a inclusão do seu nome na lista das elegantes, não?

LINDAURA - Acredito que sim, mas ela está tão contrariada com a vinda da enteada que a elegância passou para segundo plano.

DINAH - Mas isso é uma tolice muito grande da Eugenia. Um palacete tão grande, é só botar a moça num quarto mais isolado e o contato das duas será mínimo.

LINDAURA - Mas mesmo que não fosse. É um egoismo muito grande negar a um homem que lhe proporciona um estadão, trazer uma filha sua para casa, naturalmente que por necessidade, porque por outra coisa ela não viria. E nem êle traria.

DINAH - É claro. Mas o que êle tem a fazer é não ligar para os protestos dela. Afinal é êle quem paga tudo. Ela éra um pobretona. Si eu tivesse com êle a intimidade que você tem, dava-lhe uns conselhos.

LINDAURA - Mas você pensa que eu já não me lembrei disso? Ah, minha filha, me lembrei. Primeiro vou tentar acomodar as coisas pelo lado dela,

se não conseguir vou lá no Banco conversar com êle e aconselhá-lo.

DINAH - mas você precisa ter muito cuidado com o que vai dizer porque, no fundo êle é louco por ela, mesmo reconhecendo todos os seus defeitos.

LINDAURA - Que diga-se de passágem são inúmeros.

DINAH - Ela não teve berço e isto é muito importante na mulher.

LINDAURA - E o xxxx pior, ainda, é que deixou-se empolgar com a sua nova situação e passou a desprezar todas as suas amigas do tempo de pobreza. Das suas ex-colegas do banco, ela não se dá com nenhuma.

DINAH - Nem sei como é que ela admite você.

LINDAURA - Porque não sabe a minha verdadeira situação. Quando ela me conheceu, meu marido ainda existia. Ganhava muito bem e eu andava sempre nas altas rodas, gastando parelho com todas elas. Meu marido morreu e eu faço gato e sapato para continuar aparentando o mesmo estadão, possuindo apenas, como você sabe, a casa que moro e a pensão que êle me deixou. O dia que ela descobrir que eu sou uma pobretona, chuta-me com a mesma presteza com que chutou todas as outras.

DINAH - É, mas isto não é bom. Deus não gosta. O Padre Altemar ainda outro dia estava dizendo num sermão que devemos tratar a todos igualmente. Ricos e pobres. Como Cristo fez em vida.

LINDAURA - Não senhora, Cristo fez muito mais: tratou aos pobres xxxxx muito melhor do que tratou aos ricos. Se o Padre Altemar também não disse isto, eu digo para você. Não sou Carola, mas conheço todas as passágens da vida de xxxx Cristo.

DINAH - Foi uma vida admirável! Todos deveriamos imitá-lo.

LINDAURA - É, todos, mas / a verdade é que ninguem faz. Isto, por exemplo, que nós estamos fazendo agora, Cristo não aprova.

DINAH
XXXXXXXX - Por Deus, Lindaura! Que é que nós estamos fazendo?!

XXXXX
LINDAURA - Falando mal do próximo. Fazendo fofoca. Você acha que Cristo aprovaria fofoca?

XXXXXXXX
DINAH - Não, mas nós não estamos fazendo fofoca, estamos apenas fazendo um comentário sôbre a atitude de uma amiga que está merecendo censura. Só isto.

LINDAURA - Qual o que, Dinah, trocado em miudos o que nós estamos fazendo é a fofoca viva. Fofoca no duro. Porque se nós considerarmos bem as

coisas, com inteira isenção de ânimo, nós não passamos de duas respeitáveis fofoqueiras. O resto é conversa.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HELOISA - Você já sabe da grande novidade?

NADINHO - O que é que é?

HELOISA - Nossa irmã vem morar comnosco. A coroa está por conta.

NADINHO - A caipira? Vem morar aqui em casa? Puxa vida eu vou dá uma traqueada nela em dois tempos. No fim de um mês você vai ver como ela não vai parecê nem sombra do que foi.

HELOISA - Vai nada. Vê lá se papai vai deixá ela saí comtigo ou comigo.

NADINHO - E por que não? Não é nossa irmã? É melhor do que nós em alguma coisa?

HELOISA - Melhor não é, mas foi educada por uma avó quadrada - que tambem é a nossa avó, - mas que, felizmente, viveu sempre longe de nós e você acha que agora, depois de mulher feita, ela vai se adaptar à maneira como nós vivemos? Vai nada.

NADINHO - Vai, sim. Ela experimentando um dia o sabor da liberdade, nunca mais vai querer viver aperreada como viveu até hoje. Eu entrego ela prao Beto uma noite e o Beto traqueja ela logo.

HELOISA - Prao Betó? Puxa vida! Você não tem um amigo menos cretino pra apresentar à coitada?

NADINHO - Que é isso Heloisa? O Beto é um cara legal. Cretino por que? Si ele é cretino eu tambem sou.

HELOISA - E quem disse que você não é? Basta trazer um cara daqueles pra dentro de casa pra se ver que você é igual a êle.

NADINHO - Para aí, Heloisa, pára aí. O que é que tem de mal eu tê trazido o Beto aqui em casa? Êle tirou algum pedaço de alguem? Ofendeu você?

HELOISA - Ofendeu. Aquela proposta que êle veio me fazer da gente se casar pra êle poder entrar na grana do velho, não era nem de responder. Era de se dar uma bofetada.

NADINHO - E por que você não deu?

HELOISA - Porque êle é muito mal educado, ia me dar outra com muito mais força e eu é que ia sair perdendo.

NADINHO - Dava não. E aquilo foi brincadeira do Beto, não foi pra valer.

HELOISA - Brincadeira? Pois sim, brincadeira. Êle atirou a isca. Se pegasse êle tava na dele. Um grande cretino é o que êle é.

NADINHO - Bom, para de ofendê o Beto que êle é meu amigo eu não vou admiti.

HELOISA - Ofender por que? Por dizer uma coisa que êle é? Para tu de defender aquele indecente.

NADINHO - Heloisa eu tô te dizendo pra ti pará, hein? Tú continua vai sobrá pra ti. E tu sabe que eu não sou de ameaçá duas vezes.

HELOISA - Era só o que faltava, viu, Nadinho? Você me bater por causa de um cretinoide daqueles. E não pensa que eu vou ficar quiéta, não. Eu te jogo êste vaso na cabeça. Experimenta pra tu vê.

C/REGRA - PASSOS QUE SE APROXIMAM, RÁPIDOS

REGINALDO - (CHEGANDO, MEIO AFLITO) Mas o que é isso, pelo amor de Deus?! Dona Heloisa, largue êsse vaso, isso é uma peça de grande valor, se você chegar a quebrá-la seu pai vai ficar muito contrariado.

HELOISA - Que me importa o valor da peça? Si êle me bater vai levar com êste vaso pela cabeça.

REGINALDO - Seu Nadinho, por favor, saia. Deixe a dona Heloisa, ela está nervosa. (PAUSA) Saia, eu estou lhe pedindo.

NADINHO - Está bem, eu vou atender o teu pedido, Reginaldo, mas ela não perde por esperar. Tas me devendo uma, não te esquece.

HELOISA - E na hora que tu vieres cobrar, vais levar outra. O que estiver ao alcance da minha mão eu te jogo na cabeça.

NADINHO - Tá bem. Espera que tu vai vê.

REGINALDO - Vá, seu Nadinho, vá. Dona Heloisa, se acalme e fique quietinha.

C/REGRA - PASSOS LENTOS DE MALANDRO, SE AFASTANDO. SOMEM

REGINALDO - A senhora não deve brigar com êle, dona Heloisa. Êle é homem, é mais forte, a senhora sairá sempre perdendo.

HELOISA - Pode sêr, mas que êle vai ficar com a minha marca, vai.

C/ REGRA - PASSOS DE HELOISA QUE SE AFASTAM.

REGINALDO - Ah, meu Deus, e depois ainda há quem venha falar em educação moderna. Porque a educação moderna isto... porque a educação moderna aquilo... Isto é lá educação? Si é, eu prefiro continuar quadrado pelo resto da minha vida. No meu tempo os irmãos se criavam amigos. Hoje... São como cão e gato. Pelo menos estes dois que eu conheço.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HERMES - Lindaura! A que devo o prazer dessa visita inesperada?

LINDAURA - Como vai você?

HERMES - (GALANTEADOR) A partir deste momento esplendidamente bem.

LINDAURA - Hermes, eu tenho que começar por lhe pedir desculpas de vir procurá-lo aqui no banco, mas como o assunto que lhe trago é confidencial, eu não poderia tratar dele na sua casa, entende?

HERMES - Confidencial? Você tem um assunto a tratar comigo confidencial? Palavra que começo a ficar alarmado.

LINDAURA - Tambem não é motivo pra isto. Afinal de contas, você é diretor de um banco, eu posso ter vindo tratar com você de um assunto de dinheiro; não posso?

HERMES - Claro que pode. Não vai me dizer que está procurando hipotecar a sua casa; está?

LINDAURA - Deus me livre! Isto seria a última coisa que eu faria, em caso de aperto. Acho que quando já se passou de uma determinada idade, não há como se ter um teto garantido. Pelo menos da chuva a gente está livre. O assunto não é dinheiro, não, Hermes. É outro completamente diferente. Por incrível que possa parecer eu estou aqui para lhe dar um conselho.

HERMES - Um conselho?! (RISONHO) Mas... a propósito de que?

LINDAURA - Você me perdôe, Hermes. Pelo amor de Deus não vá ficar aborrecido comigo. Nós somos amigos de muitos anos e eu lhe tenho uma grande estima.

HERMES - Obrigado, Lindaura. Mas fale.

LINDAURA - O Conselho que lhe venho dar, Hermes... é a respeito de sua mulher.

OPERADOR - ACORDE FORTE, DE GRANDE SURPREZA.

HERMES - A respeito de Eugênia?!

LINDAURA - Exatamente. A respeito de Eugênia.

EUGENIA - (2º PLANO) Boa tarde.

OPERADOR - REPETE O ACORDE DE SURPREZA

HERMES - Eugenia! Por que não se anunciou?

EUGENIA - (APROXIMANDO-SE) Exatamente porque desejava apanhá-lo de surpreza. Disseram-me que estava acompanhado de uma senhora... eu quiz ver quem era.

OPERADOR - ENCERRAMENTO.

OPERADOR - ENCERRAMENTO.

LOCUTOR - Ouçam amanhã, neste mesmo horário, o terceiro capítulo desta novela de Érico Cramer, escrita especialmente para o elenco da Rádio Gaúcha. Tomaram parte no capítulo de hoje os seguintes elementos:

LOLITA ALVES como Eugênia

PEPE HORNES como Dr.Hermes

ESTER CASTRO como Lindaura

~~ELISABETH DORNELES~~ Lucia Lira Falheta como Heloisa

LUIZ SARDIM como Nadinho

SÍLVIA CARDOSO como Dinah

ALVARO SANTOS como Beto e

ADROALDO GUERRA como Reginaldo

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ENCERRAMENTO.

MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?

-Novela de ERICO CRAMER -

3º CAPÍTULO

Hermes PP.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA

LOCUTOR - Interrompemos o segundo capítulo desta novela quando Lindaura se preparava para dar um conselho ao doutor Hermes e surge, inesperadamente, no gabinete, sua mulher Eugênia. Recordemos o que diziam.

04.11. 20 11

OPERADOR - SOBE A MÚSICA POR MOMENTOS E CAI EM BG.

LINDAURA - O Conselho que lhe venho dar, Hermes, é a respeito de sua mulher.

OPERADOR - RAJADA MUSICAL DE SURPRESA

HERMES - A respeito de Eugênia?!

LINDAURA - Exatamente. A respeito de Eugênia.

EUGENIA - (2º PLANO) Boa tarde.

OPERADOR - REPETE A RAJADA MUSICAL

C/REGRA - PASSOS DE EUGENIA QUE SE APROXIMAM.

HERMES - Eugenia! Por que não se anunciou?!

EUGENIA - (APROXIMANDO-SE) Exatamente porque desejava apanhá-lo de surpreza. Disseram-me que estava acompanhado de uma senhora... eu quiz ver quem era.

LINDAURA - Era eu.

EUGENIA - Falavam sôbre mim? Tive a impressão de ouvir o meu nome, quando cheguei.

LINDAURA - (LIGEIRAMENTE ATRAPALHADA) Bem... é claro... eu perguntei por você quando cheguei. Naturalmente foi isto que você ouviu.

EUGENIA - Eu não venho atrapalhar a entrevista?

LINDAURA - De forma alguma. O que eu vinha tratar com o seu marido posso perfeitamente tratar na sua presença. Afinal... entre amigos não há necessidade de segredos ou restrições. Eu estou querendo fazer um empréstimo no Banco, para realizar um negócio que me parece bom e dar a minha casa como garantia. Será isto possível, Hermes?

HERMES - Talvez. Depende do valor da sua casa e do empréstimo que você pretende levantar. Os técnicos do Banco irão opinar sôbre o imóvel, para se saber si êle cobre ou não o empréstimo.

LINDAURA - Essas coisas demoram, pois não?

HERMES - Nem tanto. E depois, havendo o interesse de um diretor amigo elas andam sempre um pouco mais depressa.

LINDAURA - Está bem, então si eu concretizar a ideia do negócio, telefono para você me mandar o técnico lá em casa; combinado?

HERMES - Perfeito.

LINDAURA - Obrigada e perdôe por lhe ter roubado o seu precioso tempo.

HERMES - Que é isso, Lindaura? Foi um prazer.

LINDAURA - Adeus, querida. (PAUSA) Não me beija?

EUGÊNIA - Fiz a minha maquiáge agora, não quero desmanchá-la. Fico a dever-lhe um beijo.

LINDAURA - Está bem. Eu vou cobrar essa dívida.

C/REGRA - PASSOS DE LINDAURA QUE SE AFASTA. SOMEM.

HERMES - E você? manda alguma coisa?

EUGÊNIA - O que é que ela veio fazer aqui?

HERMES - O que você ouviu, querida.

EUGÊNIA - O que eu ouvi não me convenceu. O que foi que Lindaura veio fazer aqui?

HERMES - Se foi por outra coisa que veio, não chegou a dizer. A sua entrada não lhe deu tempo.

EUGÊNIA - Então confessa que ela ia falar de outra coisa?

HERMES - Oh, Eugênia, que é isso? Como posso saber, si ela não chegou a dizer mais nada do que aquilo que você ouviu?

EUGÊNIA - Ela se atrapalhou quando me viu. É muito esperta mas eu também sou. Garanto como ela veio aqui para lhe falar de mim. Quer apostar?

HERMES - mas o que é que ela poderia vir me dizer a seu respeito? Francamente não posso nem imaginar. Sugira qualquer coisa que possa me abrir a ideia.

EUGÊNIA - Sei lá. Lindaura se diz minha amiga, mas no fundo ela tem um grande despeito pela minha situação bastante superior à dela. É uma mulher despeitada, meu caro... uma mulher despeitada é capaz de tudo. Agora, então, que eu fui apontada como elegante e ela não... isso deve estar machucando um bocado o seu coração.

HERMES - Bem, mas deixemos a Lindaura e tratemos de nós. O que a trouxe aqui?

EUGÊNIA - O que me traz sempre.

HERMES – Dinheiro? Mas demoram, pois não?

EUGÊNIA – Dinheiro. Temos jogo, hoje, na Consuleza Natália e lá a coisa é para valer.

HERMES – Por falar em dinheiro eu gostaria de trocar impressões com você a respeito de nosso filho. Ele está gastando demais. Você poderia falar com êle a respeito.

EUGÊNIA – Eu falar com Nadinho?! Mas por que eu e não você?

HERMES – Porque êle não me dá ouvidos.

EUGÊNIA – E si êle não dá ouvidos a você, acha que vai dar a mim? Nadinho já é um homem feito. Sabe o que faz.

HERMES – Homem feito com dezenove anos?

EUGÊNIA – Claro. Para quem começou a viver aos quatorze, desenove é homem feito. Ou você acha que cinco anos de experiência da vida não bastam?

HERMES – Não sei, Eugênia... francamente não sei... Eu às vezes penso que minha mãe tem razão em certas coisas que diz.

EUGÊNIA – Pronto. Lá vem você com as regras do passado querendo governar o presente. Meu caro, os tempos são outros. Hoje os rapazes e as moças já sabem o que querem e o que fazem. Não andam, como no tempo antigo, de olhos vendados. É isso é que está certo, a meu ver.

C/REGRA – PÊNDULO BATE QUATRO BADALADAS ESPAÇADAS.

EUGÊNIA – Meu Deus, quatro horas e eu ainda estou aqui. Dê-me meio milhão, por favor. É depressa que eu não posso demorar mais.

OPERADOR – CORTINA MUSICAL

DINAH – Ela vai demorar muito? Não sabe?

REGINALDO – Acredito que sim. Ela hoje tem reunião de jogo, geralmente só aparece em casa à noite. Nunca antes das oito.

DINAH – O senhor não acha isto uma coisa horrível, seu Reginaldo?

REGINALDO – O que, dona Dinah?

DINAH – Uma dona de casa passar uma tarde inteira e entrar pela noite jogando? E o marido? E os filhos? Ficam às moscas nesses dias?

REGINALDO – O marido trabalha muito. Vem para casa quasi na mesma hora em que ela chega. Não chega a lhe causar nenhuma atrapalhação a esposa ter estado fora. Os filhos... a senhora sabe como é a juventude de hoje. Eles são auto-suficientes, não precisam da mãe e do pai sinão para lhes dar dinheiro.

DINAH - E o senhor acha que isto está certo? Não pode estar. A juventude tem que ser guiada, tem que ser vigiada. Uma mãe precisa acompanhar a vida dos filhos passo a passo. E assim mesmo muitas vezes êles caem, imagine, agora, si êles não têm quem os controle e fazem o que bem entendem. A minha visita de hoje à Eugênia se prende exatamente a êste assunto. Nós vamos fazer, lá na Paróquia, uma escola de educação de mães e eu vim convidá-la a assistir as conferências que serão feitas. A aula inicial será dada por um padre do maranhão, professor de psicologia e dizem todos que vai ser um colosso. Êle vai abordar exatamente êste assunto: o excesso de liberdade que as mães modernas concedem aos filhos. A Eugênia, mais do que ninguem precisava assistir a essa palestra.

REGINALDO - Eu posso dar seu recado a ela, se a senhora quizer, mas duvido muito que dona Eugênia vá ter paciência de assistir a uma conferência de padre. Ela diz que não vai à missa por causa dos sermões, por aí a senhora já pode tirar uma média.

DINAH - Ah, pois é, mas na hora que a dor aperta, sabem correr para a igreja e encher os santos de promessas. E os santos são tão bobos que ainda atendem gente assim.

REGINALDO - Bobos ou espertos. Talvez atendam exatamente para atraí-los para junto de Deus. Diga-me, por favor, dona Dinah, essas conferências vão ser só para as mães? Os homens não podem assisti-las?

DINAH - Poder, podem. Por que não? Elas são dirigidas às mães, mas aos pais elas poderão ser tambem bastante úteis. Você acha que o doutor Hermes seria capaz de querer assistí-las?

REGINALDO - Não, o doutor Hermes não dispõe de tempo. Trabalha todo o dia e quási todas as noites faz serão...

DINAH - Êle não perderia a noite, se em vez de trabalhar fôsse assistir a uma dessas conferências.

REGINALDO - Mas êle não vai. E a dona Eugênia posso lhe garantir que muito menos. Quem está querendo ir sou eu. Apezar de não ser casado e não ter filhos, acostumei-me a ver na dona Heloisa e no seu Nadinho os filhos que eu não tive e muitas vezes tenho vontade de dizer-lhes umas tantas coisas, apontar-lhes um caminho certo na vida, mas como fazer isto se me faltam as palavras, se me falta a exper

ência, se me faltam argumentos para convencê-los? Afinal, empregar os mesmos métodos com que eu fui criado já não é mais possível. Os tempos são outros. E embora os alicerces da educação devessem continuar os mesmos, apenas aparados, modificados aqui e ali, adaptados às exigências da vida moderna, a verdade é que os princípios de ontem não só foram totalmente abandonados como são até ridicularizados pelos moços de hoje.

DINAH - É. O senhor tem toda a razão. Mas a coisa cada vez fica pior porque os velhos em vez de lutar e fazer ver de que lado está a verdade, cruzam as armas e deixam o mal avançar sem peias. Não está certo. Em grande parte a culpa é tambem nossa por isso. Vá, seu Reginaldo, vá assistir as conferências e depois trate de procurar salvar estes alucinados que vivem aqui dentro. Pais e filhos. Não são só os filhos, não. (TOM DE FOFOCA) Ah, é verdade, eu agora me lembrei: quando é que ela chega?

REGINALDO- Ela quem?

DINAH - (SEMPRE EM TOM DE FOFOCA) A outra filha do doutor Hermes?

REGINALDO - Não sei. Ouvi falar aí que até o dia dez.

DINAH - Diz que a Eugênia está desesperada?

REGINALDO - Bem... dizer que ela está contente, não está, mas eu tenho a impressão de que não vai haver problemas. Dona Márcia não vai se meter na vida de ninguem aqui. Ela é muito pacata. Muito acomodada.

DINAH - Pudéra: Educada pela avó, nos princípios do respeito e da obediência... Bem, seu Reginaldo, eu agradeço muito a sua atenção e quando voltar para falar com Eugênia já lhe digo o local, o dia e a hora exata da conferência.

REGINALDO - Ah, a senhora vai voltar para falar com dona Eugênia? Mas ela não vai. Tenho certeza.

DINAH - Não importa. É aquilo que eu lhe disse ha pouco de cruzar as armas sem lutar. Eu não faço isto. Não faço.

REGINALDO - Está muito bem, então nem vou dizer a ela que a senhora veio.

DINAH - É melhor, é melhor. Sinão ela pode dar órdens para o senhor me dizer que ela não está. Será melhor que a pegue de surpreza.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

OPERADOR - RUIDOS CARACTERÍSTICOS DE RUA - PRAÇA - PÁSAROS ETC.

HELOISA - Você parece que vem me seguindo, Beto. O que é que você quer?

BETO - Conversar um pouco com você; não posso?

HELOISA - O que é que você pode ter para conversar comigo, depois daquela bobagera que você me propoz?

BETO - Aquilo passou e até pensei que você já tivesse esquecido. Vamo sê tá neste banco que eu tenho um negócio pra pedi pra você.

HELOISA - Eu não posso demorar muito, não. Tenho um compromisso às quatro e meia e já são quasi quatro.

BETO - Em dez minutos eu digo tudo que tenho pra dizer.

HELOISA - Então fale logo.

BETO - Sabe o que é? Eu queria fazê uma brincadeira com o corôa lá em casa e precisava que você me ajudasse.

HELOISA - Que espécie de ajuda é que você quer?

BETO - Bem... sabe o que é... eu precisava que você me desse um retrato seu com dedicatória prao velho, fingindo assim que está apaixonada por êle, pra depois a gente caí na pele dele e cosinhá êle no baio. Você já pensou a gozação?

HELOISA - Você não pode arranjá outra, não, Beto? Hêi de ser logo eu?

BETO - Tem que sê uma garota bacana, sinão o velho nem vai se interessar e a brincadeira perde a graça.

HELOISA - Mas eu nem tenho retrato, a não ser daqueles pequeninhos que a gente usa em carteira de identidade.

BETO - Serve, não faz mal. Serve qualquer um. O negócio é a gente tê um retrato pra poder fazer a gozação.

HELOISA - Deixa ver si eu tenho algum aqui na bolsa. (PAUSA) Acho que não tenho.

C/REGRA - RUIDO DE CAIR BOLSA NO CHÃO DE AREIA E ESPARRAMAR COISAS

HELOISA - Ih, lá se foi tudo no chão.

BETO - Deixe que eu junto.

HELOISA - E o pior é que eu não tenho nenhum retrato. Você passa outro dia lá em casa que eu lhe arranjo um.

BETO - O que é isto?

OPERADOR - RAJADA MUSICAL DE GRANDE SUSTO.

BETO - Você... você também toma este negócio, é?

HELOISA - (ATRAPALHADA) não, não, isso não é meu. É de uma colega que me pe-
HELOISA - diu para guardar, com medo que a mãe descobrisse na bolsa dela.
BETO - É, não é? Eu te manjo. Com essa cara de santinha e um vidro de...
HELOISA - (CORTA, NERVOSA) Eu já disse que não é meu. Que é de uma colega.
Se você quizer acreditar, acredite; se não quizer, melhor. E eu
BETO - vou-me embora que já estou quasi na hora do meu compromisso. Tchau.
BETO - Tchau. Olha o retrato, heim? Depois eu passo lá pra apanhá. (PAUSA)
HELOISA - Puxa vida! Quem é que ia dizê? E depois se a gente mete a mão vem
com a papolina da falta de respeito e outras coisas mais. Mas agora
BETO - eu já sei como é que vou agir. Tenho ela na minha mão.
OPERADOR - CORTINA MUSICAL
NADINHO - A que horas vai saí a gordurama hoje aqui em casa?
REGINALDO - Acho que à hora do costume. A não ser que sua mãe chegue mais
HELOISA - tarde, porque seu pai não vem jantar. Avisou pelo telefone.
NADINHO - O velho não vem jantar? Puxa vida, mas eu precisava tanto falar
com êle. Será qué ainda está no Banco?
REGINALDO - Capaz. Ele às vezes trabalha até tão tarde...
C/NEGRA - RUIDO DE DISCAR TELEFONE E CHAMADAS CONSTANTES DO OUTRO LADO DA
HELOISA - LINHA. NINGUEM ATENDE. RUIDO DE DESLIGAR.
NADINHO - Já saiu todo mundo. Não tem mais ninguem. Bolas! O velho não podia
inventá outra coisa? Logo hoje! A velha foi jogá, não sabe?
REGINALDO - Foi. Hoje era na casa da Consuleza. Ouvi ela dizer.
NADINHO - Então si ela ganhou não tem problema; eu me arrumo com ela. O di-
BETO - bo é que ela sempre perde. Tem um azar danado. Reginaldo, você
não terá algum pra me emprestá até amanhã?
REGINALDO - Em casa, muito pouco, ~~xxx~~ seu Beto. Eu guardo o meu dinheiro no
banco. mas o pouco que está aí se o senhor quizer pode levar.
NADINHO - Quanto é?
REGINALDO - Quarenta cruzeiros.
NADINHO - É grana mixuruca. não dá pra nada. Eu precisava pelo menos duas
HELOISA - quinas.
REGINALDO - Duas quinas? O que é isso, seu Nadinho?
NADINHO - Duas notas de cincoenta. Cem cruzeiros. Pelo menos cem cruzeiros.
REGINALDO - É pena, mas em casa não tenho mais que quarenta.
NADINHO - Então o remédio é mesmo esperar a velha.

REGINALDO - Vai querer que eu lhe sirva o jantar antes?

NADINHO - Não adianta. De todo o geito eu vou ter que esperar.

REGINALDO - Então eu vou aproveitar a oportunidade para fazer uma conversinha com o senhor; pode ser?

NADINHO - Que tipo de conversinha?

REGINALDO - Umas coisas que há muito tempo eu tinha vontade de lhe dizer, mas não tinha tido oportunidade. O senhor está sempre correndo, quando não estão outras pessoas presentes e essa conversa tinha que ser só entre nós dois.

NADINHO - Pois então fale logo, antes que chegue alguem e bote areia no seu sapato.

REGINALDO - Seu Nadinho, quando eu entrei para esta casa, ha doze anos, o senhor era um garotinho de sete. Eu o levava a passear e muitas vezes os meus dias de folga foram gastos levando-o a assistir uma sessão de circo ou de cinema, embalando-o nos balanços do parque, fazendo circulares nos bondes para distraí-lo, enquanto sua irmã ficava entregue à babá e seus pais faziam programas de equitação ou saiam a velejar com os amigos. Era natural e lógico que,diante de tais circunstâncias, eu me afeiçoasse ao senhor. Acontece que à medida que os anos foram passando,o senhor foi crescendo e se afastando de mim. E a tal ponto chegou êsse afastamento que um dia o senhor achou ruím que eu o tratasse por tu na frente dos amigos. Foi uma tristeza para mim,mas consegui superá-la e acostumar-me, afinal, ao novo tratamento. Isso, contudo, não modificou a minha afeição pelo senhor e eu prossegui acompanhando a sua vida, dia após dia, e sofrendo ao sentir que o senhor ia se afastando do caminho da razão. Ninguem percebeu nada aqui em casa, até agora, mas eu percebi tudo e venho fazer-lhe um apêlo para que volte ao caminho do bom senso.

NADINHO - Velho, eu vou te dizê uma coisa: tu falô paca e eu não entendi neca.

REGINALDO - Entendeu, sim seu Nadinho. O senhor sabe, perfeitamente, que estou me referindo àqueles telefonemas recebidos tarde da noite e que o tiram da cama para levá-lo àquele reduto de viciados e criminosos.

NADINHO - Como é que você pode saber?

REGINALDO - várias vezes eu o segui pelas sombras da noite. Várias vezes. Depois tentei falar-lhe sôbre o assunto mas você me fugia como foge a agua entre os dedos da gente. Evitava que lhe dissesse alguma coisa, como que advinhando as coisas que eu iria dizer. Mas eu persisti e aqui estou agora a fazer-lhe esta advertência, porque não quero, amanhã, sentir remorsos por não ter extendido um braço para salvá-lo.

NADINHO - vocês, velhos, são engraçados à bessa. Viveram lá no ano de mil gi tocentos e vai te virando e nunca se deram conta que o tempo correu, que as coisas mudaram, que a vida de hoje é diferente da daquele tempo e que a juventude de hoje não pode levar a vida que vocês levaram, sob o risco de morrerem de tédio. Velhinho, vocês hoje já não sabem mais nada pra ensinar pra gente.

REGINALDO - Engano, seu Nadinho, puro engano. O que a experiência ensinou, vale em qualquer tempo. Pense bem no perigo que está correndo e trate de afastar-se dele, em vez de estar querendo arrastar outros ingênuos e inexperientes na sua queda. Aí o seu crime será dobrado.

NADINHO - Para, velhinho, não enche com êsse tróço. E não te aroba que eu tô no meu. Vai por mim e deixa o barco corrê.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

LINDAURA - Estive lá no nermes mas não pude falar com êle. Na ocasião que ia iniciar o assunto, Eugênia chegou e eu fui obrigada a disfarçar.

DINAH - Pois eu estive na casa dela, para fazer um convite e não a encontrei. Havia saído para uma dessas tais reuniões de jogo, na casa de uma consuleza aí não sei de quantos.

LINDAURA - Você ia falar o que pra ela? Pelo amor de Deus não toque no assunto da enteada que ela vai ver que fui eu que lhe contei e pode ficar aborrecida de eu estar colhendo as coisas lá e trazendo pra cá.

DINAH - Mas eu nem pensava falar-lhe sôbre isto, Lindaura. Fui lá para outra coisa muito diferente. Lembra-se que eu lhe falei de uma escola que a paróquia vai fundar, para ensinar as mães a educarem seus filhos?

LINDAURA - Claro que me lembro, mas você não vai me dizer que alimenta esperanças de que a Eugênia frequente essa escola.

10.

DINAH - Freqüente ou não freqüente, eu não quero deixar de dar-lhe a oportunidade de aprender uma coisa útil. Si ela quizer, aproveite. Se não quizer... não terá que se queixar, amanhã, quando vier a reconhecer a sua total ignorância. O nosso dever de cristãs é extender a mão a quem necessite, mesmo que sejamos repelidas. E ninguem necessita mais do que a Eugênia. Ela não tem a menor noção de como educar aqueles filhos. Com a desculpa de ser mãe moderna ela os deixa num abandono total e êles andam por aí a fazer sabe Deus o que! Isto era outra coisa que você devia tambem falar ao doutor Hermes.

LINDAURA - Não, Dinah. Nesse palheiro eu não meto a minha agulha que ela se perde. Vou falar sôbre a Márcia porque acho uma injustiça a Eugênia se recusar a recebê-la, quando o marido é tão bom pra ela e dá-lhe tudo. E afinal ela é filha dele, que diabo!

DINAH - E é êle que paga tudo.

LINDAURA - Claro. E como paga! Por isso mesmo é que eu vou dizer a êle que endureça e faça questão cerrada que a Márcia venha. Si ela não quizer que saia de casa e vá para qualquer lugar. O que elá não pode é fechar a porta da casa do pai para a menina.

DINAH - Quando é que você pensa voltar a falar com êle?

LINDAURA - Amanhã mesmo, antes que êle desista de trazê-la.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - O Nadinho não está. Jantou mais cedo e saiu.

BETO - Não é com êle que eu quero falar. É com a Heloisa.

REGINALDO - Pois não. Espere um momento que eu vou chamá-la.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTÃM. PORTA QUE ABRE E FECHA, AFASTADA.

BETO - (ASSOBIA QUALQUER COISA DURANTE UM MOMENTO. PARA REPENTINAMENTE) Oh Oba! O último disco do Taiguara. Ainda não ouvi. (PAUSA) Deixa ver como é que se maneja êste tróço aqui.

C/REGRA - RUIDOS DE MEXER COM ELETROLA. LIGAR, DESLIGAR. TORNAR A LIGAR.

BETO - Ah, é assim.

OPERADOR - DEPOIS DE PAUSA, ENTRA COM O ÚLTIMO DISCO DE TAIGUARA EXISTENTE. TOCA UM PEDAÇO REGULAR, AO CRITÉRIO DO DIRETOR.

C/ REGRA - PORTA QUE SE ABRE E FECHA, AFASTADA. PASSOS DE HELOISA QUE SE APROXIMAM.

OPERADOR - LEVA A MÚSICA PARA FUNDO, OU SUSPENDE.

HELOISA - Boa noite.

BETO - Boa noite, Heloisa. Você não esperava que eu viesse tão depressa procurá-la; não é mesmo?

HELOISA - É. De fato não esperava. O que é que você quer?

BETO - A fotografia que eu lhe pedi, com dedicatório pro meu corôa.

HELOISA - Ah, sim. (PAUSA, MEDINDO AS PALAVRAS) Beto, você sabe que eu resolvi ao contrário? Não vou lhe dar a minha fotografia?

BETO - Não vai? Por quê?

HELOISA - Porque resolvi não dar. Pensei melhor.

BETO - Eu acho que se você pensar melhor ainda você vai me dar.

HELOISA - Não vou. Já disse que não vou e está resolvido.

BETO - Ah é? Então você vai me obrigar a ir amanhã mesmo ao Banco procurar o seu corôa e contar pra êle o que eu sei.

HELOISA - E o que é que você sabe? Pode me dizer?

BETO - Já se esqueceu do que caiu de dentro da sua bolsa hoje de tarde, na praça?

HELOISA - Eu já lhe disse que aquele vidro pertence a uma colega minha.

BETO - Ah, é? E você sabe que eu lhe segui e fiquei sabendo qual era o seu compromisso das quatro e meia?

OPERADOR - RAJADA MUSICAL DE SUSTO.

BETO (PAUSA) - Agora você resolva. Ou me dá o retrato... ou então vai ter.

OPERADOR - ENTRA COM A CARACTERÍSTICA DE ENCERRAMENTO. CAI PARA BG.

LOCUTOR - Este foi o terceiro capítulo de "MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?" uma novela de Erico Cramer, escrita especialmente para o elenco rádio-teatral da GAÚCHA. Tomaram parte no capítulo de hoje... ALVARO SANTOS - ELISABETH DORNELLES - ADROALDO GUERRA - ESTER CASTRO - SÍLVIA CARDOSO - LOLITA ALVES - LUIZ SANDIM e PEPE NUNES. Ouçam amanhã, no mesmo horário a continuação desta empolgante estória.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ENCERRAMENTO.

4º Capítulo

1ª Cena - Heloisa x Beto = Ele quer o retrato dela com dedicatória pª o pai dele. Ela não quer dar. Ele ameaça de ir ao Banco contar o que ele viu (o vidro, o compromisso das 4 1/2) Ela por fim promete pª o dia seguinte. Ela quer que ele vá embora ele não quer quer beber.

2ª Cena - Reginaldo vem perg. a Eugenia se pode preparar o quarto de hospedes. Marcia chega dia 10 e é dia 6. Ela diz que não que ela ainda tem esperanças de ~~que~~ convencer o marido a bota la num ~~[illegible]~~ pensionato. Ele aconselha Eugenia a não fazer mas ela não aceita. Reg. diz que Eug. vai ficar mal colocada com os amigos da familia.

3ª Cena - Lindaura ligando telefone ~~com~~ e falando c/ Reginaldo Lindaura quer saber se Reg. fez o que ela pediu. Reg. diz que Eugenia não cedeu. Lindaura aconselha Reginaldo a falar c/ Hermes e diz que ela tambem vai ao Banco ~~pedir~~ aconselhar Hermes a resistir

4ª Cena - Beto x Nadinho - falando s/ planos do grupo Diz Beto a Nadinho que vão ter trabalho bacana e os dois vão ficar no mesmo grupo. Vão ganhar grana de pamparra.

5ª Cena - Lindaura e Hermes. Lindaura voltou pª falar c/ Hermes. Falam s/ o encontro da vespera que a presença inesperada de Eugenia interrompeu. Lindaura fala s/ a vinda de Marcia e conta que Eugenia contou as amigas que vai fazer tudo pª colocar Marcia num pensionato. Aconselha Hermes a resistir. Ele diz que é pacifico mas Lindaura diz que ele terá que brigar.

6ª Cena - Eugenia Rido Convite de Dinah pª frequentar a Escola de Educação de Mães? Discutem s/ a educação dos jovens. Eugenia acha que na época da velocidade não pode pedir aos filhos que andem de vagar. Chega Heloisa ela pergunta as duas riem. Dinah lava as mãos.

7ª Cena - Hermes perg. a Reginaldo se Eugenia mandou preparar o quarto de Hospedes. Reg. diz que não. Hermes pergunta si ele ouviu Eugenia dizer que não queria e Reginaldo, depois de hesitar responde que sim. Hermes pergunta si Reg. acha aquilo justo, Reginaldo diz que não. Elogia

Maria, dizendo que se ele tivesse uma filha como ela seria um homem Realizado. Hermes agradece dizendo que sabe que a filha não estará lá.

8ª Cena - Hermes x Eufemia. Ele avisa a ela que recebeu telegrama avisando que a filha chegará no dia seguinte. Eufemia diz que não quer que Maria se hospede lá. — Termina o Capítulo —

MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?

-Novela de Erico Cramer -

6º CAPÍTULO

Voz c/ Regra

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao finalizar o quinto capítulo desta novela encontramos Beto e Heloisa, no jardim da casa desta, em hora tardia, discutindo a entrega de um retrato da moça que o rapaz resolveu possuir para usá-lo como chantage contra o seu próprio pai. Heloisa esquiva-se de dar-lhe o referido retrato com o temor de se comprometer, mas Beto se vale de um segredo da moça que êle conhece, para quebrar-lhe a resistência. Recapitulemos uma pequena parte desse diálogo.

04.11.2011

OPERADOR - Sobe A CARACTERÍSTICA E VOLTA A BG. SOME. RUIDOS DE NOITE.

HELOISA - Outra vez, Beto!! Quando é que você vai perder essa mania de dar susto na gente?

BETO - Quando você aprender a cumprir os seus compromissos. Cadê o retrato?

HELOISA - Não ficou pronto. Só amanhã.

BETO - Vê lá, hein? Não pensa que eu me deixo enrolá assim tão fácilmente. Si amanhã êle não estivê nas minhas mãos, você vai vê o que lhe acontece.

HELOISA - Por que essa pressa de fazer uma brincadeira/? Uma simples brincadeira como você afirma que é?

BETO - Porque a semana que vem... (CORTA BRUSCAMENTE)

HELOISA - (DEPOIS DE PAUSA) Diga.

BETO - Porque a semana que vem eu não sei o que é que vai acontecê, só isso.

HELOISA - Não sabe o que vai acontecê?! Como assim? Não sabe por que? Não estou entendendo.

BETO - E é melhor que não entenda mesmo. Não te mete nessa. Deixa isso pra home.

HELOISA - Outro dia tambem o Nadinho fez uma referência misteriosa à semana que vem. Que é que vocês estão planejando, Beto?

BETO - Eu já te disse pra tu não te metê em assunto de home. Fica quieta aí. Te apiana.

HELOISA - Boa coisa vocês não estão tramando. E eu fico muito preocupada pelo Nadinho. Êle bota banca de sabido mas é um bobo de marca. Qualquer um enrola êle.

BETO - Isso é o que tu pensa. O Nadinho é o mais vivo de todo o grupo. Nem o chefe manja os trôço como êle.

HELOISA - Nem o chefe? Que chefe? Então o grupo de vocês tem chefe?

BETO - Bom... quê dizê... Chefe é maneira de falá. Todo o grupo tem o cara que dá as dica. Nós tambem temos. (IMITANDO) Turma, hoje vamo aqui. Turma, hoje vamo ali. Esse cara serve pra turma, êsse não serve... (TOM) Essas coisas. (TOM) Mas querê dizê que o Nadinho é boboca, êsa não. As ideia bacana são sempre da cabeça dele. É sempre êle que inventa os trôço legal.

HELOISA - Tá bem, Beto, mas eu preferia que êle não se metesse com vocês, tá?

BETO - Você acha que nós somos mais cafajas do quê o seu irmão, ê? Pois olha garotona, êle não fica pra traz, não. A corrida é braba, viu?

HELOISA - Êle não era assim, antes de andar com vocês.

BETO - Mas não aprendeu nada com a gente; tá ouvindo? Já sabia tudo quanto feiz até agora.

HELOISA - Bem, eu vou dormir que estou cansada. São quasi duas horas da manhã.

BETO - Não esquece amanhã, hein garotona? Olha lá. Eu passo aqui de noitesinha. Chega de fazê falseta; tá? Você parece que tá com medo de dá o retrato. Que é que você pensa que eu vou fazê com êle?

HELOISA - Sei lá. Gente como vocês é capaz de tudo.

BETO - Para aí, tchê. Não precisa ofendê, tá? Se eu disse que o retrato é pra fazê uma brincadeira, tá dito. Vai dormi, vai.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

REGINALDO - Bom dia, dona Márcia. Dormiu bem?

MARCIA - Bom dia, Reginaldo. Dormi muito bem, sim. Obrigada. A cama é ótima, o banho melhor ainda e o quarto muito simpático. Esta janela para o jardim me entusiasmou. De manhã eu corro a cortina e vejo flores. Pode-se desejar coisa melhor? Agua e flores são a minha paixão Reginaldo.

REGINALDO - São duas coisas realmente belas. Montanha tambem.

MARCIA - Montanha já ne me causa a mesma alegria. Faz-me opressão.

REGINALDO - Eu vim saber da senhora se quer tomar o café aqui ou na mesa.

MARCIA - Eu talvez prefira ir à mesa pela oportunidade de ver e falar com Márcia e Nadinho que eu ainda não vi.

REGINALDO - Mas não tenha ilusão de vê-los antes do meio dia.

MÁRCIA - O que?!... Eles dormem até tão tarde assim?

REGINALDO - Deitam-se de madrugada, onde irão buscar energias para levantar cedo? Dona Heloisa ainda uma que outra vez consegue levantar-se antes das onze. Nadinho só quando é chamado para o almoço e olhe lá. Às vezes se vira na cama e enfia até às cinco horas da tarde.

MÁRCIA - Mas o que é que êles fazem que precisem deitar de madrugada?

REGINALDO - Sabe-se lá, dona Márcia. E é uma tolice minha, mas eu não consigo dormir um sono profundo antes de sentir que êles entraram em casa. O pai e a mãe dormem como anjos, êles que deveriam se preocupar. São corôas modernos,pra frente, como se orgulham de dizer, mas cá no meu modo de ver,eu acho que o que êles são é uns grandes displicentes,é uns grandes comodistas. Educar dá trabalho, então eles chamam o não educar de educação moderna. A criança faz o que quer e não pode ser contrariada para não torcer a personalidade. Para que os pais não se incomodem, é o que é.

MÁRCIA - É isto mesmo, Reginaldo. Você tem toda a razão. Eu às vezes me aborrecia com as exigências da Avôsinha, com o seu excesso de cuidados, com o seu exagero e as suas limitações, mas depois que eu vi o que sucedeu às minhas amigas, educadas num regimen completamente diferente do meu, eu acabei por me convencer que a avosinha é que estava certa. Hoje eu posso andar perfeitamente sôzinha para qualquer lado, sem o menor receio do que me possa acontecer, porque sei que os princípios em que fui educada, transformaram a inexperiência e a ingenuidade da jovem numa couraça inexpugnável.

REGINALDO - Dizem que da discussão nasce a luz, mas êsse conflito de gerações que estamos presenciando não trará luz nenhuma à juventude porque os velhos se omitem por comodismo em vez de lutar e procurar convencer os jôvens que a razão está sempre no meio têrmo. Entre o retardamento da velhice e a afoiteza da mocidade.

MARCIA - Exato.

REGINALDO - Bem, mas... e afinal o seu café; como é que ficamos?

MARCIA - Se não vou encontrar Heloisa e Nadinho na mesa, prefiro tomar no quarto. Estou mais à vontade.

REGINALDO - Então já vou mandar servi-la. Com licença.

EUGENIA - Eu já não lhe disse uma vez que vou descer? Preciso dizer segunda

HERMES - Você disse, mas até agora ainda não se decidiu. Podia ter resolvi ao contrário e deixar-nos esperando indefinidamente.

EUGENIA - Vou descer, já disse. Vou descer. Quer que repita ainda mais uma vez

HERMES - Não é preciso. Agora que já sei que você vai, fico à espera.

EUGENIA - Nadinho tambem faz questão de estar à mesa. Seria bom providenciar para mandar chamá-lo.

HERMES - Já tratei disto, antes de vir aqui ao seu quarto, mas ao contrário do que você está dizendo, êle declarou ao Reginaldo que não se sentaria na mesa com Márcia e almoçaria no quarto. Fiz o Reginaldo voltar e dizer-lhe que eu, simplesmente, lhe cortaria a mesada si êle se atrevesse a proceder dessa forma.

EUGENIA - Você, naturalmente, disse isto para assustá-lo; não é verdade? Não pretende fazer semelhante coisa.

HERMES - Pretendo. Nadinho não tem nenhum motivo de Márcia que o estima sinceramente como um irmão que êle é dela. Por que, então, desconsiderá-la? Não vou admitir.

EUGENIA - Você vê como eu tinha razão quando dizia que a vinda dessa moça para a nossa casa ia alterar completamente o curso de nossas vidas? Já começou. Você está outra pessoa. Irreconhecível, Hermes.

HERMES - Estou procedendo da maneira que me parece mais justa. E acho que você faria a mesma coisa no meu caso.

EUGENIA - Heloisa vai descer?

HERMES - Não sei, mas mandei-lhe tambem o mesmo recado.

EUGENIA - Bem, se quer ir, vamos. Eu estou pronta.

OPERADOR - PASSAGEM MUSICAL

MÁRCIA - Heloisa e Nadinho estão tão calados. Ainda não ouvi a voz dos dois.

EUGENIA - (FRIA) Cansados. Deitaram-se muito tarde.

MÁRCIA - Eu tinha vontade de revê-los. Sentia saudades, sabem?

C/REGRA - RUIDOS DISCRETOS DE TALHERES E PRATOS.

HERMES - Logo no jantar êles vão conversar direitinho com você, minha filha.

(CONT.) Quando acordam antes da hora do costume, ficam enburrados como criança malcriada.

REGINALDO - (2º PLANO) Aceita um pouco mais do assado?

MARCIA - Não, obrigada. Eu estou servida. Almocei muito bem. (TOM) Você pode sestear à tarde, Heloisa, ou tem obrigações que a impeçam. (PAUSA MAIOR. SILÊNCIO)

HERMES - (INDIGNADO. CONTEIDO-SE) Heloisa, Márcia falou com você.

EUGENIA - (FRIA) Ela não ouviu.

HERMES - Márcia perguntou se você pode sestear à tarde. Ouviu agora?

HELOISA - (SECA) Posso.

HERMES - Acho que podemos tomar o nosso cafêsinho no jardim de inverno, ouvindo música. Será, pelo menos, um pouco mais agradável. Vamos?

C/REGRA - RUÍDO DE AFASTAR ALGUMAS CADEIRAS, DISCRETAMENTE.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HELOISA - Ela não se deu por vencida, tu viste, mãe? A gente não respondia e ela insistia em falar.

NADILHO - E o corôa, bobalhão, calcando na gente pra responder. Eu não respondi nada. Nem quando êle insistiu.

EUGENIA - Recepção mais fria do que a nossa ela não poderia receber em parte alguma. Se tiver algum brio, a esta hora já deve estar pensando em se mudar.

HELOISA - Mas o pai não deixa. Tu vai vê como o pai não deixa.

NADINHO - Tu viu a onda dela, mãe? Quando eu cheguei na mesa, se levantou pra me beijar. Mas eu vi o negócio de longe e fiquei duro, sem me curvá, o beijo dela pegou aqui na lapela do casaco. Atê ficou a marca do baton, é.

HELOISA - Eu não pude fugi do beijo, mas não retribui. E ela sentiu. Deus me livre que eu ia ficá numa casa onde fôsse recebida assim pela família.

NADINHO - Sabe o que é que eu tô admirado, Heloisa? É você agora tá contra ela. Quando eu falei que ia botá ela na minha turma pra ela recebê umas traquejada, você logo saltou na defesa dela. Agora mudou, é?

HELOISA - Claro. Depois que das coisas que a mãe contou que o pai ameaçou fazê pra gente por causa dela, você acha que eu não tenho razão de tá contra ela?

EUGENIA - Vocês têm que ter cuidado de não fazer nada na frente do pai porque

EUGENIA - Vocês têm que ter cuidado de não fazer nada na frente do pai porque êle ameaçou tirar a mezada de vocês e tira mesmo. E eu depois não vou estar dando do meu dinheiro para vocês que eu já tenho muitos gastos.

NADINHO - Eu nem tô ligando pras ameaça do pai. Eu tenho como obrigá ele a me dá dinheiro. Todo que eu quizê.

EUGENIA - Você disse que tem como obrigar seu pai a lhe dar dinheiro? Como assim? Explique melhor.

NADINHO - Eu pedi a uma garota bacana, que era minha colega lá no curso, que mandasse uma fotografia pra êle, por meu intermédio, com uma dedicatória amorosa. A garota topou a brincadeira - ou melhor, o que ela pensava que era brincadeira-e deu o retrato. Eu meti na gaveta da mesa dele, no Banco, e depois fingi que achei. Ele jurava a pés juntos que não conhecia a garota e que eu não contasse nada pra mãe porque êle nem sabia como aquele retrato tinha ido pará lá. (RI COM VONTADE) Eu segurei o retrato e guardo êle de trunfo.(VOLTA A RIR)

HELOISA - (MEIO TOM) Ah! Então é isso que o outro quer fazer com o meu retrato!

NADINHO - Quando êle começa a se bobiá prao meu lado eu como aqui, ó,e ele se afróxa todo. (Ri) Agora vê lá se tu vai falá isso pra êle, mãe,e vai me estragá o negócio.

EUGENIA - Esteja descansado. Nós temos, os três, que trabalhar sempre de acôrdo porque a união faz a fôrça.

OPERADOR - PASSAGEM MUSICAL

LINDAURA - Venho de lá da casa da Eugênia.

DINAH - Ah, fôste lá?

LINDAURA - É claro. Fui fazer uma visita de cortezia à recem chegada. Além de já me dar com ela desde a outra vez que aqui esteve, sou amiga do pai dela êle só pode apreciar a minha atitude.

DINAH - E a Eugênia como recebeu você? Diz que ela está furiosa...

LINDAURA - Nem me apareceu, você acredita? Tambem a visita não era pra ela, portanto obrigação de aparecer não tinha.

LINDAURA - Mas como dona da casa e dando-se com você, parece-me que não foi muito delicado o que ela fez.

LINDAURA - Bem, minha filha, cada um dá o que tem, não é? Você quer que num

muito mal. Conheço Eugênia de sobra [illegible] a imaginar as conseqüências da sua pouca educação e da sua falta de tato.

DINAH - O doutor Hermes você não viu?

LINDAURA - Não. À hora que eu fui êle estava no Banco, trabalhando.

DINAH - [illegible] que deve estar muito feliz.

LINDAURA - Bem tanto. Ele ama a filha, mas na minha opinião ama mais, ainda, Eugênia, com todos os seus defeitos e as suas deficiências. Ele vai cumprir com o seu dever, mas bem no fundo êle preferia que a filha não tivesse precisado vir para êle poder estar em santa paz com a mulher.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HERMES - Como é que transcorreu a tarde para minha filha, Reginaldo?

REGINALDO - [illegible] e tranquila. Ela, praticamente, esteve dentro do quarto o tempo todo. Ninguem foi lá molestá-la...

HERMES - Melhor assim. Eu trabalhei [illegible] a tarde inteira preocupado, pensando que minha mulher, ou meus filhos pudessem fazer qualquer coisa que a magoasse. E você que conhece Márcia, sabe que,mesmo que isto aconteça,ela não se queixará.

REGINALDO - Mas o senhor não precisa se preocupar, doutor Hermes. Pode ficar descansado que eu estarei aqui para defendê-la. Já tive o cuidado de dizer a ela que qualquer dificuldade que lhe apareça que ela chame logo por mim.

HERMES - Minha mulher saiu?

REGINALDO - Não senhor. Excepcionalmente esteve em casa a tarde toda.

HERMES - É de extranhar. E o que fez ela; sabe?

REGINALDO - Logo depois que o senhor saiu foi para o quarto com os filhos e lá ficaram os três encerrados por longo tempo. Depois os meninos saiam e ela não apareceu.

HERMES - Você vê? Ela nunca se reune com os filhos. Estão tramando alguma coisa. Você precisa estar atento para defender Márcia.

REGINALDO - Não se preocupe,doutor Hermes, eu já lhe disse. Enquanto o senhor estiver ausente de casa,ela estará sob a minha guarda.

HERMES - Você... você não sabe nada do que êles conversaram? Não apanhou nenhuma palavra que lhe permitisse tirar qualquer conclusão?

REGINALDO - Não, doutor Hermes, o senhor sabe que eu não sou homem de escutar conversas pelos cantos.

HERMES - Sei. E sei mais, até: que se você escutasse seria incapaz de vir, expontâneamente me contar.

REGINALDO - O senhor está preocupado demais sem razão, doutor Hermes. Eles não vão fazer nada à menina Márcia. Poderão, no máximo, aplicar-lhe o gêlo - como êles dizem agora - para que ela se desgoste e vá [illegible].

HERMES - Mas ir embora para onde, Reginaldo? Para onde que êles querem que minha filha vá? Para um pensionato? Para um hotel? Para uma pensão? Que diriam meus amigos todos se isto acontecesse? Iam dizer mal de mim com toda a razão. Minha filha tem que ficar é aqui, na minha casa, mas êles não querem aceitar.

REGINALDO - Vão acabar aceitando, não se atormente. Ela não vai tomar conhecimento da guerrinha deles, porque eu não vou deixar e êles vão terminar por se acostumarem com a presença dela.

HERMES - Deus te ouça, Reginaldo. Deus os ouça! Bem, agora vou ver minha esposa primeiro para depois ir ao quarto de minha filha. Se faço ao contrário,será mais uma alegação que ela terá para fazer contra a menina. "Que até os meus hábitos com ela eu mudei por causa da filha."

REGINALDO - É, o senhor deve continuar para ela e para os meninos exatamente igual como era antes. Não pode mostrar nenhuma preferência para não dar razões a conflitos.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

BETO - Até que enfim encontro você numa hora menos tardia.

HELOISA - Porque o velho exigiu que eu viesse jantar em casa; só isto.

BETO - Ué, o que é que tá acontecendo como teu corôa, agora? Êle resolveu virá home? Vocês nunca deram bola pra êle, antes...

HELOISA - É que a Márcia chegou e êle tá querendo forçá a natureza pra ela pensá que a gente tá muito contente com a presença dela. É isto.

bem agora?

BETO - Ouvi, mas não acreditei. Eu acho que tu vai pensá melhor.... vai pensá bom nos trôço que vai te acontece... e vai achá bom me dá o retrato

HELOISA - Não vou dar, já disse e você pode fazêr o que quizer que eu não dou bola.

BETO - Nem se eu contá pro teu pai o que eu vi dentro da tua bolsa?

HELOISA - Eu nego e êle não vai deixá de acreditá em mimpra acreditá num cretino da tua marca.

HELOISA - Vamo conversá sem ofendê, tá? Por que tu mudou de ideia? Tinha prometido de me dá o retrato. Prometeu tem que cumpri,pomba!

HELOISA - É que eu agora já sei o que é que você vai fazê com o meu retrato. Só isto.

BETO - O que é que tu acha que eu vou fazê? (PAUSA) Pode dizê.

HELOISA - Vai fazê chantage com o teu corôa. Tú qué o retrato pra tirá dinheiro dele,que nem o Nadinho faz com o pai.

BETO

HELOISA - Ah, tu falou pra êle, é?

HELOISA - Falei, nada. Êle é que contou expontâneamente. Aí me deu o estalo na cuca. Lembrei aquela conversa que nós tivemos e que você disse que o Nadinho podia ser professor de qualquer um na turma; lembra?

BETO - Não interessa. Qué dizê que tu tá decidida a não colaborá mesmo?

HELOISA - Estou. Dar um retrato meu para uma brincadeira é uma coisa; dar pra uma chantage, sabendo, é outra coisa completamente diferente.

BETO - E tu não tem medo que eu fale com o teu pai porque acha que êle vai acreditá mais em ti do que em mim?

HELOISA - É lógico. Tu não tem provas.

BETO - (DEPOIS DE PAUSA, LENTAMENTE) É. Daquele negócio da bolsa não tenho prova mesmo, mas dos encontros no apartamento eu tenho até uma fita gravada com as conversa de vocês.

HELOISA - Não acredito. É onda.

BETO - Onda? Perfunta ao zelador do edifício quanto êle levou pra deixar

BETO - Onde? Pergunta ao zelador do edifício quando ele levou pra deixar botar o gravador dentro do quarto.

OPERADOR - ACORDE QUE TRADUZA RECEBIO.

BETO - Se tu quizê i lá no chatô escutá a gravação eu te convido.

HELOISA- Puxa, Beto, que você é o perfeito chantagista, cruzes! (RESOLUTA) Mas eu não me atemorizo. Você pode fazer o que quizer que eu não lhe dou o retrato, pronto.

BETO - Tá bem, lamento muito, mas vou sê obrigado a dá um desgosto sem tamanho pro teu corôa. E vai sê amanhã no expediente da tarde, no Banco. Se até lá tu resolvê o contrário, manda a dica pelo Nadinho que eu venho apanhá o retrato. Tchau.

C/REGRA - POUCOS PASSOS SE AFASTANDO.

HELOISA- [illegible].

C/REGRA - OS PASSOS PARAM.

BETO - (DEPOIS DE PAUSA, 2º PLANO) Fala.

HELOISA - Nada, não. Pode ir.

C/REGRA - OS PASSOS CONTINUAM DE ONDE ESTAVAM E SOMEM.

HELOISA - (MEIO TOM, PREOCUPADA) Eu preciso falar com o zelador hoje. E vou agora mesmo lá.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL. FUNDE COM RUIDO DE TAXI, RODANDO.

NADINHO - (FERIDO, SOFRENDO) É deste lado mesmo... a segunda casa depois de cruzar a rua. O senhor pode parar um pouquinho antes... ou depois do portão da entrada... para não chamar a atenção dos velhos...

VOZ - Que houve com o seu pé?

NADINHO - Um tombo estúpido... Fui atravessar... correndo... o meio da rua... por causa de um táxi... enfiei o pé num arame. (TOM) É aqu

OPERADOR - AUTOMOVEL QUE PARA.

NADINHO Dez cruzeiros. . paga tudo?

VOZ - Sobra um troquinho.

NADINHO - Pode guardar. Só queria que você me desse uma ajudasinha pra descê. Mais nada.

OPERADOR - CORTINA BREVE. RELÓGIO DE TORRE BATE QUATRO BADALADAS.

REGINALDO - (VOZ DE QUEM FALA COM CUIDADO PARA NÃO ACORDAR QUEM DORME) Dá licença, seu Nadinho?

OPERADOR - RAJADA MUSICAL DE SUSTO.

NADINHO - (RISPIDO) O que é que tu quer?

REGINALDO - Desculpe, mas... eu senti que o senhor estava manquejando... e ha mais de uma hora está com a luz acesa... (SUSTO) Que é isso? Que aconteceu com o senhor?

NADINHO - Um tombo. Levei um tombo e cortei o pé num vidro.

REGINALDO - Mas isso precisa de um curativo. Isso não pode ficar assim. Por que não foi a uma farmácia?

NADINHO - Não tinha nenhuma ali por perto e eu achei melhor vir logo para casa. Limpei com agua oxigenada e botei mertiolato. Precisava, agora, era um calmante pra dor. Ai eu dormia.

REGINALDO - Precisava era chamar um médico para ver esse ferimento que não é pequeno. Acho que é isso que eu vou fazer. Telefonar para um Pronto Socorro e pedir...

NADINHO - (CORTA, INCISIVO, QUASI BRUTAL) Tu não vais telefonar coisa nenhuma. Eu não quero médico.

REGINALDO - Mas o senhor precisa ser...

NADINHO - (CORTA) O que eu preciso é dormir e descansar. Apaga a luz, e vai embora.

REGINALDO - Sim senhor.

NADINHO - E nem uma palavra, amanhã, para ninguem aqui em casa. Para ninguem.

OPERADOR - CARACTERISTICA MUSICAL - CAI UM POUCO PARA B/G.

LOCUTOR - Este foi o sexto capitulo da novela de Erico Cramer "Meu pai, qual o caminho certo?" que teve o desempenho dos seguintes elementos do cast da Radio Gaucha: ADROALDO GUERRA - ESTER CASTRO - PEPE HORNES - LOLITA ALVES - LUIZ SARDIM - INADIR MIRAPALHETA e ALVARO SANTOS - ELISABETH DORNELES - ...(VOZ)..... - e SILVIA CARDOSO.
Ouçam amanhã, neste mesmo horário, a continuação de "Meu pai, qual o caminho certo?"

MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?

- Novela de ERICO CRAMER -

7º CAPÍTULO

Locutor
Celso

04.11.
2011

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao final do 6º capítulo desta novela deixamos Nadinho em seu quarto, de madrugada, fazendo curativo num pé ferido e conversando com o velho mordomo Reginaldo que se mostrava muito apreensivo pela profundidade do ferimento que o rapaz dizia ter sido derivado de uma queda provocada por um arame. E a conversa entre os dois foi interrompida mais ou menos neste ponto:

OPERADOR - SOBE A MUSICA E DESCE ATÉ DESAPARECER.

REGINALDO - Isso precisa de um curativo. Isso não pode ficar assim. Por que não f[illegible]:

NADINHO - Não tinha nenhuma ali por perto e eu achei melhor vir logo para casa. Limpei com agua oxigenada e botei mertiolato. Precisava, agora, era um calmante pra dor. Aí eu dormia.

REGINALDO- Precisava era chamar um médico para ver êsse ferimento que não é pequeno. Acho que é isto que eu vou fazer. Telefonar para um pronto socorro e pedi...

NADINHO - (CORTA INCISIVO, QUASI BRUTAL) Tú não vais telefonar coisa nenhuma. Eu não quero médico.

REGINALDO - Mas o senhor precisa ser...

NADINHO - (CORTA) O que eu preciso é dormir e descansar. Apaga a luz e vai embora.

REGINALDO - Sim senhor.

NADINHO - E nem uma palavra, amanhã, para ninguem aqui em casa. Para ninguem.

REGINALDO- Mas o senhor não vai poder andar direito. Todos vão notar.

NADINHO - Se não puder andar direito não me levanto. Tú me traz a comida na cama e pronto.

REGINALDO - Seu Nadinho, o senhor sabe que está brincando com fogo?

NADINHO - O que é que tu queres dizer com isto?

REGINALDO - Que êsse ferimento é muito profundo e o senhor está dando muito pouca importância a êle. Pelo que me parece êle atingiu o tendão do pé. O senor pode ficar até com defeito.

NADINHO - Oh Reginaldo, tú tá querendo botá areia no meu pastel, é? Tú qué me preocupá pra eu não dormi, é?

REGINALDO - Não senhor, não é isto. O que eu quero, desde já, é que o senhor se convença da necessidade de chamar um médico para examinar o seu pé. Essas coisas a gente não brinca com elas. Sabe lá se o arame não estava enferrujado e isso pode causar até uma gangrena.

NADINHO - Ih, Reginaldo, para. Daqui a pouco tu tá acompanhando o meu enterro. Era melhor que tu já tivesse saído e me deixado dormi.

REGINALDO - Mas o senhor não vai poder dormir. Está cheio de dores. Eu estou sentindo pelas suas contrações.

NADINHO - E por que, em vez de tá falando bobagem, tu não vai me arranjá um calmante pra aliviá essa dor?

REGINALDO - Está bem eu vou procurar uma farmácia de plantão, vou...

(CORTA)

NADINHO - Não [illegible], eu não vais sair. De jeito nenhum. Si não tem nada em casa eu prefiro ficá com a dor até ela se resolvê a me deixá em paz.

REGINALDO - Mas o que eu tenho em casa são calmantes suaves e você precisava uma coisa mais forte. Talvez até uma injeção de morfina.

NADINHO - Puxa, vida, como é que eu não me lembrei disto? Deixa, Reginaldo, não preciso mais nada. Pode i embora que eu vou dormi logo, logo.

REGINALDO - Vai dormir como? Será que o senhor tem...

NADINHO - (CORTA, VIOLENTO) Não tenho nada. Vai-te embora por favôr e me deixa em paz. (PAUSA) Vai-te embora; não ouviste?

REGINALDO - (DEPOIS DE PAUSA, RESIGNADO) Está bem... eu vou... mas se o senhor precisar de alguma coisa dê sinal com a luz que dá meu quarto eu vejo porque eu não vou me deitar.

NADINHO - Vai te deitá e vai dormi, homem. Deixa de tá fazendo tragédia de uma porcaria dessas.

REGINALDO - Quer que eu deixe na sua cabeceira um comprimido e um chásinho calmante eu vou fazer num momento.

NADINHO - Não quero. Não vou precisar de nada. Pode dá o fora.

REGINALDO - Boa noite, então.

C/REGRA - PASSOS APRESSADOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA, SUAVEMENTE E SEGUNDO PLANO.

NADINHO - Puxa vida, que cara mais chato!/ Eu a querê que êle fôsse embora e êle a querê me dá chapinhos. Em todo o caso êle sempre me deu uma ideia bacana.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

MARCIA - Estava excelente o seu café, [illegible]nalão. Só que você se esqueceu da manteiga.

REGINALDO - Meu Deus, que cabeça a minha! Eu já não posso mais confiar nela.

MÁRCIA - Pode, sim. Você tem uma excelente cabeça, até. É que hoje você está muito cansado. Vê-se que não dormiu a noite toda.

REGINALDO - É, tem razão. Foi isto mesmo que aconteceu. Eu... eu tive um distúrbio qualquer de estômago, logo ao deitar e depois não consegui mais conciliar o sono. Eu sou assim. Se não durmo na primeira hora que me deito, não durmo mais.

MÁRCIA - Não fez um chazinho, não tomou um digestivo qualquer?

REGINALDO - Tome[illegible] tomei. Mas é como eu lhe disse. Qualquer coisa que me perturbe o primeiro sono, pronto. Eu estou fuzilado para o resto da noite. E você, dormiu bem?

MÁRCIA - Como uma justa. (RI BRANDAMENTE) De madrugada me acordei e vi luz no quarto de Nadinho. Tive vontade de ir perguntar-lhe se precisava de alguma coisa, mas depois fiquei com receio que êle se aborrecesse, e achei melhor não ir.

REGINALDO - Fez bem, fez muito bem. Nadinho é muito exquesito, tem uma maneira de pensar bastante extranha, poderia pensar que você estivesse a controlar a hora que êle chega.

MÁRCIA - Foi exatamente o que eu pensei. Mas não houve nada com êle, não é?

REGINALDO - Não, não, nada. É a hora que êle costuma chegar sempre.

MÁRCIA - Que faz na rua até tão tarde?

REGINALDO - Sabe-se lá... Penso que ficam aí pelos bares, bebericando e conversando. Voltam para casa de manhã, dormem até à hora do almoço e às vezes ainda voltam para a cama e tornam a dormir a tarde inteira. Eu extranho a maneira de viver dos rapazes de agora. No meu tempo era tão diferente. Chamava-se de boêmios aos que faziam vida assim, mas êles viviam completamente à margem da sociedade. Rapaz que se prezasse tinha que estudar ou trabalhar.

MÁRCIA - Foi como minha avó educou seus filhos e como educou também a mim. Mas sabe que as minhas companheiras faziam troça de mim?

REGINALDO - Imagino. Hoje quem não é louco como êles, serve-lhes de chacota. Eu gostaria de poder ver a que destino chegariam, seguindo por êsse caminho errado.

MÁRCIA - Eles não seguem; chegam a um ponto que cargam e retrocedem.

REGINALDO- Eu acho que os quais fazem tanto por êles que no fim o Pai tem pena dos velhos e aponta o caminho aos jóvens. É pena que quando isto acontece eles sofreram horrores inutilmente.

MARCIA - Pagam o tributo da inexperiência.

REGINALDO- Um tributo às vezes bem pesado e que marca a vida deles até ao fim. Bem, deixe-me ver se a Heloisa acordou para levar-lhe o café. Esta é outra que a gente não sabe bem onde é que vai parar. E não adianta procurar alertá-la porque ela se tem por muito sabida e ainda ri dos conselhos da gente. Com licença, dona Marcia.

MÁRCIA - Pois não, Reginaldo.

C/REGRA -RUIDO DE PORTA. PASSOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM SEGUIDA.

MÁRCIA - Coitado do Reginaldo! Ele se afeiçoou demais aos meninos e agora se preocupa pela vida que êles levam. Devia fazer como dona Eugênia, que é a mãe e não liga nada.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

C/REGRA - TELEFONE CHAMANDO TRES OU QUATRO VEZES. RUIDO DE LEVANTAR FONE DO GANCHO.

EUGÊNIA - (SONOLENTA) Alô.

LINDAURA - (ALTO) (ENTRALHANDO A VOZ) Quem fala?

EUGÊNIA - (SEMPRE COM SONO) Sou eu, Eugênia.

LINDAURA - (ALTO) Credo! Você está com uma voz tão diferente...

EUGÊNIA - É que você me acordou, Lindaura. Ainda estou meia dormindo.

LINDAURA - (ALTO) Dormindo?! Você estava dormindo a esta hora, criatura? Quasi meio dia.

EUGÊNIA - Que tem isto? Eu me deitei quási às seis, não cheguei a dormir nem seis horas. Você não deixou.

LINDAURA - (ALTO) Mas eu não podia esperar mais para falar com você porque preciso transmitir-lhe um convite da Lilá Fagundes e tenho que dar a resposta a ela antes das duas horas porque se você não quizer ir, ela terá que convidar outra pessoa para substitui-la e não pode ser em cima da hora. Você entende, não é?

EUGÊNIA - O convite é para que? Aonde e a que horas?

LINDAURA - (ALTO) É um chá jogo que ela vai fazer em benefício da Liga Católica, hoje às cinco horas no terraço da casa dela. Isto, é, no terraço se não

chover. Chovendo naturalmente, será dentro de casa.

EUGÊNIA - Quem são as outras pessoas convidadas, não sabe?

LINDAURA - (falso) Ah, não sei. Deve ser aquele grupo dela e mais algumas pessoas.

EUGÊNIA - O grupo dela não é bem de primeira agua, você sabe. Tem umas duas ou três que não sabem nem sentar como gente. Comer então nem se fala. Grossas pelo corpo todo. A tal de Setembrina, Deus me livre!

LINDAURA - (falso) Eu não sei o que é que você tem contra a Setembrina, Eugênia. Eu não vou dizer que ela seja uma mulher refinê, mas como ela, minha filha (intenção), eu conheço muita gente boa gente que só pisa na sociedade por causa do dinheiro do marido.

EUGÊNIA - Se você está querendo dizer isto pra mim está enganada porque o meu marido já me conheceu na sociedade. Dançou muito comigo nos bailes antes de nos casarmos.

LINDAURA - (FILTRO) Dançou, sim, mas na sociedade que você frequentava. Você, na dele, só foi depois de casada. Portanto não vem botar banca aqui contra a Setembrina porque você não é melhor do que ela como eu tambem não sou.

EUGÊNIA - Que é isto, Lindaura? Você resolveu me chamar no telefone, interromper o meu sono para me destratar? Veja bem o que você está fazendo.

LINDAURA - (FILTRO) Eu fui atacada. Sou amiga da Setembrina e não posso permitir que ninguem me fale mal dela. Se você acha que ela é grossa, que é exquisita, que é isto ou aquilo, guarde pra você, não precisa dizer pra mim que sou amiga dela. E sabe o que mais? você vai responder diretamente pra Lilah se você ou não na casa dela porque eu não vou mais me meter nisto. Tchau.

EUGÊNIA - Alô, Lindaura, escute...(PAUSA) A Lindaura está louca ou deve ter bebido.

C/REGRA - RUIDO DE DESLIGAR TELEFONE

EUGÊNIA - Ora já se viu que coisa?! Ficou toda ofendida porque eu disse que não vou com a cara da Setembrina. E eu serei obrigada a gostar dela, só porque é amiga da Lindaura? Essa não.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HERMES - O que é que houve com a minha gente que ninguem compareceu ao almoço hoje?

dormindo. Posso servir o cafezinho?

HERMES - Pode.

C/REGRA - RUIDO DE CHICARA DE CAFEZINHO.

HERMES - Você [illegible] Márcia?

MARCIA - Não, Paizinho, obrigada. Eu verifiquei que o café não me faz muito bem, resolvi deixar de tomá-lo. Pelo menos por algum tempo.

HERMES - Eu passo, praticamente, o dia todo tomando cafêsinho. Cada cliente ou amigo que chega ao meu gabinete eu mando servir um e lógicamente o acompanho. No fim do dia, tomei um litro de café ou mais.

MARCIA - É muito café, nem sei como o senhor aguenta.

HERMES - E o pior é que depois de um cafêsinho, vem obrigatóriamente um cigarro para terminar de envenenar o organismo.

MARCIA - Paizinho, o senhor vai para a cidade agora, ou vai descançar um pouco, antes?

HERMES - Vou em seguida, minha filha. Não tenho tempo para descansar. Por que? Você quer aproveitar a carona?

MARCIA - Quero, sim. Vou botar uma carta para a vóvó no correio e depois vou fazer algumas compras que eu estou precisando.

HERMES - Então vamos. E quando você quizer voltar, passe no Banco que eu mando o chauffeur trazê-la num momentinho em casa. Vamos?

MARCIA - Eu vou só dar uma chegadinha no quarto para apanhar a carta e desço em seguida ao jardim para encontrá-lo.

C/REGRA - ARRASTAR DE CADEIRA E PASSOS DE MÁRCIA QUE SE AFASTAM E SOMEM.

HERMES - Quando os meus filhos acordarem, Reginaldo, diga a êles que eu espero encontrá-los logo à hora do jantar. Lembre-os que não nos vemos desde o almoço de ontem.

REGINALDO - Sim senhor. No jantar, com certeza, êles estarão presentes. Posso mandar tirar o carro da garagem?

HERMES - Não é preciso. O carro ficou no jardim. Você pode é dizer ao Ermelindo que desça que nós já vamos sair.

REGINALDO - Sim senhor. Com licença.

OPERADOR - CONTINUA MUSICA. FUNDE COM RUIDOS DE RUA.

HELOISA - Beto, onde é que você vai?

BETO - Falar com seu pai aí no Banco.

HELOISA - Falar... sôbre que?

BETO - Interessa saber?

HELOISA - Se eu estou perguntando é claro que interessa.

BETO - Bm, se você quer mesmo saber, eu vou cumprir a ameaça que fiz pra você.

HELOISA - Vai se vingar; não é isto? E qual é o resultado que você tira dessa vingança mesquinha? Qual é o resultado? Diga.

BETO - Eu não sei se vou tirá resultado ou não vou, eu sei é que se eu digo que vou fazê um trôço, eu faço e enquanto eu não pudê fazê eu tô me sentindo roubado.

HELOISA - Sabe o que é isso? É necessidade de afirmação. Você quer dar a você mesmo a impressão de que é capaz de fazer alguma coisa. Mas isso não basta. É preciso saber que alguma coisa você é capaz de fazer. Roubar, matar, fazer chantage, prejudicar os outros, isso era preferivel que ninguem tivesse a corágem de fazer nunca.

BETO - E você tem certeza que não tá prejudicando os outros com as coisas que você está fazendo?

HELOISA - Tenho. Quer dizer... posso estar prejudicando, sim, mas a ninguem mais s não a mim mesma.

BETO - E dentro das suas teorias você terá o direito de prejudicar a si próprio? Além disto, o que você tá fazendo atinge outras pessoas.

HELOISA - Atinge, eu sei, mas sem prejudicar essas pessoas enquanto elas não tiverem conhecimento da verdade. Não sabem, não sofrem. Quem vai prejudicar a primeira é você, denunciando-me a meu pai. Vai roubar-lhe a paz interior e a tranquilidade de alma.

BETO - Ah, eu é? E u é que vou roubar? Eu, não. Quem vai roubar é você, procedendo como procede. Por que você não pensou no seu pai, antes? Só agora é que vem com êsses sentimentalismos basta?

HELOISA - Beto cale a boca. Você não conhece os motivos que me levaram a proceder como procedo. A gente nunca pode julgar a atitude de uma pessoa, sem conhecer as circunstâncias que a envolveram. Muitas vezes a pessoa é arrastada. Quer fugir e não tem como fugir. E você tem a prova no que você está querendo fazer. Eu não quero entregar a você o meu retrato porque sei, perfeitamente, o que você pretende fazer com êle, no entanto eu vou ser obrigada a acabar cedendo às suas imposições

para evitar um desgôsto ao meu pai. O que equivale a dizer que um êrro pode muito bem arrastar a gente a muitos outros êrros. Se tu você fôsse um cara bacana, em vez de tá querendo me levár por um caminho errado [illegible] ajudava a sair...

BETO - (CORTA) Pára aí, vamo com geito. Querendo levá você por um caminho errado, não. Eu já encontrei você no caminho do êrro. Não vem que não tem. E depois, êsse negócio de caminho errado ou caminho certo, depende do ponto de vista de cada um. O que para você pode ser um mau caminho, para mim pode ser ótimo.

HELOISA - É. Eu estou gastando cera com mau defunto. Você não tem geito mesmo. Pensei que falando e procurando fazer você compreender certas coisas, que pudesse convencê-lo e impedir que você cometesse uma maldade. Mas você é totalmente impermeabilizado para o bem, eu já vi. Nem adianta tentar.

BETO - Sou impermeabilizado pro bem sabe por que? Porque uma vez fiz um benefício pra um cara e o cara me fez uma falseta que eu só não caí redondo porque sempre fui de circo e consegui me safá. Daí, não acreditei mais em ninguem.

HELOISA - Porque uma pessoa procede mal pra gente, nós não temos o direito de achar que todo o mundo é da mesma laia. Existe gente boa e gente ruim.

BETO - Eu nunca achei gente boa no meu caminho.

HELOISA - Nunca? Ninguem? Nem os seus pais?

BETO - Nem os meus pais. Meu pai é um bolha e minha mãe não presta.

HELOISA - Beto, quem não presta é você. E como você julga os outros pelos seus próprios sentimentos, ninguem presta.

BETO - (CINICO) É... pode sê... mas eu tô feliz assim como sou e não quero trocá. Mas vamo deixá de papo besta e falá o que interessa. Vai me dá a fotografia?

HELOISA - Vou. Não com medo de você, mas pra evitar, com a sua safagestada, um grande desgôsto ao meu pai.

BETO - Então vem te vindo.

HELOISA - (DEPOIS DE AUSA) Está aqui.

BETO - (COSINHANDO) E o vidrinho da sua colega ainda está aí na sua bolsa! eu agora vi.

HELOISA - Não interessa.

BETO - Mas você não botou a [illegible] que eu pedi.

HELOISA - Eu boto num instante.

BETO - Uma [illegible] bem amorosa. Vamo ali no café.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - Então não vai jantar na mesa, seu Nadinho?

NADINHO - De que geito, se não posso dar um passo? Pra ir ao banheiro fui me arrastando.

REGINALDO - Mas o senhor dormiu bem e dormiu bastante. Quando pediu o almoço, sabe que horas eram? Quasi três.

NADINHO - Bom, pra durmi eu não tive problema, pra caminhá é que é.

REGINALDO - E [illegible] desculpa vamos dar pra justificar a sua falta na mesa?

NADINHO - Diz que eu tô muito resfriado e resolvi não me levantá.

REGINALDO - Seu Nadinho, o senhor insiste em não querer que um médico venha ver êsse seu pé? Olhe que o senhor pode se arrepender.

NADINHO - Eu vou mandá chamá um médico, mas não êsses bolhas que êles chamam aqui, que vem logo falando em excessos e logo receitam repouso pra tudo. Eu tenho um médico amigo meu, vou mandar chamar.

REGINALDO - Tem o número do telefone dele eu falo pra lá e peço pra êle vir ainda hoje.

NADINHO - Ele não tem telefone. Tu vai tê que levá um bilhete meu e entregá prao dono de um bar lá na cavalhada. Entrega, diz que fui eu que mandei e te arranca.

REGINALDO - Mas como?! Que médico é êsse que em vez de procurá-lo no consultório ou na residência tem que se deixar o chamado num bar? Nunca vi isso na idade em que estou. Onde é que êle mora?

NADINHO - (IMPACIENTE) Sei,lá! Nunca perguntei. A gente se conhece ali do bar, conversa sempre de noite, mas nem êle sabe quem sou nem onde moro, como eu tambem não sei a casa dele. Só sei que êle é medico por acaso. Nós tava lá uma vez, tomando umas que outras, um cara apareceu ferido de faca e êle fez o curativo. Daí que eu fiquei sabendo.

REGINALDO - Está bem, então faça o bilhete que lôgo depois do jantar irei levá-lo no tal marcadinho.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

MÁRCIA - Você está tão abatida, Heloísa, com aspecto de cansaço; está sentindo alguma coisa?

HELOISA - (SECA) Não tenho nada. Todo o mundo, agora, deu para achar que eu hei de ter alguma coisa.

MÁRCIA - Papai e dona Eugênia também acharam?

HELOISA - Papai e Mamãe nunca notam coisa alguma. Estão sempre muito ocupados com os seus próprios problemas. É Reginaldo, é Nadinho, é você...

MÁRCIA - Mas se os outros notaram qualquer coisa, eu não deixei de ter razão em lhe dizer o que disse.

HELOISA - E se eu tivesse alguma coisa, você acha que resolveria o meu problema?

MÁRCIA - Depende. Poderia, pelo menos, tentar ajudá-la.

HELOISA - Você seria a última pessoa a quem eu recorreria, no meu caso.

MÁRCIA - No seu caso? Então você confessa que tem alguma coisa? E por que eu seria a última pessoa; posso saber?

HELOISA - Porque você é diferente de mim, pensa de outra maneira, faz tudo certinho, como tem que ser, não poderia nem admitir que eu fizesse qualquer coisa errada.

MÁRCIA - Como você se engana a meu respeito, Heloísa. O fato de eu fazer tudo certinho, como você diz, não me impede de admitir o êrro dos outros e procurar ajudá-los. Você sabe que eu tenho um lema na vida?

HELOISA - Eu também. Ir sempre em frente, sem olhar para traz.

MÁRCIA - Meu lema é: Servir, servir e servir.

HELOISA - Quer dizer que você nasceu para serviçal?

MÁRCIA - Talvez. E não me desesperaria, se fôsse. Acho que o trabalho, seja qual fôr, só enobrece. Mas vamos voltar ao nosso assunto inicial que já estamos nos desviando dele.

HELOISA - Para que voltar? Você acha que por causa das coisas que me disse que eu serei capaz de lhe fazer confissões sôbre a minha vida? Se acha, desista porque eu não vou fazer.

MÁRCIA - Heloisa, eu não vou insistir para que você me conte coisas, se você acha que eu não sou capaz de merecer a sua confiança, mas de qualquer modo uma coisa eu desejo que você fique sabendo. Eu sou sua irmã por parte de pai e lhe quero bem. Se você, em algum momento, ti

a conforte, não esqueça, por Deus, o que vai ouvir agora: escolha a mim para dizer-lhe essa palavra porque eu quero ser sua amiga.

OPERADOR - PASSAGEM MUSICAL. RELÓGIO DE TORRE BATE ONZE BADALADAS ESPAÇADAS

NADINHO - Puxa vida! Onze horas e Reginaldo ainda não voltou lá do bar. E êste raio dêste pê que não melhora. Não fôsse a cocaina eu tava fuzilado porque êle dós que chegou.

C/REGRA - BATIDAS DISCRETAS EM SEGUNDO PLANO, PORTA QUE ABRE E FECHA. PASSOS.

NADINHO - Óra até que enfim! Pensei que tu não voltasse mais.

REGINALDO - Pensou, não é? Pois então eu vou lhe dizer que por pouco não volta via mesmo. Pelo menos hoje.

NADINHO - Como assim? Explica. Entregaste o bilhete prão cara?

REGINALDO - Entreguei. Mas o senhor nem sabe o que quasi me aconteceu.

NADINHO - O que foi, Reginaldo? Deixa de tá fazendo rábal de fita em série e conta logo.

REGINALDO - Pois eu fui lá, falei com o dono do Bar e entreguei-lhe o bilhete. Mal dei as costas e saí, parou uma caminhonete da polícia e levou todo o mundo do bar em cana.

OPERADOR - ENTRA EFEITO AGOURO DE SUSTO VIOLENTO. FICA VIBRANDO EM BG.

NADINHO - Meu Deus!...Todo o mundo, tu dizes? Todo o mundo que tava lá?

REGINALDO - Todo o mundo que estava lá. Mas por que o senhor ficou dessse geito? Que tem o senhor, seu Nadinho? Fale?

NADINHO - O meu bilhete, Reginaldo. O meu bilhete tinha só as minhas iniciais, mas tinha o meu endereço. Eles vão bater aqui, Reginaldo. Eles vão bater aqui!...

OPERADOR - ENTRA COM A CARACTERISTICA FORTE E CAI EM BG.

LOCUTOR - Este foi o sétimo capítulo da novela de Erico Cramer, "Meu Pai, qual o caminho certo?" escrita especialmente para o elenco teatral da Rádio Gaúcha e com a interpretação dos seguintes rádio atores: ADROALDO GUERRA, ESTER CASTRO, LUIZ SANDIN, LOLITA ALVES, PEPE HORMES, IRADIR PITAPAIHETA, ALVARO SANTOS e ELISABETH DORNELLES. CONTRA REGRA, OPERADOR, ETC. ETC.

Ouçam amanhã, neste mesmo horário mais um capítulo de "Meu Pai, qual o caminho certo?"

OPERADOR - CARACTERISTICA DE ENCERRAMENTO.

-Novela de Erico Cramer -

8º CAPITULO

Celso Pereira

04-11.
2011

OPERADOR - CARACTERISTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao final do 7º Capitulo desta novela, deixamos Reginaldo e Nadinho, no quarto dêste, depois do velho mordomo haver cumprido uma incumbência que lhe dera o rapaz duas horas antes. Nadinho estava ansioso e assim que Reginaldo chegou perguntou-lhe:

OPERADOR - VOLTA E SOME

NADINHO - Entregaste o bilhete prao cara?

REGINALDO - Entreguei. Mas o senhor nem sabe o que quasi me aconteceu.

NADINHO - Que foi? Deixa de tá fazendo final de fita em série e conta logo.

REGINALDO - Pois eu fui lá, falei com o dono do Bar, entreguei-lhe o bilhete. Mal dei as costas e saí, parou uma caminhonete da policia e levou todo o mundo do bar em cana.

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO VIOLENTO. FICA VIBRANDO EM BG.

NADINHO - Meu Deus!... Todo o mundo, tu dizes? Todo o mundo que tava lá?

REGINALDO - Todo o mundo que estava lá. Mas por que o senhor ficou desse geito? Que tem o senhor, seu Nadinho, fale.

NADINHO - O meu bilhete, Reginaldo. O meu bilhete tinha só as minhas iniciais, mas tinha o meu endereço. Eles vão bater aqui, Reginaldo! Eles vão bater aqui!...

REGINALDO - Mas vão bater aqui por que? Explique-se. Eu não estou entendendo nada. E nem compreendo porque o senhor está nervoso desse geito.

NADINHO - Reginaldo, eu estou perdido. Tu tens que me ajudar a fugir.

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO VIOLENTO.

REGINALDO - Fugir?! Mas fugir por que?

C/REGRA - BATIDAS DISCRETAS NA PORTA, EM 2º PLANO.

NADINHO - (MEIA VOZ, ABAFADISSIMO) Quem será?! Quem será?!

REGINALDO - Acalme-se, seu Nadinho, por favor. Só pode ser gente de casa. Seu pai, sua mãe, sua irmã, talvez. Ponha êsse pé para baixo das cobertas e mande quem fôr entrar.

C/REGRA - REPETE AS BATIDAS DISCRETAS.

NADINHO - (ESFORÇANDO-SE PARA TER CALMA) Entre.

C/REGRA - PORTA QUE ABRE E FECHA, EM SEGUNDO PLANO.

NADINHO - (MA VONTADE) Ah, é você. Que é que quer?

MÁRCIA - Vi luz no quarto, calculei que ainda estivesse acordado e vim saber

MÁRCIA - Eu fui ao quarto, [illegible] estava dormindo e vim saber como está.

LADINHO - Estou bem. Ninguém precisa se preocupar comigo; estou muito bem.

MÁRCIA - Não sabia que o Reginaldo estava aqui, imaginei que estivesse acontecendo alguma coisa...

LADINHO - O que eu preciso você não pode me dar, portanto cada um cuide de si e me deixe em paz que é o melhor que tem a fazer.

REGINALDO - Seu Ladinho, não há necessidade de ser assim tão rígido com sua irmã. Ela veio fazer-lhe uma gentileza.

LADINHO - Abomino gentilezas. Não sou desses tolos e trato cada um como merece.

MÁRCIA - Com licença. Uma boa noite para você, Ladinho.

GARÇOM - PASTÉIS DE NATA QUE SE ACABAM. POEIRA QUE ANDA E PRENDE EM SEU CHÃO.

LADINHO - Chata é um desgraçado vem falar com você e ele aqui dá-lhe bolhando a gente.

REGINALDO - Você não devia ser tão ríspido com sua irmã. Ela não tem culpa do que está lhe acontecendo.

LADINHO - Não gosto de gente bolha. E hoje não tou pra conversas que não me interessam. Reginaldo eu preciso que você me diga o que é que você acha que eu devo fazer.

REGINALDO - Não pra dizer o que é que você deve fazer, eu preciso saber primeiro o que é que você fez.

LADINHO - Reginaldo, você promete guardar absoluto segredo do que eu vou lhe dizer? Não abrir a boca nem pra polícia?

REGINALDO - Pra polícia? Mas por que pra polícia? Vamos, fale. Eu prometo não dizer nada a ninguem.

LADINHO - Reginaldo, se a polícia pegar o meu bilhete eu estou perdido.

REGINALDO - Mas perdido por que? Pelo amor de Deus, fale, menino. Não me torture desse jeito. Não vê que estou aflito? Me desejo ajudá-lo. Mas como posso fazê-lo se não sei o que está acontecendo?

LADINHO - Reginaldo eu estou ferido porque... porque tomei parte num assalto.

GARÇOM - AGORA DE PEITO VIOLETA. E FAZ PRA VIOLADO EM D/G.

REGINALDO - Ninguém não de [illegible]... Você enlouqueceu,menino?!...

LADINHO - Sui obrigado. Eu não queria mas os outros insistiram e por fim até me ameaçaram. Eu não tive como fugir.

REGINALDO - Que horror, meu Deus!... Um rapaz de boa família, que tem tudo em

XXXXXXX
casa. Você enlouqueceu? Não é possivel! Você não pode estar no seu juizo perfeito, não pode. Como foi concordar com uma loucura dessas?

NADINHO - Eu já disse a você que eu não queria,mas os caras da turma me ameaçaram. Eu fui obrigado a ceder.

REGINALDO - E como foi que você feriu o seu pé?

NADINHO - O cara tava armado, reagiu e eu recebi um tiro no pé quando tava fugindo.

REGINALDO - Mas foi você que o atacou?

NADINHO - Eu e mais dois cara. E se um não se atraca com êle, nós tinhamos marchado os três. Você não viu no jornal de hoje a noticia do assalto? Tá lá.

REGINALDO - Eu vi, mas quando é que poderia imaginar que era você um dos atacantes?! Por isso você não quiz que chamasse o Pronto Socorro.

NADINHO - Claro. Eles iam ver que o ferimento era de bala e pela hora do assalto e da consulta podiam chegar a uma conclusão.

REGINALDO - Aquele médico que eu fui chamar tambem é da turma?

NADINHO - É só a quem nós temos órdem de chamar, em caso de qualquer ferimento.

REGINALDO - Mas si êle não recebeu o seu bilhete nós vamos ter que arranjar outro médico.

NADINHO - Mas o que é que eu vou dizer ao outro médico?

REGINALDO - Que estava mexendo no revolver, a bala disparou e lhe atingiu o pé. Si êle perguntar quando foi, diga-lhe que foi hoje.

NADINHO - Mas e se a polícia pegou o meu bilhete?

REGINALDO - Aí eu não sei o que é que se possa fazer. Mas vamos esperar que isto não tenha acontecido e desejar que o que aconteceu ontem possa servir de lição para que o senhor não se meta mais nisso.

C/REGRA - CAMPAINHA DE PORTA DE RUA, AFASTADA. BEM AFASTADA.

NADINHO - (SUSTO) Reginaldo! Bateram na porta! Se for a polícia, que faço?

REGINALDO - Eu direi a êles que você não aparece em casa desde ontem e que assim que aparecer êles serão avisados. Isto nos dará tempo de pensar no que fazer.

C/REGRA - CAMPAINHA REPETE A CHAMADA ANTERIOR, SEMPRE AFASTADA.

NADINHO - Vá atendê-los depressa. Quanto mais demorar, pior será.

OPERADOR - PASSAGEM MUSICAL

NADINHO - Quem era? Você demorou tanto, Reginaldo, eu já estava aflito.

REGINALDO - Era o seu amigo Beto. Trouxe um recado para mim o senhor.

NADINHO - Óra, Reginaldo! Por que você não mandou que êle entrasse para falar comigo?

REGINALDO - Êle não quiz. Disse que tinha que estar à meia noite não sei onde mas que eu dissesse ao senhor que tudo estava bem e que amanhã cedo êle estaria aqui com o tal doutor.

NADINHO - Mas então o meu bilhete não chegou a cair na mão da polícia?

REGINALDO - Acredito que não, do contrário como é que êle ixia saber que você precisava do médico?

NADINHO - Eles têm uma agilidade e uns truques que deixam a gente de boca aberta. São uns verdadeiros mágicos.

REGINALDO - Como é que o senhor foi se meter com essa gente, seu Nadinho?

NADINHO - Eu não me meti, Reginaldo, êles me envolveram e agora eu não tenho como sair.

REGINALDO - Há de ter, sim. Depois que passar esta onda, nós vamos estudar detidamente o assunto e havemos de encontrar uma saída. Agora eu vou lhe preparar um chá calmante para você tomar com um comprimido e dormir. Lembre-se que amanhã vai ter que acordar cedo.

OPERADOR - PASSAGEM MUSICAL

HERMES - Eu fiquei satisfeito de ter podido contar com a sua companhia no almoço de hoje, mas os nossos filhos continuam ausentes. Nem Heloisa nem Nadinho vieram à mesa.

EUGÊNIA - Nadinho ontem estava gripado, mas hoje um pouco antes do meio dia, quando fui no quarto dele para saber se estava melhor já tinha saido. Disse o Reginaldo que o Beto veio aí com outro companheiro deles e foram os três almoçar fora.

HERMES - Não gosto muito da companhia do Beto para o Nadinho. Não me agrada a cara daquele rapaz. Pessoa que não olha a gente de frente não merece a nossa confiança.

EUGÊNIA - Se eu disser a você que nunca reparei na cara dele, você vai pensar que é exagero meu.

HERMES - Não vou pensar, não, querida. Não vou pensar porque conheço bem você e sei que é capaz de passar um ano ao lado de uma pessoa sem tomar

conhecimento da existência dela. Aliás eu devo lhe dizer uma coisa: que você faça isso com referência aos extranhos, eu admito, mas com relação aos seus filhos parece-me negligência. Perdôe que lhe diga, mas devemos ter inteira franqueza um com o outro e penso que nossos filhos deveriam merecer um pouco mais de cuidado de nossa parte. Veja bem que eu digo "de nossa" parte, eu bem que eu passe quasi que o dia inteiro no Banco, trabalhando e você em casa, práticamente sem fazer nada.

EUGENIA - Como sem fazer nada? Então você acha pouco tudo que eu faço? Eu não tenho tempo nem para cuidar de mim como deveria, você quer que eu cuide de dois marmanjos maleriados que não admitem nem uma palavra de censura? Eles sempre pensam que sabem mais do que a gente e não vale a pena falar.

HERMES - Eles pensam que sabem, realmente, mas o importante era convencê-los de que êles não sabem. Que estão errados, pensando como pensam. Mas para isso seria preciso um trabalho muito sutil, muito constante e de muita habilidade e paciência. Atributos que lhe faltam completamente, minha querida. Você disse que não tem tempo para nada, nem para cuidar de você como deveria. O que é que lhe rouba tanto tempo, vejamos.

EUGENIA - O cabeleireiro, a manicura, o professor de ginástica, o costureiro, o pedicuro, as reuniões sociais, as reuniões de trabalho, as visitas de obrigação - contratos de casamentos, pêsames, velórios, missas... você acha pouco para uma só pessoa? Você achou que eu deveria aprender um pouco de inglês e francês; eu tentei, mas acabei tendo que desistir porque estava botando dinheiro fora. Nunca podia ir às aulas, não tinha tempo.

HERMES - Pois é, mas agora eu vou dizer uma coisa que você não vai gostar muito de ouvir: a educação e o cuidado dos nossos filhos deveriam estar antes dessas coisas todas que você citou.

EUGENIA - Você acha? Pois então saiba que eu faço todas essas coisas única e exclusivamente para ser uma mulher na altura da posição que você ocupa na sociedade. Sim, porque eu nunca me esqueci das suas queixas a respeito da sua primeira mulher, dizendo que ela se vestia mais como

ona de uma barraca de feira do que como esposa de um diretor de Banco
D mim, queridinho, você nunca poderá dizer a mesma coisa.

HERMES - Bem, são quasi duas horas e eu devo voltar para o Banco. Até logo.

C/REGRA - BEIJO. PASSOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE SE ABRE E SE FECHA EM SEGUNDO PLANO.

EUGÊNIA - Duidar de marmanjos eu, hein? Eu que toda a vida detestei filhos. Só tive êsses dois porque êle quiz. Não vou dizer que não os ame, mas preocupar-me com êles, com todas as coisas que fazem ou deixam de fazer... francamente, eu não nasci para isto.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DINAH - Oba! Que elegância!... De onde é que vem nessa pinta toda?

LINDAURA - De reunião em casa da Lilah Fagundes. Vou me sentar que estou cansadissima.

DINAH - Ah, é verdade, não me lembrava que a reunião da Lilah era hoje. E que tal? Esteve boa?

LINDAURA - No que diz respeito a comes e bebes, muito boa. Excelente mesmo. Trouxe até a receita de uns pasteisinhos lisboetas que ela serviu e que estavam uma glória. Agora quanto aos convidados, havia muita gente caipira. Mas quem vai ficar com pena de ter perdido a reunião vai ser a nossa amiga Eugênia, quando souber que haviam duas senhoras de secretários de Estado e duas Consulezas. É capaz de chorar a oportunidade que perdeu.

DINAH - Por que será que ela não foi?

LINDAURA - Porque queria que eu lhe dissesse quem eram os demais convidados. Eu lá sabia quem eram? Aí disse que as festas na casa da Lilah tinham muita mistura, que o grupo que ela frequentava não era de primeira agua e terminou investindo contra a Setembrina, coitada, dizendo que não a suportava. Aí eu saltei na frente dela como uma leôa e disse muita coisa que ela precisava ouvir.

DINAH - Brigaram?

LINDAURA - Vê lá si ela tem topete de brigar comigo. Ela sabe que o marido me adora e que se ela brigar comigo êle fica do meu lado, então para não ter que suportar essa derrota banca a complacente comigo. Mas se pudesse, bem que me devorava.

DINAH - Que será que ela tem contra a Setembrina? Uma pessoa tão boa. Incapaz de dizer mal de alguem. Por ela não vem mal ao mundo.

LINDAURA - Pois é, e a Madame não suporta a Setembrina. A tal da Setembrina, como ela disse. Foi esse "tal" que me fez saltar como uma braza. Ela será melhor que a Setembrina? Talvez que nem lhe chegue aos pés. A Setembrina, pelo menos, tem bêrço. Ela quem é? Uma pobretona sem classe, sem educação, sem nada que teve a sorte de casar com um homem rico e então acha que é a tal. Que ninguem está a altura dela

DINAH - Como se o dinheiro fôsse tudo na vida. Eu como ligo tão pouco o dinheiro...

LINDAURA - É, você liga pouco, mas infelizmente todo mundo liga muito. Por isto que certas ricaças se sentem no direito de machucar os outros, quando na verdade nem lhes chegam aos pés.

DINAH - Você disse que tinha muita gente cafona? Quem era?

LINDAURA - Sei lá. Certe que eu nunca vi. Acho, até que são forasteiras. Mal vestidas, sem gôsto, roupa inadeqüada... Comendo mal, com esganação.

DINAH - Minha filha, isso de comer com esganação você vê em quasi todas as festas, por mais elegantes que sejam. Tem gente que em vez de se servir e se afastar para dar lugar a que os outros se sirvam, se planta em roda da mesa, diante dos pratos que mais lhes agradam, e só saem quando já não podem mais nem respirar fundo.

LINDAURA - Ah é. Eu tambem sempre vejo. Ainda hoje. E tem outras que não esperam que as pessoas se sirvam e ficam se debruçando por cima, esticando os braços, dando cotoveladas nos visinhos... uma coisa horrivel. Mas isso eu estou dizendo pra você, hein? Porque para a Eugênia eu vou dizer que tudo esteve elegantissimo e que ela perdeu uma festa maravilhosa. Vou deixá-la com uma dôr de canela que ela vai ver.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

BETO - Tá doendo muito êsse treco?

NADINHO - O que é que tu acha? O cara me costura todo o pé sem anestesia e tu acha que não vai duê?

BETO - Claro que é eu sei que vai duê. Tô perguntando se tá duendo muito.

NADINHO - Pois é lógico, rapaiz. Por isso que eu queria uma picada, porque aí

eu dormia e quando acordasse já o negócio tava mais apianado.

BETO - Mas o Bazílio disse que não era pra dá a picada. Si êle disse é porque não pode.

NADINHO - Sim, não era pra dá porque não é êle que tá aguentando essa violenta. Olha que não tá mole.

BETO - Guenta aí que passa.

NADINHO - Que horas tu vai me levá pra casa?

~~MARTINHO~~ BETO - Que horas? Tu hoje vai ficá aqui. Tú não vê que na tua casa o Bazílio não pode i te atendê e que aqui qualquer coisa que tu tenha ele pode vi?

NADINHO - Eu me sinto mais seguro lá. Aqui eu tenho a impressão de que a qualquer momento a policia vai chegá e levá todo mundo em cana.

BETO - Vai chegá, nada, rapaiz. Tú tá apavorado porque logo no teu primeiro trabalho deu reação e tu saiu marcado. Mas pra policia descobri isso aqui ela tem muita cuca pra comê.

NADINHO - Como é que o Martinho poude escondê o meu bilhete da policia? Tu sabe?

BETO - Botou na boca e acomodou na gengiva superior. Quando o negócio serenou, passou pra um secreta e êle logo foi procurá o Bazílio.

NADINHO - A turma trabalha direitinho, já vi.

BETO - Bá, rapaiz, o negócio ali é pra valê. A turma é mesmo da pesada.

NADINHO - Tu vai avisá lá em casa? O que é que tu vai dizê?

BETO - Que tu saiu de carona com um amigo pra uma viágem de dois ou tres dias. Se depois tu tivé que ficá mais tempo, eu volto lá pra dizê que vocês resolveram i adiante e vão demorá mais um pouco. É tão fácil.

NADINHO - É, principalmente lá em casa que a turma não toma muito conhecimento da vida da gente aqui fora. (GEME) Puxa, mas tá doendo êsse negócio que não é mole.

BETO - O Bazílio disse que tu pode tomá mais ~~duas~~ dois comprimido desse aqui. Eu von te dá e tu te acomoda pra vê se dorme que aí o tempo passa mais depressa.

NADINHO - Quando é que tu vai lá em casa?

BETO - Quando sai daqui já vou.

NADINHO - Fala com o velho Reginaldo. Si êle estiver sôsinho pode dizê a verdade e pedi que êle me mande um pijama.

BETO - O que?! Tu já fez a bestera de contá a verdade pro velho? A turma te fuzila, se sabe. Tu não tinha que contá. Não pudia.

NADINHO - (CORRIGINDO) Não, não... a verdade eu não disse. Êle pensa que... que eu enfiei o pé num arame, fugindo do pai de uma garota. Só êsso.

BETO - Ve lá, heim? Vai fazê bestera de contá pra alguem.

NADINHO - Já disse que não contei, rapaiz. Tu chegando lá tu diz assim pro velho: o Nadinho feriu um pé no arame, o senhor sabe. Nós levamo êle prao hospital de um amigo e êle vai ficá lá dois ou três dias mas não é pra dizê nada pros pai dele. Pronto. Aí êle diz que eu fui viajá.

BETO - Tá bem. Agora tome isto e veja se vai dormi.

OPERADOR - CORTINA LUICAL

HELOISA - Beto!... Que é que você quer aqui em casa? Será possível que você continue com as suas cretinices?

BETO - Olha lá, garotona, vê lá como fala, heiN? Eu não sou cretino, tá?

HELOISA - É coisa muito pior. Mas o que é que você veio fazer aqui em casa?

BETO - Não precisa ficá nervosa que não é nada com você. Por acaso é a primeira vez que eu venho aqui? É só a você que eu venho procurá? Te apinna, bichinha. Num outras pessoa na casa; não tem?

HELOISA - O Nadinho não tá. Agora mesmo estive no quarto dele pra ver si ele tava melhor e êle tinha saido.

BETO - Ih, queridinha, você tá mais por fora do que a sca de ôvo. Claro que o Nadinho não tá. Pois se eu venho trazê um recado dele êle não pode tá, não é? Ou tu acha que pode?

HELOISA - Pois si veio trazer recado dele, diz logo o recado e sái fora, por favor.

BETO - Por que tanta pressa, meu anjo? Não há necessidade de sê assim tão afobadinha. De mais a mais o recado não é pra você, eu tenho que dá pra quem êle mandô.

HELOISA - Si quer falar com papai êle não está e nem mãmãe tão pouco.

BETO - Isso eu tambem já sabia. Como se eu não conhecesse os costume da casa. Você até parece quem se esquece que eu sou íntimo da familia.

HELOISA - Intimo! Você é o maior penetra que eu conheço. Penetra e cafageste.

BETO - Bom, cafageste eu sou e não me importo que digam porque cafageste é

elogio. Hoje quem não deriva pra cafajeste é bolha, minha filha e eu bolha não quero ser. Olha, quando você quizer me ofender me chama de bolha. Aí sim, aí eu vou subir pelas paredes.

HELOISA - Mas afinal o que é que você quer? Diga logo que eu tenho mais que fazer.

BETO - Pomba, mas eu já não disse? Ou será que você ficou surda?

HELOISA - Você não disse, não. Disse, apenas, que trazia um recado do Beto, mas não disse o que era e nem pra quem era o recado.

BETO - Pra única pessoa que ele tinha certeza que eu encontrava em casa. Porque o resto quem quizer se esconder deles, venha pra cá porque num tão estão.

HELOISA - Você está querendo censurar minha gente? Você se atreve?

BETO - Oba, Santinha! Quem sou eu pra censurar alguem. Por favor não me interprete mal.

HELOISA - Você quiz censurar, sim, mas você não tem nada que se meter com a vida da gente, ouviu? Você é muito ousado, é o que você é.

BETO - Elogio. Ousado sou e me prezo de ser. Quem não é ousado é bolha e eu não quero ser bolha, repito. (TOM) Escuta aqui, meu bem, você não me manda entrá? Por que me recebe aqui na porta da rua?

HELOISA - Porque você não é digno de entrar numa casa de familia.

BETO - (INTENCIONAL) Familia, é? Tá bem.

HELOISA - Eu só lamento que meu irmão não perceba o sujeito ordinário que você é e o tenha na conta de um dos seus amigos. Ele precisava conhecer você melhor.

BETO - Olha aqui, minha santinha, êle me conhece muito bem e não é melhor do que eu, entendeu? Portanto não lamente nada porque aquilo que eu fiz com você êle faz com as irmãs dos outros caras. Não fez com a minha porque eu não tenho.

HELOISA - (FORTE) Bem, chega de conversa. O que é que você quer?

BETO - (MAIS FORTE) Quero falar com o seu Reginaldo.

HELOISA - Ele está ocupado.

BETO - Eu espero.

HELOISA - Não pode dar o recado pra mim?

BETO - Não posso. Já disse que o recado é pra êle. Vá chamá-lo de uma vez,

se quer que eu vá logo embora. Aliás eu já podia ter ido, não fui porque você ficou aí papiando. E depois diz que não gosta de mim.

HELOISA - (RAIVA) Nogarto! Espere aí fora porque eu não vou lhe mandar entrar.

C/REGRA - PORTA QUE BATE COM ESTRONDO.

BETO - (CAINDO) Martinha. Deixa que um dia Tu vai me pagá tudo isso com juros.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL RAPIDA.

BETO - ... e êle quê roupa também. Falou num pijama.

REGINALDO - Eu calculei que êle fôsse querer roupa. Já trouxe um pacote com tudo que êle possa precisar.

BETO - Oh velhinho, seu! Isso é que é eficiência. Acho que vou te contratá pra trabalhá na nossa organização.

REGINALDO - Que organização? (INTRIGADO)

BETO - Uma organização comercial que nós temo que não é de brincadeira. A gente se vira, velhinho, vou te dizê.

REGINALDO - Melhor seria quê vocês tomassem juizo e procurassem um rumo certo.

BETO - Ih, velho, já vem tu com as tuas cantada, já? Dá o pacote. Tchau!

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM NA CALÇADA. SOMEM.

REGINALDO - É uma pena! Rapazes novos... cheios de saúde... inteligentes e que não sabem fazer sinão coisas erradas. Mas a culpa é dos pais modernos. Não querem ter trabalho e deixam os filhos crescer ao Deus dará.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

LOCUTOR - Este foi o oitavo capítulo da novela "Meu Pai, qual o caminho certo?" que Erico Cramer escreveu para o elenco da Rádio Gaúcha. Ouçam amanhã, no mesmo horário, mais um emocionante capítulo deste trabalho. Estiveram presentes no capítulo de hoje ALVARO SANTOS, ELISABETH BORGES, LUIZ SALDIM, ANADIR MIRAPALHETA, PEPE HORMES, SILVIA CARDOSO, IOLITA ALVES, ADROALDO CURIBA e ESTER CASTRO. - Boa tarde.

OPERADOR - CARACTERISTICA DE ENCERRAMENTO.

04.11.
2011

MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?

(Novela de Erico Cramer)

2º CAPITULO

OPERADOR - CARACTERISTICA DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao terminar o 8º Capítulo da Novela "Meu pai, qual o caminho certo" deixamos Reginaldo e Beto na porta da casa do doutor Hermes, onde o rapaz foi, a pedido de Nadinho, levar instruções para o velho mordomo e ao mesmo tempo arrebanhar umas roupas que o ferido iria precisar. Vamos rememorar o final do diálogo entre Beto e Reginaldo.

OPERADOR - SOBE A CARACTERISTICA E BAIXA.

BETO - E êle quê roupa tambem. Falou num pijama...

REGINALDO- Eu calculei que êle fôsse querer roupa. Já trouxe um pacote com tudo que êle possa precisar.

BETO - Oh velhinho, seu! Isso é que é eficiência! Acho que eu vou te contratá pra trabalhá na nossa organização.

REGINALDO- (INTENCIONAL) Que organização?

BETO - Uma organização comercial que nós temos que não é de brincadeira. A gente se vira, velhinho. Vou te dizê.

REGINALDO- Melhor seria que vocês tomasse juizo e procurassem um rumo certo.

BETO - Ih, velho, já vens tu com as tuas cantada, já? Dá o pacote. Tchau.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM NA CALÇADA E SOMEM

REGINALDO - É uma pena! Rapazes novos, cheios de saúde... inteligentes... e que não sabem fazer sinão coisas erradas. Mas a culpa é dos pais modernos. Não querem ter trabalho e deixam os filhos crescer ao Deus dará. (TOM) Bem, deixa-me continuar o meu trabalho.

MÁRCIA -(2ºPLANO, APROXIMANDO-SE) Reginaldo, espera. Não feche a porta.

C/REGRA - PASSOS,CORRENDO, APROXIMANDO-SE,NA CALÇADA. ACOMPANHAM A VOZ.

MÁRCIA - Reginaldo, um momento só.

REGINALDO- Oh, minha filha, desculpa. Eu não tinha visto que você vinha vindo, sinão tinha esperado, é claro.

MÁRCIA - Quem é aquele rapaz que estava aqui falando com você?

REGINALDO- Por que?

MÁRCIA - Porque me olhou de uma maneira tão extranha que eu até me senti mal.

REGINALDO- Esse rapaz é amigo de Nadinho, mas não presta. Evite-o. Não vale nada. Absolutamente nada.

MÁRCIA - Que pena Nadinho ter amigos assim, que não prestem. É tão ruim... tão perigoso... Quasi sempre envolvem e arrastam os que prestam.

REGINALDO - Eu tenho verdadeiro desespero com essa amizade, mas os meus conselhos, infelizmente, não têm surtido nenhum efeito. Nadinho até ri na minha cara quando pretendo alertá-lo. E como não sou pai e não tenho autoridade...

MÁRCIA - Ele parou lá na esquina, veja.

REGINALDO - Entre logo, nem olhe pra êsse sujeito. Ele é capaz de contaminar uma pessoa até com os olhos.

C/REGRA - DOIS PASSOS, PORTA QUE FECHA.

REGINALDO - Fez tudo que precisava na cidade?

MÁRCIA - Quasi tudo. Faltou comprar o livro que eu queria. Não achei na primeira livraria fiquei com preguiça de procurar. Apanhei um táxi e vim embora.

REGINALDO - Você veio de táxi? Nem reparei.

MÁRCIA - Mas eu não parei aqui na frente. Fiquei na esquina. Tinha um vendedor de maçãs eu resolvi comprar estas.

REGINALDO - Tinha maçãs aí, minha filha. Casualmente hoje vieram da feira.

MÁRCIA - Não faz mal. Isso não estraga nunca. Quando as da casa terminarem, tem estas. Mas voltando ao rapaz que estava aí conversando com você, por que papai não proibe Nadinho dessa relação?

REGINALDO - Você quer que eu lhe fale com franqueza, Márcia? Seu pai tem medo de se desmoralizar.

MÁRCIA - Como assim? Desmoralizar-se por que?

REGINALDO - Porque êle pode dar a ôrdem mas já está sabendo que o filho não vai cumprir. Seu pai não tem a menor autoridade sôbre Nadinho ou sôbre Heloisa. As poucas vezes que tentou tomar uma atitude com êles, dona Eugênia se interpoz... Êle sentindo não forte por parte dela, tomaram o freio nos dentes. E quem é que vai contê-los agora?

MÁRCIA - É uma pena. Todos os dois parecem ser ótimos no fundo. O que está faltando, a meu ver, é exatamente quem os guie.

REGINALDO - E não é só a êles que está faltando, não. A toda essa mocidade moderna. Ninguem mais quer nada com coisa alguma. Nada de estudar... nada de trabalhar... nada de produzir... e o pior de tudo é que são

todos uns audaciosos, irreverentes e sem respeito. Hoje êles só têm uma preocupação: ganhar dinheiro fácil para ivertê-lo no vício. Estafaram-se das coisas naturais da vida, porque não tiveram a paciência de esperá-las em seu devido tempo e então para matar o tédio permanente em que se acham perdidas as suas vidas, usam mão de recursos extremos para gozar sensações novas e diferentes. Até o crime, para muitos deles, é uma ocupação para matar tédio. Matam por matar. Sem razão, sem causa, sem coisa nenhuma. É uma busca indiscriminada para matar uma insatisfação. Coitados! O mais triste é pensar que o fim de todos será a cadeia ou o manicômio.

MÁRCIA - Que horror, seu Reginaldo! O senhor me fez ficar toda arrepiada. Vamos ver se salvamos Nadinho dessa infelicidade. Eu lhe ajudo.

REGINALDO - Eu não sei se já não será muito tarde para salvá-lo, dona Márcia.

MÁRCIA - Por que? Você acha que êle já está muito envolvido com essa gente?

REGINALDO - Muito mais do que você seria capaz de imaginar.

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO.

MÁRCIA - Reginaldo, você me assusta!... O que é que você sabe?

REGINALDO - (RECUANDO) Bem... quer dizer... saber mesmo eu não sei. São impressões minhas. Desconfianças... nada mais do que isto.

MÁRCIA - (DEPOIS DE PAUSA) Se papai mandasse Nadinho para longe daqui... para um colégio na Europa, por exemplo... você acha que poderia adiantar?

REGINALDO - Si êle fôsse adiantaria, mas a questão é que êle não vai porque os companheiros não deixam.

MÁRCIA - Quem sabe? Não custava tentar. Eu vou conversar com papai a êste respeito.

REGINALDO - Mas por favor não me envolva no assunto para que Nadinho não perca a confiança em mim. Aí seria muito pior para êle que acabaria inteiramente só.

MÁRCIA - Não, não, eu vou falar a papai como coisa minha, como se eu tivesse feito observações a respeito.

REGINALDO - É, você pode tentar. Não custa. Pode ser que Deus nos ajude e a sua providência dê certo.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HERMES - Você sabe me dizer onde é que anda o nosso filho? Faz dois dias que o não vejo.

EUGÊNIA - Uê, você não sabia que êle foi viajar?

HERMES - Si eu soubesse, não estaria lhe perguntando notícias dele. Mas foi viajar para onde? Quando? Com quem?

EUGÊNIA - Para falar a verdade, eu não sei bem quando que êle foi, nem para onde, nem com quem. Só sei que o Reginaldo me disse que êle tinha ido, assim de repente, com um amigo, de carona.

HERMES - Eugênia, você não acha que nós estamos desligados demais dos nossos filhos? Não só do Nadinho, mas da Heloisa tambem?

EUGÊNIA - Como desligados? O que é que você quer dizer com isto? Não entendi muito bem.

HERMES - Desligados no sentido de não conhecer nada da vida deles fora de casa. Não saber onde êles andam, com quem andam, o que fazem...

EUGÊNIA - Meu Deus, Hermes, será possivel que com toda a sua inteligência você estacionou no tempo? Não evoluiu? Quem é que hoje em dia pede contas a filhos com mais de dezoito anos? Você quer que êles riam na sua cara? Eu não quero.

HERMES - Um rapaz com dezenove anos e uma menina com dezoito são crianças, ainda. Não sabem bem o que fazem. Não podem saber, Eugênia. Que experiência podem ter para distinguir o certo do errado? Nenhuma.

EUGÊNIA - Eu não concordo com você. Quando eu tinha a idade da Heloisa, sabia muito bem o que fazia. Se errava, era porque queria. Era consciente. Porque eu conhecia muito bem o bem e o mal.

HERMES - Perfeito, mas você teve a orientação de seus pais. Você aprendeu, com êles, a distinguir o jôio do trigo. Êles não. Êles se movimentam segundo a própria vontade desde gurisotes. Vão para onde querem, fazem o que bem entendem e ninguem lhe pede contas dos seus atos. Isso é mau. Pode trzer-lhes grandes prejuizos e para nós profundos desgostos.

EUGÊNIA - Qual o que, Hermes! As crianças de hoje sabem, perfeitamente, o que mais lhes convem. Resolvem, com a maior facilidade e da melhor maneira, coisas que nós, mais velhos, temos dificuldade. É a evolução... é o progresso... sei lá. O que sei é que, na verdade, êles não precisam de nós.

HERMES - Não posso, de forma alguma, concordar com essa sua teoria. Acho que ninguem nasce sabendo e que todos precisamos aprender. Uns mais, outros menos - dependendo do grau de inteligência de cada um, mas a verdade é que sem aprender ninguem sái da ignorância.

EUGÊNIA - Você quer ver como eu derrubo a sua teoria só com um exemplo? E os que tocam piano de ouvido, sem conhecer uma nota de música? Como é que tocam? Você dirá que por intuição; pois essa mesma intuição é que guia ~~xxxxxxx~~ a juventude de hoje, fazendo com que êles sigam o caminho certo.

HERMES - E os que não sabem tocar piano porque não têm ouvido e nunca aprenderam? O seu exemplo não me convence, não, Eugênia. Eu acredito que uma meia dúzia de jóvens acerte o caminho por intuição, mas o número dos que não acertam é infinitamente maior. Tal qual como os que não tocam de ouvido. Sabe qual é a verdade, minha querida? É que levá-los pela mão dá muito mais trabalho e muito mais luta, principalmente quando êles são rebeldes como os nossos então deixá-los andar sósinhos é bastante mais cômodo. Mas não podemos nem devemos esquecer o risco que corremos.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

BETO - Como é que está?

NADINHO - Melhorando. De tardezinha pra cá as dôres não foram tão fortes, ou então eu que me habituei com elas, sei lá.

BETO - Recebeu o pacote das roupas que o velhote mandou? Deixei lá em baixo porque tava com pressa e não dava tempo de subi.

NADINHO - Recebi, sim. A negra Dequinha me alcançou. Por sinal que me chateou à bessa. Falou pelos cotovelo. Eu já nem ouvia mais o que ela dizia.

BETO - Aquela nêgra é chata às pampa, mas é prestativa paca. Qualquer coisa que você precisá dela, pode contá que ela faiz.

NADINHO - E como é que tá o negócio? Não sabe nada?

BETO - Nada. Não falei com ninguem depois daquilo. Tô destacado pra cuidá você, não vou nem nas reuniões. Sabado, sim. Sabado eu tenho que i na reunião geral e aí eu vou tomá conhecimento do que tá acontecendo. Sabe que já descobriram o cara quem é? Êle tá marcado. Escapou na primeira, mas vai marchá na segunda. E vai sê no dia que êle recebê o dinheiro da firma.

NADINHO
BETO - Você acha que eu tambem vou sê destacado?

BETO - Você, tão cedo não vai podê se movimentá. Vamo tê que arrumá um substituto pra ficá no seu lugar. O chefe já veio com conversa pro meu lado que é pra eu i pensando noutro, mas o negócio não é mole, não. Esses cabeludo que andam aí são tudo uns frouxo. A gente fala em topá uma parada como essa, êles arrepiam.

NADINHO - Tem que dá o golpe muito bem dado no cara que é pra êle ficá preso e depois não pudê escapá. Como fizeram comigo.

BETO - E você tá arrependido? Se tá pode dizê que a gente dá um geito.

NADINHO - Que geito? Fazê a gente sumi do mapa? Nessa eu não vou que eu não sou cavalo.

BETO - Não... não é preciso chegá a tanto. Deude que o cara garanta que não vai denunciá a gente... pode-se dá uma folga nele.

NADINHO - O Sarará garantiu que ia guardá segredo de tudo e sumiu. Ninguem mais viu êle em lugar nenhum.

BETO - Foi embora. Quiz i, o Chefe mandou. Quem não quê, não precisa. Fica por aí mesmo.

NADINHO - Beto, eu não volto atraz das coisa que faço, mesmo que tenha feito bestera.

BETO - Que é que você quê dizê com isso? Você acha que fez bestera se juntando com a gente?

NADINHO - Não sei e não quero pensá. Tô aqui, vou ficá aqui e o que tivê que fazê eu faço. (TOM) No sabado, depois da reunião, você vai aparecê aqui?

BETO - Você acha que vai precisá demais pra alguma coisa?

NADINHO - Não, é que eu vou querê sabê o que foi resolvido na reunião.

BETO - E você acha que eu vô lhe dizê? Não sabe que os assunto da reunião só se fala lá dentro?

NADINHO - Pomba, Beto, mas eu sou companhero.

BETO - Não tem nada disto. Assunto de reunião, fora de lá não se fala. E quem falá cain na transgressão. Pode pagá caro.

NADINHO - Mas com a gente aqui é diferente, Beto. Nós somos amigos que diabo!

BETO - Não tem nada de amigo. Nesse trôço comigo é dureza. Não dou cordenada pra ninguem. Nem se fôsse pro meu pai. Bem, tá aqui o jornal da tarde e um livro policial pra você se distraí. Amanhã, de manhã, passo

aqui de novo, pra sabê o que o doutor disse do ferimento. Tchau.

NADINHO - Tchau.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM E COMEÇAM A DESCER ESCADA ATÉ SUMIR.

NADINHO - Puxa vida que a minha estrela nessa brincadeira foi de matá. Mas agora não adianta olhá pra traz. É toca pra frente, e não pensá.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

EUGENIA - Pensei que você estivesse brigada comigo.

LINDAURA- Óra essa! Por que haveria de estar?

EUGENIA - Nunca mais apareceu...

LINDAURA- Estava me preparando para a festa da Lilah Fagundes. Resolvi fazer vestido novo em três dias, você já sabe. Costurei até a hora de me arrumar.

EUGENIA - E pêlo menos valeu a pena tanto sacrifício? A festa estava boa?

LINDAURA- Boa é apelido, queridinha. Boa é apelido. Estava ótima. Eu disse à Lilah, na saída e disse sinceramente, que ela merecia grau dez pelo que apresentou. Um bifê estupendo, maravilhoso, uma coisa como ha muito tempo eu não me lembro de ver. Era perú, era leitão, era lagosta, era salmon, caviar, torto de aspargus...

EUGENIA - Nossa! Para de falar em tanta iguaria que eu já estou com agua na boca. Até foi bom que eu não fui porque iria engordar pelo menos meio kilo e isto ia me causar um desgôsto tremendo.

LINDAURA - Apresentou um violinista e uma cantora que foram aplaudidissimos.

EUGENIA - (MEIO DESPEITADA) Ah, teve hora de arte, é?

LINDAURA - Teve. Foisa muito boa. Sorteios, tambem, com prêmios maravilhosos. Sabe quem tirou um anel de ouro muito bonito? A Antonieta. Vou lhe dizer: foi uma festa completa. Não teve um senão.

EUGENIA - (SIGNIFICATIVA) E... e a freqüencia? Boa?

LINDAURA - Estava cheissima. O terraço não chegou. Ela teve que extender o pessoal por mais duas salas.

EUGENIA - Não, não é isto. Eu perguntei... pela qualidade da gente que estava lá. Se tinha alguem de destaque...

LINDAURA - Ah, sim, entendi. Eu só vou dizer a você que estavam duas esposas de secretários de Estado e duas Consulezas. Estava a Zaira... a Edy Lafonte... as Barberela...a Dominique... a Carla... a dona Corália...

EUGENIA - A dona Corália também?

LINDAURA- Também. Tinha muita gente de destaque. Muita mesmo.

EUGENIA - Mas também tinha muita mistura; fale a verdade. Tinha ou não tinha?

LINDAURA- É claro. Uma festa de caridade, onde os ingressos são pagos, vai todo o mundo que pode ou que quer ir. O objetivo da festa é renda, portanto não se pode pensar em fazer restrições. Ela estaria bem arranjada se fôsse passar ingressos só para o grand-monde. Ela já está pensando em fazer outra no próximo mês, dado o sucesso ímpar que obteve.

EUGENIA - Essa eu vou.

LINDAURA- A sala de jogo rendeu mais que o bazar, você acredita?

EUGENIA - Quem é que foi no meu lugar; não sabe?

LINDAURA- Sei. Estava na roda uma Conselheza que convidou outra para completar a mesa.

EUGENIA - É... eu podia ter ido, mas você logo se aborreceu com a minha indecisão e tomou uma atitude tão radical que acabei desistindo.

LINDAURA- Claro. Você começou a fazer cara de nojo, a torcer o nariz e a falar mal das minhas amizades. Eu fiz exatamente o que faria se estivesse noutro lugar e me falassem mal de você.

EUGENIA
LINDAURA- Mas eu não falei mal. Eu disse, apenas, que não suportava a Setembrina. É um direito que me assiste. Ou não é?

LINDAURA- Você sabendo que eu era amiga dela, não podia falar como falou. (IMITANDO) A "tal" de Setembrina. Pois a Setembrina nem foi. Deve estar, neste momento no Rio para embarcar amanhã ou depois para a Europa. Vai fazer uma volta ao mundo.

EUGENIA
LINDAURA- Hum, como ela está? Ganhou na Loteria Esportiva?

LINDAURA- Ela não precisa ganhar na Loteria Esportiva para ir à Europa quantas vezes quizer. Está riquíssima.

EUGENIA - Mas então é agora porque morou toda a vida em casa de aluguel e andou com vestidos reformados.

LINDAURA- É agora, sim. Morreu o padrinho dela em Minas e deixou-lhe tútú que não acaba mais. É por isso que eu digo, minha querida, que a gente nunca deve desfazer nos outros porque a roda da fortuna gira sempre e os que estão lá em cima podem baixar e vice-versa.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - Já falou com o seu pai a respeito da viágem de Nadinho?

MARCIA - Ainda não, mas pretendo fazer isto hoje mesmo. Não quero deixar para amanhã.

REGINALDO - Assuste-o. Faça-o compreender que o rapaz está à beira de um abismo. Pode ser que assim êle se resolva a tomar qualquer providência.

MÁRCIA - Eu só espero que minha madrasta me dê uma oportunidade durante o serão. Si ela entender de não se afastar, eu não poderei fazer nada. Na frente dela nem me atrevo a falar.

REGINALDO - Não convem. Mesmo que ela achasse que você estava com a razão, não daria o braço a torcer. Ela não admite o interesse de ninguem pelos seus filhos. Talvez seja defesa, não sei. Para que não se evidencie tanto o seu descaso por êles.

MÁRCIA - É, pode ser que você tenha razão, Reginaldo. Como não faz, não deixa que os outros façam. Tem gente realmente assim.

REGINALDO - Olho, veja lá. Seu pai foi para o gabinete e sua madrasta para o quarto. Espere mais um pouco e si êle continuar sósinho, aborde-o sem perda de tempo.

MÁRCIA - Sabe o que vou fazer? Vou usar o pretexto de perguntar-lhe si êle aceita um cafêsinho. Mesmo que o recuse, é a oportunidade que eu espero.

REGINALDO - Isso. Vá de uma vez, não perca tempo.

C/REGRA - PASSOS DE MÁRCIA QUE SE AFASTAM E SE PERDEM.

REGINALDO - Meu Deus! Tem pena daquele rapaz na flor da idade e faz com que êle se pai compreenda a necessidade de arrancá-lo daqui para bem longe. Eu poderia conseguir isto, mas teria que dizer-lhe a triste verdade e o desgôsto o mataria. Não posso falar. Não posso. Infelizmente sou obrigado a silenciar.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HELOISA - Mãmãe, que tem o papai que agora deu para fazer longos interrogatórios pra gente, hein?

EUGENIA - Sei lá. Desde que a tal de Márcia chegou que teu pai não é mais o mesmo. Eu já estou enchendo. Contenho-me o quanto posso, mas há momentos que eu tenho ímpetos de subir pelas paredes. Acho que é ela com as suas doutrinações anticuadas e ridículas que está botando macanquinhos no sótão de seu pai.

HELOISA - Capaz. Eu hoje cheguei a pensar que êle está ficando gágá. Tantas foram as perguntas que fez e tão absurdas.

EUGÊNIA - Si eu pudesse descobrir uma maneira de mandar esta criatura embora sem que seu pai soubesse...

HELOISA - Isso não é possível. Vamos ter que nos acostumar à presença dela nesta casa e eu já me resignei. É bem verdade que a mim ela não incomoda, mas não deixo de reconhecer que é muito chata.

EUGÊNIA - Se vocês conseguissem arrastá-la para o convívio dos seus amigos, ela estaria menos em casa e tudo se tornaria mais suave. Mas eu duvido que ela aceitasse um convite seu ou de Nadinho.

HELOISA - Nadinho estava contando de levá-la para o convívio daquela entrefa de companheiros que fazem parte do seu grupo, mas eu protestei.

EUGÊNIA - Por que, minha filha? Deixa. É de conviver com gente assim que ela precisa.

HELOISA - Não, mãezinha, não é. Porque não gostamos dela também não temos o direito de fazer-lhe maldades. Isso seria uma refinada maldade. E ela podia ir no encontro delas uma vez, depois nunca mais iria. Você não sabe o que é aquela turma, mãezinha, você não sabe. Cada um é pior do que o outro. Quer que lhe diga mais? A senhora nem deveria consentir que qualquer um deles entrasse aqui em casa.

EUGÊNIA - Mas como é que eu vou fazer isto, se são amigos de seu irmão, minha filha? Bem posso. Nadinho ia ficar desesperado.

HELOISA - Podia ficar, mas não deixaria de ser para o bem dele. Nadinho já está na idade de tomar um rumo na vida, mãezinha. Não estuda, não trabalha e não quer compromisso de espécie alguma. Isso é possível? Eu sei que também não levo a vida lá muito a sério, mas pelo menos estudo. Já é alguma coisa. E depois sou mulher, não preciso tanto de saber, como precisa um homem.

EUGÊNIA - Nadinho sabe que o pai tem fortuna e que êle não precisa fazer fôrça para ter o que quiser da vida.

HELOISA - Acontece que o pai não é eterno e se por infelicidade viermos a perdê-lo eu quero ver como se arranjará. Cada um tem que fazer fôrça por si, sem contar com os outros. Esta é a verdade.

EUGÊNIA - Eh, minha filha, você também está ficando chata como seu pai. O que é que está acontecendo aqui em casa, pelo amor de Deus?! Sabe que mais Deixe-me dormir que estou cansadíssima. Vá conversar com seu pai no gabinete que hoje você vai sintonizar maravilhosamente com êle.

HELOISA - Eu não. Vou estudar que amanhã tenho aula de química pela manhã e estou completamente a zero na matéria. Durma bem, mãe.

EUGENIA - Obrigada. Você também.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HERMES - Você me parece muito preocupada com esse irmão, minha filha. Por que? Soube alguma coisa que pudesse comprometê-lo?

MÁRCIA - Não, não, papai, pelo amor de Deus! Não sei de nada, juro-lhe. Acontece que as informações que Reginaldo me deu a respeito dos seus amigos mais íntimos são as piores possíveis. A gente fica preocupada, não é mesmo? Geralmente os rapazes na idade dele têm muito boa fé, acreditam muito nos amigos, acham bonito sacrificar-se por êles e no fim, por fôrça de tudo isto, muitas vezes se comprometem e se prejudicam.

HERMES - É certo, minha filha, tudo isto que você disse é exatamente o que eu penso. Acontece que para convencer Padinho que êle deve abandonar os amigos que tem, não acredito que ~~[illegible]~~ haja alguem que consiga.

MÁRCIA - Mas eu tenho uma ideia, papai, que talvez se pudesse obter êxito com ela.

HERMES - Uma ideia? Muito bem, vamos ver qual é essa ideia.

C/REGRA - BATIDAS MEIO NERVOSAS NA PORTA EM 2º PLANO

HERMES - (PROJETANDO) Entre.

C/REGRA - PORTA QUE ABRE EM 2º PLANO

REGINALDO - Dá licença, doutor Hermes? Tem um ~~senhor~~ homem alto, desejando falar com o senhor com a máxima urgência. Não quis entrar e pede que o senhor chegue na porta.

HERMES - Eu vou lá.

C/ REGRA - PASSOS DO DOUTOR HERMES SE AFASTANDO

MÁRCIA - (Depois de pausa, aflita) Que foi, Reginaldo?! Você está lívido.

REGINALDO - (ABAFADO) Dona Márcia, que desgraça! Eu não quis dizer nada para não assustar o patrão, mas o senhor que está aí à procura dele... é da polícia!...

OPERADOR - ACORDE DE GRANDE SUSTO

MÁRCIA - (ABAFADA) Meu Deus!...

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ENCERRAMENTO.

LOCUTOR - Este foi o 9º Capítulo da novela "Meu Pai, qual o caminho certo?" que terá a sua continuação amanhã, neste mesmo horário.

(Relação dos artistas)

OPERADOR - ENCERRAMENTO.

04.11.
2011

- Novela de Érico Cramer -

10º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao findar o 9º capítulo desta novela, deixamos o doutor Hermes e sua filha Márcia conversando no gabinete a respeito de Nadinho, por cuja sorte a moça muito se preocupava, em vista da vida que fazia e dos amigos que o cercavam. O pai ouvia, atentamente as considerações da filha. E a conversa dos dois foi interrompida mais ou menos neste ponto:

OPERADOR - SOBE A CARACTERÍSTICA E VAI BAIXANDO AOS POUCOS ATÉ SUMIR.

MÁRCIA - Geralmente os rapazes na idade dele, papai, têm muito boa fé, acreditam muito nos amigos e acham bonito sacrificar-se por êles. No fim, por fôrça de tudo isto, muitas vezes se comprometem e se prejudicam.

HERMES - É certo, minha filha e tudo isso que você disse é exatamente o que eu penso. Acontece que para convencer Nadinho de que êle deve abandonar os amigos que tem, não acredito que haja alguem que consiga.

MÁRCIA - Mas eu tenho uma ideia, papai, que talvez se pudesse obter êxito com ela.

HERMES - Uma ideia? Vamos ver. Qual é essa ideia?

C/REGRA - BATIDAS MEIO NERVOSAS NA PORTA EM 2º PLANO

HERMES - (PROJETANDO) Entre!

C/REGRA - PORTA QUE ABRE EM 2º PLANO

REGINALDO - Dá licença, doutor Hermes? Tem aí um homem alto, desejando falar com o senhor com a máxima urgência. Não quiz entrar e pede que o senhor chegue lá na porta.

HERMES - Eu vou lá.

C/REGRA - PASSOS DO DOUTOR HERMES SE AFASTANDO

MÁRCIA - (DEPOIS DE PAUSA. AFLITA) Que foi, Reginaldo?! Você está lívido!

REGINALDO : (ABAFADO) Dona Márcia, que desgraça! Eu não quiz dizer nada para não assustar o patrão, mas o senhor que está aí na porta a procura dele... é da polícia!...

OPERADOR - ACORDE DE GRANDE SUSTO

MÁRCIA - (ABAFADA) Meu Deus!... Que terá acontecido?!

REGINALDO - Desgraçadamente... é muito fácil prever-se.

MÁRCIA - Nadinho?

REGINALDO- Claro. Tanto que lhe adverti a respeito de seus amigos e êle não acreditou. Agora aí está o resultado. Amanhã vou ter que dar um geito de avisá-lo que êle fique por lá onde está e, se possível, procure esconder-se melhor.

MÁRCIA - Mas como?! Você sabe onde êle está? Êle está escondido? Por que? (PAUSA) Reginaldo, você precisa me dizer tudo para que eu possa ajudá-lo. Você está tão aflito... numa angústia tão grande... Confie em mim. Eu sou sua amiga e quero bem ao Nadinho. E mesmo que não o quisesse, faria tudo por êle para evitar aborrecimentos ao papai. Fale. Conte. Que houve com o Nadinho? Onde está êle?

REGINALDO- Êle está escondido. Meteu-se numa complicação muito séria e agora não tem como sair dela.

MÁRCIA - Alguma... alguma moça?

REGINALDO- Não. Antes fôsse.

MÁRCIA - Negócios... pouco lícitos?

REGINALDO - Pior, muito pior.

MÁRCIA - Talvez então... entorpecentes?

REGINALDO - Pior, ainda.

MÁRCIA - Meu Deus! Poderá existir, ainda, coisa pior? Fale, diga o que foi.

REGINALDO - Assalto.

OPERADOR : ACORDE DE PAVOR. A MUSICA FICA VIBRANDO EM BG.

MÁRCIA - Jesus!... Como é possível?!... Um rapaz de família! Que tem tudo! Mas como foi? Conte. A quem êle assaltou?

REGINALDO - Isso é uma estória longa que depois eu conto a você. Mas por favor, nem uma palavra a ninguem do que acabou de ouvir de mim.

MÁRCIA - Reginaldo, pode confiar em mim. Eu só quero ajudar, mais nada.

REGINALDO - Eu sei, mas às vezes, a gente querendo ajudar, atrapalha. A mim mesmo já aconteceu isto. Portanto, eu vou lhe pedir um grande favor; não tome nenhuma iniciativa sem combinar comigo antes, para evitar desencontros que possam prejudicar Nadinho.

MÁRCIA - Fique tranquilo. Não farei nada sem a sua prévia autorização.(PAUSA) Coitado de papai! Deve estar, a esta hora, com o coração estraçalhado. E êle é tão bom... não merecia isto.

REGINALDO - Realmente. Pelo doutor Hermes, não viria mal ao mundo. Mas dona Eugênia nunca se preocupou com os filhos. Só cuidou dela. É ela, a meu ver, a grande culpada de tudo. Os filhos estiveram, a vida toda, a mercê da própria sorte. Cresceram como cresce a erva daninha num jardim. E a senhora vai ver que ela ainda vai se revoltar contra o mentiro. Escute o que eu estou... (TOM) Cuidado, vamos mudar de assunto que aí vem o doutor Hermes. Eu senti fechar a porta da rua.

C/ REGRA - PASSOS DE HERMES QUE VÊM DE LONGE E SE APROXIMAM, PARA EM 1º PLANO.

MÁRCIA - (DEPOIS DE PAUSA, MEDROSA) Alguma... alguma coisa importante?

HERMES - Não. Quer dizer... até certo ponto, sim, porque envolve os negócios do Banco e portanto não deixa de me atingir.

MÁRCIA - Alguma... denúncia? Alguma queixa?

HERMES - Não. Quer dizer... não o sim. É a propósito de um cheque que parece ter sido falsificado. Amanhã de manhã vamos tirar a dúvida lá no Banco.

MÁRCIA - Mas o cheque... êêêê é seu? Foi... foi a sua assinatura que falsificaram?

HERMES - Não, não. Se fôsse, eu logo teria visto. É do procurador de uma firma muito importante. Eu preciso anotar isto na minha agenda, para a minha primeira hora de trabalho, amanhã. Vou ao quarto de vestir que a agenda ficou no bolso do meu casaco.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM E SOMEM

MÁRCIA - Que alívio, não é Reginaldo? Era outra coisa bem diferente e nós aqui sofrendo uma tremenda angústia por antecipação.

REGINALDO - Não sei, dona Márcia. Sinceramente, não sei.

MÁRCIA - Como não sabe? O que é que você não sabe?

REGINALDO - Si êle estará dizendo a verdade... ou se estará fingindo para não nos causar aflição.

MÁRCIA - Você acha? Mas êle está com a mesma cara com que saiu daqui para atender o homem.

REGINALDO - Êle é capaz disto. Eu o conheço bem para saber que êle é capaz de manter a máscara inalterada e por dentro estar se desfazendo de desgôsto e de aflição. Êle é forte, dona Márcia. Forte como poucos.

cos. Lembra-se quando seu avô morreu como êle se portou? E adorava o pai. Mas precisava mostrar-se forte por sua avó e não fraquejou um minuto.

C/REGRA - PASSOS DE HERMES QUE SE APROXIMA E PARA EM 1ºPLANO.

REGINALDO - Eu vou preparar um cafêsinho. Com licença.

OPERADOR : CORTINA MUSICAL

C/REGRA - RUIDO DE VARRER CHÃO COM VASSOURA DE PALHA.

DOQUINHA - Credo em Cruiz, que xugera que êsse home faiz! Óia só as muntuera de papé riscado e tôco de cigarro. Si num tivesse a Doquinha pra barrê, isso aqui virava xiquero de porco. E dispois diz que num tem branco xujo. Num tem pouco. Esse aí é um.

NADINHO - Que é que tu tá aí reclamando, Doquinha? Tá achando ruim tê que limpá o que eu sujo? Mas não é pra isso que tu ganha, pomba?!

DOQUINHA - É. É pra isso, mas suncê divia do tê mais discunsideração ca gente e num xujá tanto. Óia pra isso o vê se isso tem geito. Tem mais de um kilo de tôco de cigarro, home. Isso é pussive?! E pra ganhá o que? O salário.

NADINHO - Que salário! Tu ganha muito mais. Só o que tu leva de gorgeta...

DOQUINHA - Bão, isso é verdade. Mas tombem num é tanta gorgeta ansaim. Dá o salário e caquorada. (PAUSA E COM. VARRE.) Falá em gorgeta agora eu tô me alembrando que suncê me prometeu uma gorgeta e eu ainda num vi ai foi papé ou foi muedinha.

NADINHO - Eu ainda não recebi dinheiro, mas fica firme que tu não vai perdê por esperá.

DOQUINHA - Óia, isso de prometê de ganhá eu já tô iscalavrada. Os úrtimo que tivero aí - era dois - prometero, prometero e quando foi um dia de minhã que eu vim aqui em ribe pra barrê, pois óia, os cujo tinha sumido que num deixaro nem chero. Bão, qué dizê... chero bem que deixaro porque ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~ tinha xugera de montão.

NADINHO - Doquinha, se tu tá habituada a lidá com vigarista, eu não sou. Prometi, vou te dá. A questão é que eu não arrouxe dinheiro e não tenho como mandá buscá. Vê se entra isso na tua cachola.

DOQUINHA - Se o sinhô quizé, me dá a dereção que eu vou buscá dinhero pro sinhô. Aponta dereitinho num papé que eu chego lá.

NADINHO - Tu não podes i lá em casa. E nem o Bazilio ia deixá.

DOQUINHA- (BAIXANDO A VOZ) Eu não perciseva dizê que ia lá. Dizia que ia na minha maloca e pronto.

NADINHO - Mas se o Bazílio descobrisse, tanto tu como eu iamos pagá caro. A turma aqui não deixa a gente brincá em serviço.

DOQUINHA- Tinha um aí que eu conseí dê i na casa dele e êles nunca ficaro sabendo. Um dia deu aí um enguigo com êle e mandaro me chamá. Me priguntaro anssim: Doquinha tu sabe adondo é a resendência do Artamirando - era o nome dele - nóis perciseno que tu vá lá pra nóis. Eu, heim? Com a maió cara de pau, fixei bem os óio dele e arrespondi: num seí. Eles oiaro, oiáro, oiáro bem dentro dos meus óio e eu tô aí, firme com pistanceja. aí êles meno diasero: ela num sabe. A nêga aqui tem sobetelgúgio neste colpo, que é que tu pensa? Acustumada a tirá cana na pulicia, apanhá como vaca ladrona e não dizê os tróço...

NADINHO - Pois é, mas te fecha porque se tu começa a contá esses tróço aí pra qualquer um, vem um e te denuncia, tu tá roubada.

DOQUINHA - Eu num tenho medo. Só sarado de negá na cara dos cujo e inda deixo êles mal. Essa nêga aqui tem escola de vida, tu num pensa, não. Óia, no carnavá nóis tava proibida de bêbê que era pra num saí fora da gerese e falá coisa que compremetesse. Eu bibi de caí e jurei pra êles de pé junto e siná da crúiz que num tinha bibido. Eles acreditaro. Imagine carnavá sem bêbê. Nem havera de tê graça. A bibida é que isquenta o sangue da gente e ajuda a se arrebolá bunito. Nóis não bibia, as outra bibia, no fim a iscola da gente é que ficava pra traia.

NADINHO - Tu sabe que hora são? Tá quasi na hora de tu me trazê a cumida e tu em vez de fazê o teu serviço tá aí batendo papo.

DOQUINHA - É verdade que já tamo quági no meio dia?

NADINHO - Verdade, sim.

DOQUINHA - Nossa que eu tô atrazada pra cacherro.

C/REGRA - RUIM DE VARRER DEPRESSA COM VASSOURA DE PALHA.

NADINHO - Vê se hoje tu me traz uma comida mais decente. A de onte tava bra-

NADINHO - Quando a carne estivê brasa, assim como onte, faz um omelete com presunto que dá menos trabalho e fica mais gostoso.

C/REGRA - CONTINUA A RUIDO DA VASSOURA RASCANDO NO CHÃO. PASSOS DE HOMEM SUBINDO A ESCADA. PARA A VASSOURA. SEGUEM OS PASSOS.

DOQUINHA - Vem gente aí. (PAUSA) É o seu Beto. Eu vou descê pra perparé o armoço e quando êle tivê pronto eu venho trazê.

BETO - Buenas.

NADINHO - Alô, Beto.

BETO - Como é que foi essa noite?

NADINHO - Melhor. Acho que se continuar assim, dentro de dois ou tres dias eu tô bom.

BETO - Que é que tá me olhando? Tá me achando bunito?

DOQUINHA- Credo em Cruiz! Tiscunjuro, assombração. Bunito! Deus me perdôe!

C/REGRA - PASSOS DE DOQUINHA QUE DESCE LUGUBRE A ESCADA.

BETO - (PROJETANDO) Tá desdenhando é negrinha? Outras tambem já desdenharam e acabaram se rendendo aqui pro gostosão.

DOQUINHA- (AFASTADA) (PROJETANDO) Deus me livre! Eu tenho o meu nêgo lá vou parcisá de bode rúivo que nem tú? Só por um castigo meme.

BETO : Vai, vai... quem dosdenha quê comprá. (TOM) O médico já veio?

NADINHO - Veio. Já fez outro curativo.

BETO - Disse alguma coisa?

NADINHO - Disse que tá melhor. Sabe o que eu queria? Que você fôsse lá em casa buscá dinheiro que eu tô precisando.

BETO - Tá bem. Logo, se dê no geito, eu vou. Quanto é que você vai pidi?

NADINHO - O que êles puderem me mandá. Fala com o Reginaldo que êle ageita. Alguma novidade?

BETO - Nenhuma. Os jornais deixaram de falá no caso agora tudo melhora. Essas coisa são assim. No segundo terceiro dia não deu cana, pode desconfiá que não dá mais.

OPERADOR : CORTINA MUSICAL

MÁRCIA - Eu não seria capaz de imaginar que Nadinho tivesse tanta corágem, Reginaldo. Estou boquiaberta.

REGINALDO - Você está muito organada, minha filha. Não é a corágem que faz com que êles vão tão longe. É o medo. É exatamente o medo que os impele a praticar coisas dessa natureza.

REGINALDO - É fácil. Eles começam as coisas por espírito de aventura, pelo desejo de fazer uma coisa sensacional, uma coisa diferente, uma coisa que lhes permita, depois, contar vantágem entre os amigos. Acontece que sempre existe um mais esperto e mal intencionado que se aproveita da inexperiência deles e os envolve até conseguir aprisioná-los nas malhas de uma falta mais grave, da qual o esperto "bomsinho" o ajuda a sair para poder, depois, manejá-lo ao seu bel prazer, ameaçando-o. O medo do escândalo, de que a família venha a conhecer a verdade, do que a lei possa castigá-los e outras coisas dessa natureza é que os vai impelindo de êrro em êrro e êles, fatalmente, terminam no crime.

MÁRCIA - Deus de Misericórdia! Temos que fazer tudo para evitar que Nadinho chegue a êsse extremo.

REGINALDO - Temos que fazer tudo, sim, mas só com astúcia e habilidade poderemos arrancá-lo das garras dos seus falsos amigos. Eles são astutos, são ágeis e uma presa preciosa - como Nadinho deve ser para êles - é sempre mais vigiada para que não lhes escape das unhas.

MÁRCIA - Eu continuo a pensar que uma longa temporada num colégio da Europa poderia solucionar a questão. Não seria difícil que êle saisse sem que ninguem soubesse. Papai teria toda a facilidade de mandar preparar seu passaporte em sigilo e quando a turma soubesse êle estaria longe.

REGINALDO : Você não externou essa sua idéia a seu pai?

MÁRCIA - Não cheguei a fazê-lo. Exatamente no momento em que ia falar disso a êle, ontem, você bateu na porta e o assunto foi interrompido.

REGINALDO - Por que você não vai ao Banco, hoje à tarde e aproveita para falar no assunto? Já seria uma oportunidade de observar si êle ontem falou a verdade ou inventou aquela estória do cheque.

MÁRCIA - É uma boa idéia. Hoje vou lá conversar com êle sôbre êste assunto.

REGINALDO - Você reparou que na hora do almôço êle não tocou no negócio do cheque?

MÁRCIA - Reparei, sim. E eu por duas vezes encaminhei de leve o assunto, mas êle desviou.

REGINALDO - É... não sei... não sei... eu estou com muito mau presentimento a respeito daquele assunto de ontem. Deus permita que eu me engane. Deus permita!

OPERADOR : CORTINA MUSICAL

HELOISA - Já tiveram noticias do Nadinho? Já sabem onde êle está, mãmãe?

EUGENIA - Não, não sabemos nada. Seu irmão é igualsinho a você, nesse ponto. Quando viaja esquece que tem família e nem Deus te salve. Por sorte eu não me preocupo, sinão acabava louca.

HELOISA - Eu não sou assim, não, mãe. Não sou muito de escrever, mas telegrama passo. De cada lugar que eu chego, mando um.

EUGÊNIA - Telegrama é nada, muito pouca diferença faz.

HELOISA - Ah, não, mãe, essa não. Eu mandando telegrama, pelo menos vocês sabem onde estou. Se não mandasse nada não sabiam.

EUGENIA - Amanhã ou depois êle aparece aí de volta. Levou um pingo de roupa e não levou dinheiro... Não pode resistir muito tempo. (PAUSA E TOM) Não viu a folha de sua irmã por aí?

HELOISA - Nunca vejo. Nunca tomo conhecimento da presença dela. Isto é... acho que quando eu vinha chegando da aula da tarde ela ia saindo.

EUGENIA - A gente não toma conhecimento da presença dela, mas você reparou como ela anda sempre espionando a gente?

HELOISA - Pra falar a verdade tambem não reparei isto, não. Espionar a gente pra que?

EUGÊNIA - Com certeza pra depois ir contar coisas ao seu pai.

HELENA - Coisas? Que coisas?

EUGÊNIA - Sei lá? Coisas. Ela sabendo os movimentos da gente é mais fácil tecer as estórias. Do contrário pode haver contradição.

HELOISA - Não acredito que ela faça isto, não, mãe. Acho que é impressão tua. Talvez espie com vontade de abordar a gente, de fazer intimidade. Pra fazer conversa não acredito.

EUGÊNIA - Pois eu acredito. Gente que é mal recebida e teima em ficar na casa tem um objetivo oculto.

HELOISA - E qual é o objetivo que tu achas que ela tem?

EUGENIA - Separar seu pai de nós. É tão claro. E ela quer separar pra ela, não é? pra mãe, não, porque na mãe ela nunca fala. Pelo menos eu não ouvi e acho que você tambem não.

HELOISA - Eu não tenho essa impressão, não. Em todo o caso, como a gente nunca pode confiar em quem não conhece...

EUGÊNIA - Nem em quem conhece. Nem em quem conhece. Minha mãe dizia que a gente pra se conhecer tinha que gastar um saco de sal juntos. Mas não é desses saquinhos em que vendem o sal hoje, não. Eram sacos mesmo naquele tempo. De vinte ou trinta kilos, sei lá.

HELOISA - Eu não vou assim tão longe. Acho que depois de um certo tempo de convivência e observação a gente pode conhecer uma pessoa. Em todo caso, ter um pé atraz é sempre bom.

OPERADOR : CORTINA MUSICAL

MÁRCIA - Papai, eu fiquei muito preocupada com aquela visita que o senhor recebeu ontem à noite lá na porta do casa. O senhor me garante que ela não se relacionava com a ausência do Nadinho?

HERMES - Garanto. Por que? Eu não disse a você que era a propósito de um cheque de uma firma comercial?

MÁRCIA - Disse. Mas eu não sei se é porque estou preocupada com Nadinho que logo achei que era com referência a êle.

HERMES - Não, afianço-lhe que não. É que nós estavamos falando nele naquele momento... e a propósito você ia até dar uma ideia para afastá-lo dos seus amigos. Que ideia era essa?

MÁRCIA - Sabe o que eu pensei, papai? Que você poderia propor a êle um curso qualquer na Europa. Na França... na Suissa... na Alemanha... seria tão bom... de tanta utilidade para êle...

HERMES - Seria, não há dúvida, mas para qualquer curso que êle quizesse fazer, precisaria dominar o idioma do país. Você acha que êle se daria ao trabalho de aprender? Você não conhece bem seu irmão. Nadinho quer sombra e agua fresca. Dinheiro para gastar com todas as loucuras que inventa fazer, automóvel para rodar como louco pela cidade e fim. De útil, nada. Absolutamente nada. Há ocasiões em que eu temo pelo futuro dele; você sabe?

MÁRCIA - Mais um motivo para forçar uma viágem. Nem que êle não faça nada. Que fique lá de vagabundo, como aqui, mas pelo menos livre da ~~mm~~ má influência desses amigos perniciosos que êle tem.~~xxxx~~

HERMES - É... você talvez tenha razão. Mas quem irá convencê-lo a viajar?

MÁRCIA - Se o senhor me autoriza eu tentarei convencê-lo.

HERMES - Autorizo, por que não? E ficarei muito satisfeito se você conseguir. Mas faça-o como xxx coisa sua. A título de sugestão, vamos dizer. Se você disser a êle que nós desejamos que êle vá, é o quanto bastará para que faça ao contrário.

MÁRCIA - Não, não, eu penso fazer a coisa naturalmente, em conversa. É só agarrá-lo a geito e poder conversar. Isto é que não vai ser fácil. Parece que a minha presença o aborrece e êle me evita.

HERMES - Não, não, êle é assim com todos. Você vê que êle não conversa com ninguem em casa. Quando muito troca ideias com Heloisa mas terminam sempre discutindo.

MÁRCIA - Bem, papai, eu já lhe atrapalhei bastante, vou deixar o senhor trabalhar. E saio mais tranquila, agora, confiante no que vou fazer.

HERMES - Deus te ajude, minha filha e obrigado pela tua visita. Foi muito boa para mim. Deixaste uma esperança plantada no meu coração. Isso é muito importante. Ajuda a gente a viver.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HELOISA- Você aqui outra vez? O que é que quer?

BETO - Falar com o velhote.

HELOISA- Que velhote?

BETO - O empregado. Aquele da barbicha.

HELOISA- E o que é que você quer com o Reginaldo; posso saber?

BETO - Indiscretinha, hein? Se o assunto é com êle o que é que você tem que saber? Vai chamá ele e não me amola, vai.

HELOISA- Não vou, enquanto você não me disser o que é que você quer com êle. É recado do Nadinho, não é? Então dá pra mim que é a mesma coisa.

BETO - Então se é a mesma coisa, vem com as trezentas prata que êle mandou buscá.

HELOISA- Trezentos cruzeiros? O Nadinho mandou buscar trezentos cruzeiros? Mas onde é que êle está? Para que quer tanto dinheiro?

BETO - Ah, não sei. Isso depois você pergunte pra êle. Vê o dinheiro duma vez que eu estou com pressa.

HELOISA- Eu não vou ver dinheiro nenhum que eu não tenho trezentos cruzeiros.

BETO - Então pra que tu veio benoé aimportante, dizendo que era a mesma coisa? Vai chamá o barbicha vai. Vai duma vez que eu tô com pressa.

HELOISA - Eu primeiro quero sabê onde o Nadinho anda. Se você não me disser, eu fecho a porta e você volta sem o dinheiro.

BETO - Ah é? Pois experimenta fazê isso pra ti vê. Vai chamá o barbicha duma veiz eu tô mandando.

HELOISA - E você pensa que eu sou sua empregada pra receber suas órdens?

BETO - Tu tá me enchendo a paciencia, garotona. Vai chamá o barbicha ou não vai? Si tu não chamá o prejuizo não é meu, não pensa, não.

HELOISA - Olha aqui, o Beto: você precisa perder essa mania de falar comigo com superioridade, tá? Nem meu pai fala assim comigo, você é que vai falá?

BETO - Garotona, faiz a boasinha, faiz. Vai chamá o barbicha que eu tenho um recado muito importante pra êle.

HELOISA - Eu vou chamar, mas você tem que me dizer onde é que está o Nadinho.

BETO - Tá/ por aí, não encha.

HELOISA - Eu vou fechar a porta, sabe?

BETO - Han-han. Não vai fechá, não. Olha o pesinho aqui onde é que tá.

HELOISA - Se você não tirá o pé o amar é seu porque vai ficá com os dados estragados.

OPERADOR : RUIDO DE AUTOMÓVEL QUE SE APROXIMA E PARA A UMA CERTA DISTÂNCIA.

HELOISA - (SUSTO) Meu pai. Meu pai está chegando. Vá/ embora duma vez antes que êle te veja.

BETO - Vou embora nada. Se você não chama o barbicha, eu vou falá é com êle mesmo.

HELOISA - Você tá louco, Beto? Vá embora, anda.

BETO - Não dá mais. Agora êle já me viu. E a culpa não foi minha, tá?

OPERADOR : CARACTERÍSTICAS DE ENCERRAMENTO, SOBE E DESCE.

LOCUTOR - Este foi o décimo capítulo da novela "Meu pai, qual o caminho certo" de Érico Cramer para a Rádio Gaúcha. Tomaram parte no capítulo de hoje os seguintes elementos: NADIR MIRAPALHETA - PEPE HORNES - ESTER CASTRO - LUIZ SANDIM - ELISABETH DORNELLES - Álvaro Santos - e LOLITA ALVES. Ouçam amanhã, neste mesmo horário, mais um capítulo de "MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?" .

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ENCERRAMENTO.

MEU PAI, QUAL O CAMINHO PERTO?

- Novela de Érico Cramer -

11º Capítulo

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao final do décimo capítulo desta novela deixamos Beto e Heloisa, na porta da casa desta, discutindo sôbre uma incumbência que o rapaz levou em nome de Nadinho. Ela queria saber o paradeiro do irmão, êle teimava em não dizer e o diálogo foi interrompido mais ou menos neste ponto:

OPERADOR - SOBE A MUSICA EM FUNDO E CAI PARA BG. SOMB.

BETO - Garotona, faiz a bosinha, faiz. Vai chamá o barbicha que eu te mnho um recado muito importante pra êle.

HELOISA - Eu vou chamar, mas você tem que me dizer onde é que está o Nadinho.

BETO - Tá por aí, não encha.

HELOISA - Eu vou fechar a porta, sabe?

BETO - Han-han. Não vai fechá, não. Olha o pésinho aqui onde é que tá.

HELOISA - Se você não tirar o pé o azar é seu porque vai ficar com os dedos esmagados.

OPERADOR : RUIDO DE AUTOMÓVEL QUE SE APROXIMA E PARA A UMA CERTA DISTÂNCIA.

HELOISA - (SUSTO) Meu pai! Meu pai está chegando. Vai embora duma vez antes que êle te veja.

BETO - Vou embora, nada. Se você não chamá o barbicha, eu vou falá é com êle mesmo.

HELOISA - Você tá louco, Beto? Vá embora, ande.

BETO - Não dá mais. Agora êle já me viu. E a culpa não foi minha, tá?

HELOISA - Pelo amor de Deus, veja lá o que vai dizer ao papai.

BETO - Se fôr preciso eu digo tudo. Entendeu bem? Tudo.

HELOISA - Cafageste. Você não passa de um refinado cafageste.

C/REGRA - PASSOS EM CIMENTO SE APROXIMAM.

HELOISA - (MEIA VOZ) Por favor... eu chamo Reginaldo.

HERMES - Boa tarde. Ou melhor, boa noite.

BETO - Boa noite doutor Hermes.

HERMES - Desejava alguma coisa?

BETO - Sim, desejava. É que... é que Nadinho sumiu... eu vim sabê se havia acontecido alguma coisa. A Heloisa tava me dizendo que êle foi viajá de carona.

HERMES - É, foi. Não sabemos para onde nem quando volta. Não temos nenhuma notícia. Com licença, eu vou entrar.

BETO - Sim senhor.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM E SOMEM.

BETO - Como é? Vai chamá o barbicha agora?

HELOISA- (VENCIDA) Vou. Espere aí fora. Êle vem falar com você.

BETO - Por que esperá aqui fora? Eu não posso entrá?

HELOISA- Não, não pode. Espera aí fora, já disse.

C/REGRA - BATIDA DE PORTA COM FORÇA.

BETO - Isso. Eu gosto de gente assim. Mal educada a meu gôsto. Eu ainda vou te apará êsse topete um dia, tu vai vê. Não há nada que me dê mais gôsto do que baixá a grimpa de uma pessoa arrogante. É o pratinho que eu mais gosto.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - Hmm A senhora não tem nenhum dinheiro disponível ,dona Heloisa?

HELOISA - Trinta ou quarenta cruzeiros, no máximo.

REGINALDO - É pouco. Eu tenho oitenta, Márcia vinte e poucos, você quarenta, não chega nem à metade do que êle insiste em levar.

HELOISA - Você não pode dar com a dizer que êle venha buscar o resto amanhã?

REGINALDO - Não sei. Êsse sujeito é tão sádico que só pra torturar a gente é capaz de exigir tudo hoje.

HELOISA - Se papai não tivesse topado com êsse cara logo na entrada,eu podia pedir pra êle, dizendo que precisava fazer um pagamento qualquer, mas agora o pai vai ver logo que o dinheiro é pra êle. A não ser que se diga a verdade prao pai.

REGINALDO - Não, não, por favor, dona Heloisa! De geito algum! Seu pai não anda lá muito bem de saúde. A semana passada ainda foi ao médico. Pra que isso aconteça,é preciso que êle se sinta realmente doente. Como vamos, agora, causar-lhe uma aflição tão grande? É preferível, então, que você diga à sua mãe que essa já não se impressiona tanto.

HELOISA - Em todo o caso, tente entregar-lhe só uma parte agora e prometa-lhe o resto para amanhã de manhã. Que diabo, porque o pai é do banco nós não temos o banco em casa. Êle tem que compreender.

REGINALDO - Vamos ver. Eu preferia despachar já de vez êsse sujeito da nossa

porta, mas uma vez que não há remédio, vou procurar convencê-lo.

OPERADOR : CORTINA MUSICAL.

BETO - O Nadinho não vai gostá de sabê que vocês negaro fogo na hora que êle mais precisava., mas em todo caso,me dá os cem e eu amanhã vo nho buscá os duzentos que falta.

REGINALDO - Está bem. Aqui estão os cem. Amanhã, quando vier buscar o restante, traga um bilhete dele.

BETO - Você qué tê certeza que ele vai recebê êsse dinhero, não é? Nem parece que você me conhece ha tanto tempo, barbicha.

REGINALDO - Parece, sim. É justamente por conhecer você muito bem que eu quero ter a certeza de que o dinheiro chegou nas mãos de Nadinho.

BETO - Não tem problema. Eu trago um bilhete do Nadinho. Você acha que eu vou botá a mão no dinheiro do Nadinho? Para aí, barbicha, me respeita. Eu não tiro a aceitona da empada dos meus amigo, não.

REGINALDO - Eu não sei o que você faz o nem imagino o que será capaz de fazer, por isso quero defender o Nadinho.

BETO - Defendendo o Nadinho tô eu. O dia que você souber você vai vê.

REGINALDO - Bem, por hoje estamos conversados. Amanhã lhe dou o restante. Mas não esqueça heim? Traga...

BETO - (CORTA) Já sei. Trago um bilhete do Nadinho. Eu trago. Tchau.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HELOISA - Conseguiu convencê-lo?

REGINALDO - Consegui. Ele volta amanhã para levar o restante.

HELOISA - Quem vai atender êle sou eu. Preciso falar com êle sôbre um outro assunto. Já era pra tê falado e nunca dá no geito.

REGINALDO - Que assunto, dona Heloisa? A senhora tem assuntos com êsse sujeito? Pensei que era só o seu irmão.

HELOISA - É coisa sem grande importância, em todo o caso quero saber o que é que êle faz de um retrato que me pediu.

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO.

REGINALDO - Um retrato, dona Heloisa? A senhora deu um retrato seu pra um cafa geste desses?

Heloísa - Não pude negar, Reginaldo. Dessas coisas que acontecem e que a gente não tem por onde fugir. Agora estou um pouco preocupada por causa disto.

REGINALDO - A senhora está um pouco, pois eu vou ficar muito preocupado a partir de hoje. Êsse sujeito, dona Heloisa, êsse sujeito é o próprio perigo andando. E eu nunca fui com a cara dele. Desde o primeiro dia que êle apareceu aqui em casa.

OPERADOR : CORTINA MUSICAL

NADINHO - Faz o que eu lhe pedi?

BETO - Tô vindo de lá.

NADINHO - Conseguiu alguma coisa?

BETO - Só cincoenta. Amanhã vou buscá mais cem. Mas você tem que mandá um bilhete assim pro barbicha: recebi o dinheiro. Tô esperando o resto. Disse que é pra não falá em quantia.

NADINHO - Entendo. O Reginaldo sempre precavido. Aquele podia trabalhá com a gente, você sabe? É um cara bacana total. Êle diz uma coisa, você pode escrevê que tá certo.

BETO - Olha o dinheiro. (CONTANDO) Dez... vinte... trinta... quarenta... cincoenta.

NADINHO - Okêi. Amanhã já tenho algum pra dá pra Doquinha ela vai ficá satisfeita.

BETO - Vê lá. O chefe não qué que dê dinhero pra ela, não.

NADINHO - Ah bom, não sabia. Como é ela que me atende e eu sou muito chato, prometi pra ele que depois dava uma gorgeta.

BETO - É, mas não dá, não. Êle ganha pra trabalhá, não tá aqui de graça. Uma nêga boçal que não vale nem o que come. (TOM) Ó, trouxe o jornal da tarde tambem pra você lê antes de durmi.

NADINHO - Obrigado.

BETO - E agora eu vou me arrancando que tenho uma gostosa me esperando lá na frente da hidráulica. Tchau pra ti.

NADINHO - Boa noite.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

MÁRCIA - O senhor parece mais preocupado hoje papai; que houve? Durante o jantar não deu uma só palavra expontâneamente. Limitou-se a responder o que lhe perguntavam. Por que?

HERMES - Aborreci-me profundamente ao chegar. Encontrei na porta de nossa casa, conversando com Heloisa , aquele tal de Beto que não me passa daqui.

MÁRCIA - (RECROSA, SONDANDO) E... e o senhor soube... o que é que êle veio fazer? Não... não lhe disseram?

HERMES - Êle mesmo me disse.

MÁRCIA - Ah. E... e o que foi que êle disse?

HERMES - Queria notícias de Nadinho que desapareceu da "turma" . Quem me dera que a turma é que desaparecesse,definitivamente,da vida de Nadinho. Sinto uma tremenda ogeriza por aquela gente. É uma gente ordinária, sem classe, sem educação, sem nada. Uns cabeludos mal cheirosos, mal vestidos, desajeitados... Como não possuem atributos pessoais para prender a atenção de- quem quer que seja, fazem-se exóticos para serem notados. O que eu não posso entender é como Heloisa suporta gente dessa espécie.

MÁRCIA - Mas ela simplesmente o atendeu, papai; não foi isto?

HERMES - Mas podia despachá-lo rápidamente, não precisava ficar na porta da rua a conversar com um tipo daquela espécie.

MÁRCIA - É amigo do irmão. Naturalmente foi por isso que ela fez.

HERMES - Mas não tinha que fazer, não tinha. Eu não gosto de ser prepotente especialmente na minha casa, mas vou acabar tendo que proibir a qualquer pessoa de receber êsse sujeito aqui. E se for preciso sou capaz de dizer isto a êle mesmo.

MÁRCIA - Não, papai, não convem. Gente dessa espécie é muito perigosa como inimiga. É preferível o trato com diplomacia. Vingam-se por dá cá aquela palha e muitas vezes as suas vinganças são tenebrosas. O melhor é ir contemporizando. (TOM) Por que levou a mão à testa? Está com dôr de cabeça? Quer tomar um comprimido?

HERMES - Seria bom, talvez.

MÁRCIA - Vou buscá-lo para o senhor.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - Não quer aproveitar que sua mãe está sósinha no quarto para ir pedir-lhe o dinheiro? Amanhã precisamos estar preparados desde cedo.

HELOISA - Vou aproveitar, sim. Tanto mais que hoje eu não tenho cabeça pra estudar. Leio, leio, leio e não assimilo.

REGINALDO - Nós andamos todos com as cabeças fora do lugar aqui em casa. Mas é preciso que nos revistamos todos de muita paciência, para ir levando as coisas sem desesperar.

HELOISA - É preciso que tenhamos, todos, muita habilidade para que não sejamos derrotados. O inimigo é forte, vingativo e cruel. Pela fôrça jamais conseguiremos vencê-lo. A arma indicada é a astúcia.

REGINALDO - Exatamente. Você exprimiu aí direitinho o meu pensamento.

HELOISA - Bem, eu vou deixar os meus livros por alguns instantes e vou ao quarto de mãmãe.

REGINALDO - Você vai dizer a verdade a ela?

HELOISA - Vou. Mas vou dizer devagarinho, para que ela não tenha um choque muito grande.

REGINALDO - Não vai ter. Não se preocupe porque sua mãe não é de se assustar nem com as coisas mais graves.

HELOISA - É isso mesmo. Eu às vezes chego até a pensar que isto, nela, possa ser uma deficiência orgânica.

REGINALDO - Não, não, dona Heloisa, isso tem outro nome. Sua mãe só pensa nela e no meu entender é pura e simplesmente o egoismo que a faz agir assim. Pode ter sido, tambem, defeito de educação. Embora pobre, foi filha única e - segundo sei - cheia de vontades. A mãe trabalhava como uma moura para satisfazer-lhe os caprichos e foi seu pai mesmo quem disse que ela queria sempre mais.

HELOISA - Foi, sim. Um dia vóvó faltou e faltou-lhe tudo. Teve que ir trabalhar. E foi a sorte dela porque encontrou papai e o sacrifício não foi por muito tempo. Casou, rápido e largou logo o serviço.

REGINALDO - Casou rápido e casou bem porque seu pai, dona Heloisa, seu pai é desses homens raros de caráter e coração. Por isso é que devemos procurar poupá-lo do menor desgôsto.

HELOISA - Bem, deixe-me ir conversar com mãmãe.

REGINALDO - Si ela arrumar o dinheiro, dê uma chegadinha no meu quarto e avise-me, por favor.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

EUGÊNIA - (AO TELEFONE) Telefonei para saber de você. Não apareceu mais. Que aconteceu?

LINDAURA - (FILTRO) Nada. Simplesmente não tenho saído por causa de um resfriado chatissimo dessas de nariz e garganta. Molho lenço atraz de lenço. Meu nariz parece uma torneira com defeito. E você? Que tem feito?

EUGÊNIA - Nada de muito bom. Em casa quasi todo o dia ontem e hoje outra vez.

LINDAURA - (FILTRO) Mas isto é sério. Muito sério. Você deve estar doente. Precisa consultar um médico imediatamente. Ficar sem sair de casa dois dias seguidos é caso até de publicar nos jornais.

EUGÊNIA - Tambem você exagera, Lindaura. Quantas outras vezes já fiquei até mais de dois dias?

LINDAURA - (FILTRO) Não sei digno, não. O que sei é que quem quizer se esconder de você se meta na sua casa que não tem perigo de encontrá-la.

EUGÊNIA - Bem, você está fazendo uma caricatura, naturalmente; não é Lindaura? Aliás você tem por hábito de dizer, na cara da gente os defeitos que a gente tem.

LINDAURA - (FILTRO) E não é melhor do que dizer pelas costas? Ah, minha filha eu sou assim. Franca até a medula. Gostou, muito bem; não gostou, deixa pra lá. Você pensa que as suas amigas que lhe batem carinhosamente no hombro e lhe chamam de queridinha e lhe fazem afaguinhos não ficam falando de você pelas costas? Ah ficam, queridinha. Não tenha ilusões porque ficam. (IMITANDO) Ih, meu amor, você está uma graça hoje, nunca lhe vi tão charmosa. Você está uma verdadeira glória. (TOM) Você dá as costas estão rindo às escondidas e dizendo à meia voz, quando não dizem alto para você mesma escutar. (IMITANDO) Está horrorosa. Ridícula!- Nem sei como o marido consente que ela ande desse geito na rua. Fazendo a mocinha, pensando que engana alguem. A gente olha pra cara e está ali a corôa fotografada, que bobágem. (TOM) É isto que você gosta? Olha,minha filha, eu não sei ser assim. Se é defeito, azar.

EUGÊNIA - O defeito não é você ser franca, Lindaura, permita agora que eu lhe diga. O defeito é a maneira rude como você diz. Choca a gente, entende? Ser franca, não. Até que eu acho bom.

C/RECRA - DUAS BATIDAS DISCRETAS NA PORTA EM SEGUNDO PLANO E PORTA QUE SE ABRE E FECHA NO MESMO PLANO DAS BATIDAS. PASSOS DE MOCA QUE SE APROXIMA.

LINDAURA - (FILTRO) Mas a maneira de dizer tambem é meu feitio.

EUGENIA - (TOM) Que é, minha filha?

HELOISA - Preciso falar com a senhora.

LINDAURA - (FILTRO) Nasci assim... assim hei de morrer. Estou muito velha para me mo-

dificar. Sou expontânea. Sou "autêntica" como usam dizer agora.

EUGÊNIA - Lindaura, você vai me dar licença, a minha filha entrou aqui agora, está precisando falar comigo, depois eu ligo para você, sim?

LINDAURA - (FILTRO) Não tem problema. Atenda a menina depois a gente fala.

EUGÊNIA - Até daqui a pouco, então. Com licença.

C/REGRA - RUIDO DE DESLIGAR TELEFONE.

EUGÊNIA - Que aconteceu?

HELOISA - Mãmãe, eu vou precisar, amanhã de manhã, de duzentos cruzeiros e não queria pedi-los ao papai. A senhora tem?

EUGÊNIA - Tenho, mas não vou dar. Pelo menos sem saber para que, não vou dar.

HELOISA - A senhora vai saber. Mesmo porque eu acho necessário que a senhora saiba o que está se passando.

EUGÊNIA - Ih, meu Deus, quanto mistério. O que é que é? Diga logo.

HELOISA - Mãmãe, o Nadinho meteu-se em sérias complicações e agora está escondido, entende?

EUGÊNIA - Não, minha filha. Teu irmão está viajando. Viajando de carona com uns amigos. Não sei por onde, mas está viajando, êle mandou dizer.

HELOISA - Mãmãe, pisa a terra, não fica voando e presta atenção ao que eu estou dizendo: Nadinho meteu-se em séria complicações e está escondido. Nós precisamos ajudá-lo para que êle não vá terminar na polícia, entendeu? agora?

EUGÊNIA - Na polícia? Mas o que é que êle pode ter feito que a polícia venha lhe pedir contas?

HELOISA - Bem, bem o que êle fez eu não sei. Quem me falou assim por alto foi Reginaldo, mas êle e outros amigos fizeram qualquer coisa que não estava certa e agora está precisando de dinheiro pra sair da entalada. Eu não quero pedir ao papai, porque o papai sim, não pode saber de nada. Além de andar um pouco adoentado, êle se preocupa demais com qualquer coisa que nos acontece, então, para evitar aborrecimentos e preocupações para êle, nós vamos deixá-lo de fora.

EUGENIA - Seu pai não está adoentado coisa nenhuma. Pelo menos não me consta.

HELOISA - Pois se quer que êle saiba conte pra êle. É com a senhora mesmo que êle vai brigar.

EUGÊNIA - Comigo? Ora essa! Por que?

HELOISA - Porque êle sempre desejou que nós fossemos educados à maneira antiga, como vóvó o educou e educou, depois, a Márcia. A senhora é que lutou contra isto e quiz que nós fôssemos educados bem dentro do espírito da época. Modernos, bem modernos, bem pra frente como a juventude toda hoje. Mas acontece que agora, nesta hora, êle sabendo do que aconteceu com Nadinho vai culpar a senhora. Claro. Clarissimo. Mais claro não pode ser.

EUGÊNIA - É, você tem razão. Eu não tinha pensado nisto. (TOM) Quanto é que você disse que precisa?

HELOISA - Duzentos cruzeiros. E que a senhora faça silêncio total sôbre êste assunto. Entendido?

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

C/ REGRA - RUIDO DE VASSOURA DE PALHA, RASCANDO ASSOALHO. ASSOBIO DE SAMBA, ATÉ AO MOMENTO EM QUE DOQUINHA FALA QUE AÍ ÊLE PARA AUTOMÀTICAMENTE.

NADINHO - Doquinha, tú não podia fazê o favor de varrê sem assobiá? Já basta a poeira que tu lavanta e que me incomoda os olhos e a garganta e ainda eu tenho que aguentá o assobio me incomodando os ouvidos? É muita coisa; tú não acha?

DOQUINHA - Ai credo! Será que o sinhô num gosta de música? É a premera pessoa que eu sei.

NADINHO - (SIGNIFICATIVO) De música, ou gosto. De assobio desafinado e estridente eu tenho raiva.

DOQUINHA - Então, já que o sinhô num gosta de assobio, eu podzo cantá?

NADINHO - Eu profiria que tú fizesse silêncio; pode sê?

DOQUINHA - Intão não berro. Num gosto de trabaiá pensando na vida e si eu num num cantá nem assobiá, tenho que pensá.

NADINHO - Eu boto a eletrola do Beto pra tu ouvi, pronto. Pelo menos a eletrola toca uma coisa que eu gosto e que tu vai gostá tambem. Liga ali pra mim. Eu vou botá êste disco, tú vai gostá.

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA BEM MODERNA, CANTADA. ENTRA BEM FORTE E LOGO EM SEGUIDA BAIXA O VOLUME, COMO SE NADINHO TIVESSE REGULADO O SOM.

DOQUINHA - Ah, eu conheço isso. Os pograma das rádia sempre toca. É bacana a bessa. O meu nêgo é que tem a mania de num gostá das música nova, Mas eu dou cada esculacho nele que êle acaba calando a boca pra eu não perssegui.

NADINHO - Tú não vai me dizê que o teu negro é quadrado. Ele é corôa?

DOQUINHA- Corôa, nada. Êle inté é mais jóve do que eu. Êle num sabe porque eu minto a indade pra êle, mas êle ó. Num gosta, num é? É uma quistã de gôsto.

NADINHO - E o gôsto não se discute, não é? Mas tu precisa dá umas traquejada no teu negro que é pra êle vi pro padrão, que diabo?!

DOQUINHA - Num adianta nada. Aquele é emperrado memo. Só eu mandando êle passiá e arrumando outro. Mas tombem num dianto eu mandá porque êle num vai.

NADINHO - O que é que êle faz?

DOQUINHA - Num faiz nada, não sinhô. Cuida lá o barraco da gente. E quando êle tá munto cansado, deixa a visinha lá arreparando e vai dá uma vorta.

NADINHO - Sim senhor, hein Doquinha?! Êsse é que sabe levá a vida.

DOQUINHA - Ah sabe. Isso êle sabe. Êle é munto intiligente.

NADINHO - Eu tô vendo. Bota a mulher a trabalhá pra êle e fica cuidando o barraco. Não tem vida melhor.

DOQUINHA - Tá bão, já triminei aqui vou me mandá la pro baixo, sinão daqui a pouco o outro tá lá empombando, dizendo que eu em veiz de trabaiá tô batendo papo.

NADINHO - Espera, vou te dá o que te prometi, mas ólha: boca hein? O chefe não qué que se dê gorgeta pra ninguem aqui.

DOQUINHA - Oba! Deiz cruza? O nêgo hoje vai fumá cigarro fino.

NADINHO - Mas tu já sabe. Nada de batê com a lingua nos dente, sinão tamo tu e eu nas pena de disciplina.

DOQUINHA - Num tem pirigo meu armão. Eu manjo o chefe. Pode deixá comigo que eu como em tranca.

OPERADOR: SOBE A MÚSICA EM FUNDO E FUNDE COM CORTINA MUSICAL

HELOISA - Tá aqui o dinheiro.

BETO - E tá aqui o bilhete do Nadinho dizendo que recebeu o que eu levei onte. Pode entregá pro barbicha. É pra êle sabê que eu não patoloi a gaita. Tchau.

HELOISA - Espera aí. Eu quero sabê umaspoisas e o meu retrato? O que é que você fez dele?

BETO - Por óra nada. O velho tá viajando, inda não voltou. Mas pode ficá descansada que eu vou fazê muita coisa com êle.

HELOISA - Que muita coisa?

BETO - Eu já lhe disse. Tirá grana do velho.

HELOISA - Quando você não poupa nem o seu pai, a quem mais você irá poupar?

BETO - Heloisa, deixa de sê quadrada. Você não era, antes. Tá ficando, é? O negócio agora é vivê, entende? Vivê da melhor forma que a gente pode. Vivê a hora que passa, sem pensá no que vem depois. A vida é curta e a mocidade passa ligeira como um raio, e o que não soubé aproveitá dela vai se arrependê mas aí já não adianta nada porque o tempo não anda pra traiz.

HELOISA - Eu não sou quadrada, não, Beto. Eu sou simplesmente moderna, nada mais. Mas por ser moderna, não deixo de ter os meus princípios de procurar ser honesta comigo mesma. Jamais me valeria do modernismo para espoliar ou prejudicar alguem. Isso é outra coisa que eu prefiro não dizer.

BETO - Pode dizer. Eu já estou acostumado com os seus elogios.

HELOISA - Pois bem, se quer ouvir, isso, para mim, é indignidade.

OPERADOR : ENTRA COM CARACTERÍSTICA DE ENCERRAMENTO. SOBE E DESCE UM MOMENTO.

LOCUTOR - Êste foi o décimo primeiro capítulo da novela de Érico Cramer, "Meu pai, qual o caminho certo?" que apresentamos hoje com o seguinte desempenho:

HELOISA ..... ELISABETH DORNELLES
BETO..... ÁLVARO SANTOS
NADINHO..... LUIZ SANDIM
DOQUINHA..... ESTER CASTRO
EUGÊNIA..... LOLITA ALVES
REGINALDO..... ADROALDO GUERRA
MÁRCIA..... INADIR MIRAPALHETA
HERMES..... PEPE HORNES
LINDAURA..... ESTER CASTRO

DIREÇÃO, CONTRA REGRA, OPERADOR, ETC. ETC.

Ouçam, amanhã, neste mesmo horário, a sequência de Meu Pai, qual o caminho certo? em mais um empolgante capítulo.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

04.11.
2011

MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?

- Novela de ÉRICO CRAMER -

12º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA

HELOISA - Tá aqui o dinheiro.

BETO - E tá aqui o bilhete do Nadinho, dizendo que recebeu o que eu levei onte. Pode entregá pro barbicha. É pra êle sabê que eu não patolei a gaita. Tchau.

HELOISA - Espera aí. Eu quero sabê uma coisa: e o meu retrato? O que é que você fez dele?

BETO - Por óra, nada. O velho tá viajando, inda não voltou. Mas pode ficá descansada que eu vou fazê muita coisa com êle.

HELOISA - Que muita coisa?

BETO - Eu já lhe disse: tirá grana do velho.

HELOISA - Quando você não poupa nem o seu pai, a quem mais você irá poupar?

BETO - Heloisa, deixa de sê quadrada. Antes você não era. Tá ficando, é? O negócio agora é vivê, entende? Vivê da melhor forma que a gente pode. Vivê a hora que passa, dem pensá no que vem depois. A vida é curta e a mocidade passa ligeira como um raio e o que não soubé aproveitá dela vai se arrependê, mas aí já não adianta nada porque o tempo não anda pra traiz.

HELOISA - Eu não sou quadrada, não, Beto. Eu sou simplesmente moderna, nada mais. Mas por ser moderna, não deixo de ter os meus princípios e de procurar ser honesta comigo mesma. Jamais me valeria do modernismo para espoliar ou prejudicar alguem. Isso é outra coisa que eu prefiro não dizer.

BETO - Pode dizer. Eu já estou acostumado com os seus elogios.

HELOISA - Pois bem, se quer ouvir, isso, para mim, é indignidade.

BETO - (DÁ UMA GARGALHADA GOSTOSA) Pode classificar como você bem quizer. Isso, para mim, é saber vivor. O mundo de hoje não comporta o meio têrmo e a humanidade se divide em duas partes: os vivos e os tôlos. Os vivos comandam e os tôlos obedecem. Se eu não soubesse viver, como estaria? Atraz de um balcão o dia inteiro, ou então dando murro na estiva. Um tôlo ou um crente talvez preferisse isto, um vivo nunca. E eu me prezo de ser vivo, está entendendo?

HELOISA - Não precisa dizer. A gente nota do cara. Você reflete, na sua fisionomia e especialmente na expressão dos seus olhos, exatamente aquilo que você é: velhaco, desonesto e trapaceiro.

BETO - É mesmo? Palavra que eu não pensei que pudesse sê assim tão bacana. Sabia que era um pouco, mas tanto assim não pensava.

HELOISA - E tem mais, se você quizer ouvir!

BETO - Pode dizê. Eu tô aqui pra ouvi mesmo.

HELOISA - E sem vergonha, cínico e cara de pau.

BETO - Obrigado, obrigado. A garotona me confunde com tantos elogios.

HELOISA - Bem, e agora se quizer, pode ir embora. Eu já disse tudo que tinha para lhe dizer.

BETO - Mas quem ainda não disse tudo fui eu. Você fica botando essa bruta banca prao meu lado, esquecendo que tem um irmão igualsinho a mim, ou pior e que você também não fica atraz de nós. Garotona não se esqueça que quem tem telhado de vidro não joga pedra no do visinho, tá?

HELOISA - Por favor, Beto. Não pretenda comparar-se a nós. É muito grande a distância que nos separa. Muito grande mesmo. Somos todos jóvens, todos modernos, mas você não tem carater, nós temós.

BETO - Pode haver a distância que você quizer, mas no êrro nós nos encontramos os três. Tchau.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM NA CALÇADA. FERRIK SOMEM.

HELOISA - (DEPOIS DE PAUSA) Não! Eu não acredito que possamos ser comparados a êsse sujeito imundo. Eu não conheço bem a extensão do êrro do Nadinho, mas estou convencida que qualquer que êle seja tudo aconteceu porque êle foi arrastado. Nadinho nunca foi um sujeito de mau caráter. Quanto a mim... o meu êrro não prejudicou a ninguem a não ser a mim própria.

C/ REGRA - FERRIK TRES OU QUATRO PASSOS DE HOMEM, EM MADEIRA, CHEGANDO.

REGINALDO - Você estava demorando tanto que eu comecei a ficar aflito. Vim ver o que estava acontecendo.

HELOISA - Nada, não. Estavamos aqui trocando "galanteios". Eu dizendo-lhe umas verdades e êle rebatendo-me com injúrias.

REGINALDO - Pra que, dona Heloisa? Pra um sujeito assim a gente nem dá muita

conversa. Diz apenas o necessário e fim.

HELOISA - Trouxe êste bilhete para você. (PAUSA) É, práticamente, o recibo que você exigiu que êle trouxesse.

REGINALDO - (PAUSA) Um recibo que não cita as importâncias. Só diz que recebeu a parte do dinheiro que eu mandei ontem e esperaxm o restante hoje. Quero que macacos me mordam si êle não ficar com a metade desse dinheiro.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

BETO - O barbicha mandou com cruzeiros pra você. Tá aqui.

NADINHO - Boa. Podia tê mandado aqueles cigarros americanos do velho. Eu me esqueci de pedi.

BETO - Eu arrumo pra você, depois. Por emquanto vai fumando o nacional que é mais barato.

NADINHO - Tudo bem por lá? Você não perguntou?

BETO - Tudo bem. Vi até sua irmã. Falei com ela.

NADINHO - A turma acredita mesmo que eu saí de carona?

BETO - Acho que acredita. Não falaram nada. A sua irmã é que não vai com a minha cara.

NADINHO - Deixa ela pra lá. A velha você não viu, nem o velho?

BETO - Hoje não. Bueno agora eu vou dá umas corujadas lá pelo bar e de tardesinha ou venho lhe trazê a Ultima Hora pra você ler antes de dormi. Qué mais alguma coisa?

NADINHO - Não, obrigado. O que eu quero você sabe, é saí daqui, mas o doutor já me disse hoje que antes de oito ou dez dias não posso nem pensá. Que é que eu vou fazê? Tenho que esperá.

BETO - É, espera. Espere porque quem espera, sempre alcança.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HELOISA - Eu não incomodo você aqui?

MÁRCIA - Pelo amor de Deus, Heloisa, pelo contrário. Eu sinto até muito prazer de poder estar um pouco mais próxima de você.

HELOISA - Encheram o meu quarto e eu não suporto o cheiro da cera. Vou deixar todo aberto até logo de noite para ver se na hora de dormir, pelo menos, o cheiro se dissipou.

MÁRCIA - Você dormiu mal esta noite, não foi?

HELOISA - Por que?

MÁRCIA - Todos dormimos mal. Reginaldo... você... eu... os que estão a par do que verdadeiramente está acontecendo com Nadinho.

HELOISA - Ah, você também sabe? Não imaginei.

MÁRCIA - Reginaldo precisou de dinheiro para mandar a êle e...

HELOISA - (CORTA) Eu sei. Mas não pensei que êle tivesse chegado a lhe dizer a verdade.

MÁRCIA - Coitado! Ele estava muito angustiado. Teve necessidade de desabafar. Heloisa, nós temos que fazer alguma coisa para salvar Nadinho. E eu estou disposta a tudo que fôr preciso.

HELOISA - (UM TANTO FRIA) O que é que você pode fazer?

MÁRCIA - Sei lá, mas o que for preciso eu faço. É meu irmão, eu tenho por êle uma estima sincera e estou disposta a enfrentar até a cólera dos seus companheiros se tiver que ir lá arrancá-lo do meio deles.

HELOISA - O mais difícil não é pelos companheiros. É pelo próprio Nadinho. É o cara mais teimoso que eu conheço. Quando enverada pra um lado, vou te contá. Não há quem o convença de mudar a direção.

MÁRCIA - Mas agora êle levou um grande susto. Pode ser que tenha acordado para a realidade. Pode ser que compreenda que a vida não pode ser levada de roldão, atirando ao solo todos os que estão à nossa frente e passando por cima deles, sem olhar as feridas que lhes causamos na carne. É importante que aproveitemos essa oportunidade, Heloisa, para extender-lhe as nossas mãos e não deixar que êle resvale pelo precipício que está à sua frente. Se não fizermos isto e êle despencar, amanhã poderemos nos sentir culpados pelo que lhe acontecer.

HELOISA - (PREOCUPADA) E si êle despencar, mesmo assim?

MÁRCIA - Ficará conosco o consolo de termos tentado salvá-lo. Heloisa, a nossa consciência é um juiz muito severo, por isso e para salvaguardar a nossa paz interior, nunca devemos ir contra ela. Minha consciência, neste momento, me alerta no sentido de procurar salvar Nadinho e eu não vou recuar, nem mesmo que êle se revolte contra mim. E se faço isto por êle, faço-o também muito por Papai. Você já imaginou o que êle sofreria se acontecesse qualquer coisa ao filho?

HELOISA - Nem é bom lembrar.

MÁRCIA - Vamos dar as mãos, Heloisa e vamos lutar juntas. Não importa que não lhe seja agradável a minha presença e o meu convívio. Temos um objetivo maior, neste momento e só para êle devemos ter os olhos voltados. (PAUSA) Você ficou pensativa? Por que? Desagradou-lhe a minha proposta?

HELOISA - Não, não é isto. Eu estou pensando se alguem que não soube salvar a si própria, poderá assumir um compromisso tão sério como é esse de salvar alguem.

MÁRCIA - (REPETINDO) Alguem que não poude salvar a si própria? A quem você se refere, Heloisa?

HELOISA - A mim mesma. Diante de tantas loucuras que fiz, eu talvez esteja, nesta hora, correndo os mesmos riscos que Nadinho.

MÁRCIA - Nós vamos conversar depois a respeito disto, quando você tiver mais confiança em mim e se convencer que eu serei capaz de fazer qualquer coisa por você.

HELOISA - Qualquer coisa?

MÁRCIA - Qualquer coisa. Não vou dizer a você que consiga o objetivo, mas prometo que me empenharei a fundo.

HELOISA - Está bem. Outro dia nós vamos voltar a conversar sôbre êsto.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HERMES - O que é que você tem, Eugênia? Você parece diferente hoje. Há alguma coisa que a preocupe? Está alheia... distante...

EUGÊNIA - (VOLTANDO BRUSCAMENTE DO ALHEIAMENTO E PROCURANDO DISFARÇAR) Não, não... não tenho nada. As minhas preocupações você já conhece de sobra. Um penteado que não ficou bem... um vestido que ficou com defeito... um comentário qualquer que me desagradou... mas para falar a verdade, são coisas tão pequenas e tão sem importância que nem vale a pena você perder o seu tempo com elas. Você que está diante de problemas imensos, todos os dias. Problemas de negócios... problemas de família... (SIGNIFICATIVA) Problemas de saúde...

HERMES - Ah, então é isto! Você, naturalmente, descobriu que eu fui ao médico e ficou magoada porque escondi de você; aborrêi? Mas querida, se eu fiz isto foi na melhor das intenções. Não queria causar-lhe preocupações. Só isto.

EUGÊNIA - E o que foi que o médico disse a respeito de sua saúde?

HERMES - Nada de grave. Um pouco de estafa pelo trabalho constante e o sistema nervoso alterado exatamente por causa da estafa. Uma coisa puxando a outra; entende?

EUGÊNIA - Êle não aconselhou você a um repouso temporário? Não receitou uma viágem de recreio?

HERMES - Não. Deu-me umas drágeas, um tônico para os nervos e recomendou-me, principalmente, que evitasse as incomodações. Como se isto fôsse possivel a quem trabalha no meu setor.

EUGÊNIA - Você poderia tirar umas férias e fazermos uma viágem. Levariamos os nossos filhos... ia ser tão bom...

HERMES - Sabe que eu tenho pensado nisto muitas vezes? Acontece que, de momento, eu não posso me afastar daqui para parte alguma, mas eu espero resolver favoravelmente uns assuntos do banco e outros meus e, em breve, poder realizar êsse seu projeto.

EUGÊNIA - Que bom. Eu vou tomar isto como uma promessa formal da sua parte; valeu?

HERMES - Pode tomar. Tão logo eu consiga me desvencilhar de algumas coisas que me preocupam e me atrapalham, nós iremos todos fazer uma longa viágem.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

MÁRCIA - Reginaldo, eu preciso conversar com você a respeito de Heloisa.

REGINALDO - O que é que você quer saber?

MÁRCIA - Conversando com ela ontem a respeito de Nadinho, lá no meio da conversa ela me disse assim: "alguem que não poude salvar a si própria, poderá assumir um compromisso tão sério como é êsse de salvar alguem?" Que haverá com ela, a ponto de expressar-se assim? Você sabe?

REGINALDO - Penso que sei. Ela está muito justamente preocupada porque deu um retrato seu ao Beto, com dedicatória e agora está pensando que êle poderá usar êsse retrato para comprometê-la; entende?

MÁRCIA - O Beto é aquele companheiro de Nadinho a quem você fez as piores ausências?

REGINALDO - Exatamente. O retrato em si não teria nada. O mal está na dedicatória que êle ditou e que ela, levianamente, escreveu e assinou.

MÁRCIA - Meu Deus! Como é que a Heloisa, uma moça tão inteligente, tão viva, tão sagaz, conhecendo o rapaz, como acredito que ela conheça, pode cair numa armadilha dessas? Não entendo.

REGINALDO - Eu tambem não entendo. Mas os tipos assim como êsse Beto são muito manhosos, muito insinuantes... convencem as meninas com poucas palavras. Preparam o laço fácilmente e elas tambem fácilmente caem.

MÁRCIA - Não, Reginaldo, não. Heloisa não é desse tipo de garota. Eu acredito muito mais numa ameaça.

REGINALDO - Que espécie de ameaça?

MÁRCIA - Sabe-se lá? Êle pode até ter usado o próprio Nadinho, para conseguir o seu objetivo.

REGINALDO - É. Bem que dizem: "Filhos criados, trabalhos dobrados." Quando eu vim para cá êles eram pequenos. Logo se entrosaram comigo e viviam em roda de mim. Davam-me um trabalho danado. Queriam o Reginaldo pra tudo. Havia dias que êles não me davam tempo nem de tomar o meu banho. Nunca imaginei que ao se tornarem jóvens fôssem me dar muito mais trabalho e muito maiores preocupações.

MÁRCIA - Reginaldo, eu estava aqui pensando uma coisa.

REGINALDO - Que coisa?

MÁRCIA - Como é que eu posso falar com êsse tal de Beto?

OPERADOR : ACORDE DE SUSTO GRANDE.

REGINALDO - O que?!... Você está pensando em falar com êsse cafageste?

MÁRCIA - E por que não?

REGINALDO - Tire essa idéia da cabeça, pelo amor de Deus! Você é uma moça pura, uma moça ingênua, nem quero me lembrar do que aquele sujeito poderá fazer com você.

MÁRCIA - Reginaldo, você está muito enganado comigo. Posso ser pura e ingênua, mas não tão pura e tão ingênua a ponto de não enxergar o perigo e não saber desviar-me dele. Você tem uma maneira de provocar um encontro entre nós?

REGINALDO - Que maneira, Márcia? Você está delirando?

MÁRCIA - Você tem o endereço dele, ou de um lugar qualquer onde eu possa encontrá-lo?

REGINALDO - Não tenho e mesmo que tivesse não lhe daria.

MÁRCIA - (TERNA) Reginaldo, eu estou lhe pedindo. Atende-me, por favor.

REGINALDO - É uma loucura, Márcia. Pense bem. É uma loucura.

MÁRCIA - Reginaldo, permita-me fazer alguma coisa por minha irmã. Não vai me acontecer nada, eu tenho certeza.

REGINALDO - Você não conhece aquele bando de abutres. Pegam um cordeirinho manso como você, destroem-no num instante.

MÁRCIA - A questão é que eu não sou cordeirinho manso. Você está enganado. Peço-lhe outra vez, Reginaldo: permita-me fazer alguma coisa por Heloisa. Diga-me como posso encontrar êsse Beto. Eu quero falar com êle.

REGINALDO - Está bem. Já que você insiste tanto... eu tenho o endereço de um bar, na Cavalhada, onde você talvez possa encontrá-lo.

MÁRCIA - Pois então dê-me o endereço desse bar que amanhã, na primeira hora eu vou até lá.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

LINDAURA - Mas que milagre você na minha casa, Dinah! O que é que está para acontecer? Vem me anunciar o fim do mundo?

DINAH - Não. Vim lhe pedir para me ajudar a passar os bilhetes de uma tômbola em favor das vocações sacerdotais. O Padre Augusto me deu cincoenta bilhetes, imagine você! Eu não tenho para quem passar cincoenta bilhetes, mas não quero devolver. Fiquei com dois, reservei dois para você, que sempre me ajuda e trago-lhe quinze para ver se você me coloca entre as suas amizades. Talvez a Eugênia fique lá com uns três ou quatro.

LINDAURA - Não acredita. Mais de dois ela não fica. Eu talvez coloque cinco, indo ao Banco oferecer ao Hermes, isto sim.

DINAH - Ah, mas então faça isto por mim. Quer dizer... por mim, não. Pelas vocações. Eu ficaria muito contente se pudesse passar os cincoenta, mas não acredito.

LINDAURA - Se não passar, devolve, óra bolas! Afinal o Padre Augusto não pode exigir que você dê o passo maior do que as pernas. Tudo tem um limite. Você também é muito boba. Os outros fazem gato e sapato de você e você não reage. Vê se pra mim êle ia mandar cincoenta bilhetes? Nem doz. Porque êle está sabendo que eu devolvia na mesma hora.

DINAH - Não, mas eu não quero devolver. Vou ficar muito contente se puder

passar todos. É uma causa tão justa. Você não acha?

LINDAURA - Não digo que não. O que eu não estou de acôrdo é de abusarem das suas fôrças. Êle está sabendo, perfeitamente, que as suas amizades são todas da Congregação e como tal vão receber bilhetes da mesma maneira que você, portanto você não poderá passar pra elas. Pra quem mais você vai passar? Vai andar na rua, batendo de porta em porta com as pernas todas inchadas de varizes? Não pode.

DINAH - Ora vamos, Lindaura, não se aborreça. O coitado não fez por mal.

LINDAURA - Não fez por mal,mas fez de segunda intenção porque sabia que a bomba ia acabar rebentando na minha mão. Claro. Eu sei que você não tem condições de passar os bilhetes então fico na obrigação de lhe ajudar. E o que vai acontecer? Vou andar eu a bater de porta em porta, aturando caras feias, desculpas esfarrapadas e até desaforos, como muita gente faz.

DINAH - Bem, Lindaura, agora que você já desabafou, diga quantos bilhetes eu posso deixar para você.

LINDAURA - Vinte cinco. Êle quando lhe mandou cincoenta, já estava sabendo que a metade seria pra mim. Mas pode deixar que amanhã mesmo eu já pelo esta coruja.

OPERADOR : CORTINA MUSICAL

HELOISA - Mãmãe, sabe que eu mudei meu pensamento a respeito de Márcia?

OPERADOR : ACORDE DE SUSTO.

EUGÊNIA - Minha filha! Não me diga que ela já conseguiu embrulhar você?!

HELOISA - Não. Ela não fez absolutamente nada para se insinuar. Ela quebrou a minha resistência porque está sinceramente preocupada com a sorte de Nadinho e disposta a qualquer coisa para ajudá-lo.

EUGÊNIA - Minha filha, você não confie nessa moça. Ela já conseguiu se introduzir na nossa casa, agora, naturalmente, está tentando cumprir a segunda etapa do seu programa que é conquistar-nos um a um. A mim ela perde o seu tempo porque não vai conseguir.

HELOISA - Mãmãe, observe Márcia melhor. Eu tenho a impressão de que a senhora está sendo injusta com ela.

EUGÊNIA - Eu não sei o que é que está acontecendo nesta casa, depois que essa moça veio pra cá. Estão todos mudados. Até você, minha filha.

HELOISA - Não foi a vinda de Márcia que mudou o ritmo da vida aqui em casa, mãmãe. Observe melhr e verá que foi o que aconteceu com Nadinho. Até a senhora está diferente e papai já notou.

EUGÊNIA - Êle falou pra você?

HELOISA - Falou. Eu tive um medo louco que a senhora dissesse a êle a razão exata.

EUGÊNIA - Não disse. Não disse e consegui disfarçar muito bem porque fingi que estava preocupada por ter descoberto que êle havia consultado o médico.

HELOISA - Muito bem. Gostei da saída. Está ficando vivinha, hein? Pois aproveite essa esperteza que está brotando na sua cabeça e observe melhor sua enteada. Há de ver que fomos injustas com ela, recebendo-a da maneira como a recebemos. Ela não é tão bolha nem tão quadrada como imaginavamos.

EUGENIA : Não, minha filha, não. Deixe-me continuar como estou. Não dou a mais ninguem o direito de perturbar a vida de seu pai, a não ser a você, Nadinho e eu, naturalmente.

HELOISA - É, mãmãe, você continua a mesma. Não vê sinão as coisas que deseja ver.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

C/REGRA - AMBIENTE DE BAR COM MODERADO MOVIMENTO. GARRAFAS, COPOS, VOZES.

FERNANDO - Alguma novidade, Bezílio.

VOZ - Não.

FERNANDO - O chefe não apareceu por aqui ontem, nem hoje?

VOZ - Tambem não.

C/REGRA - BATIDAS DE COPO EM GARRAFA EM TERCEIRO PLANO.

FERNANDO - Então bota um Martini pra mim, mas antes vai atender aquele cara lá da primeira mesa que parece que êle está com pressa.

C/REGRA - RUIDO DE BOTAR GARRAFA E COPO EM CIMA DE BALCÃO

VOZ - Ta aí a garrafa e o copo. Pode se servi enquanto eu vou lá.

C/ REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTA. RUIDO DE LÍQUIDO NO COPO.

FERNANDO - Ôba!... Que garota bacana! Mas ela deve tá enganada, entrando num bar vagabundo como êsse.

C/REGRA - PASSOS DE MOÇA QUE SE APROXIMAM.

MÁRCIA - Boa tarde.

FERNANDO - Boa tarde.

MÁRCIA - O senhor que é o dono do bar?

FERNANDO - Não, mas eu aqui sou como de casa. Se puder servi-la...

MÁRCIA - Sabe o que é? Eu precisava muito falar com um rapaz e me disseram que eu poderia encontrá-lo aqui.

FERNANDO - Como é o nome dele? *Eu conheço quási toda a turma que frequenta o bar.*

MÁRCIA - Não sei se é Alberto ou Adalberto, só sei que êle é conhecido como Beto.

FERNANDO - Ah, o Beto, eu sei. Um louro, cabeludo; não é isto?

MÁRCIA - Para falar bem a verdade eu só o vi uma vez e não reparei nos detalhes. Mas é louro, isso eu me lembro.

FERNANDO - Estatura média?

MÁRCIA - Parece que sim.

FERNANDO - É, então é o Beto mesmo. O alemão. Ele costuma vir aqui, sim, mas do momento não está.

MÁRCIA - Não faz mal. Eu espero. *Prefiro isto do que voltar.*

FERNANDO - Nesse caso é preferível que vá esperar lá fora. Isso aqui não é ambiente pra você. E se me permitir, eu lhe farei companhia até que êle apareça por aqui.

MÁRCIA - Obrigada. O senhor me parece um ~~rapaz~~ educado. Que faz na vida?

FERNANDO - Sou estudante. Terceiro anista de engenharia. Vamos sair.

OPERADOR : CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO. SOBE E CAI PARA BG.

LOCUTOR - Êste foi o décimo segundo capítulo da novela de Érico Cramer, intitulada "Meu Pai, qual o caminho certo?" Tomaram parte no capítulo de hoje os seguintes elementos: (CITA OS NOMES E SE DESEJAR O PAPEL DE CADA UM)

Ouça amanhã a sequência desta estória que a Rádio Gaucha está apresentando para vocês, diáriamente nesta mesma horário. Boa tarde.

OPERADOR : CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

.....

04.11.
2011

-Novela de Érico Cramer -

13º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao terminarmos o décimo segundo capítulo desta novela, deixamos um rapaz - com quem ainda não travamos conhecimento - conversando com Márcia num determinado barsinho da Cavalhada, onde a moça fôra à procura de Beto na esperança de poder fazer qualquer coisa em favor de sua irmã Heloisa. O rapaz, ao ver Márcia entrar no barsinho, sentiu logo que se tratava de uma pessoa de classe e, tendo simpatizado imensamente com ela à primeira vista, correu logo em seu auxílio. Rememoremos uma parte do diálogo que ambos travaram, para, imediatamente, dar início à sequência da estoria.

OPERADOR : SOBE A CARACTERÍSTICA, CAI PARA BG e SOMA.

MÁRCIA -O senhor que é o dono do bar?

FERNANDO - Não, mas eu aqui sou como de casa. Se puder servi-la...

MÁRCIA - Sabe o que é? Eu precisava muito falar com um rapaz e me disseram que eu poderia encontrá-lo aqui.

FERNANDO - Como é o nome dele? Eu conheço quási tôda a turma que frequenta o bar.

MÁRCIA - Não sei se é Alberto ou Adalberto, só sei que êle é conhecido como Beto.

FERNANDO - Ah, o Beto, eu sei. Um louro... cabeludo... não é isto?

MÁRCIA - Para falar bem a verdade, eu só o vi uma vez e não reparei nos detalhes. Mas é louro, isso eu me lembro.

FERNANDO - Estatura média?

MÁRCIA - Parece que sim.

FERNANDO - É, então é o Beto, mesmo. O Alemão. Êle costuma vir aqui, sim, mas de momento não está.

MÁRCIA - Não faz mal, eu espero. Prefiro isto do que voltar.

FERNANDO - Nesse caso é preferível que vá esperar lá fora. Isto aqui não é ambiente pra você. E se me permitir, eu lhe farei companhia até que êle apareça por aqui.

MÁRCIA - Obrigada. O senhor me parece um rapaz educado. Que faz na vida?

FERNANDO - Sou estudante. Terceiro anista de engenharia. Vamos sair.

MÁRCIA - Para onde?

FERNANDO - Logo aqui perto tem uma pracinha. Vamos.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL RÁPIDA. - FUNDE COM PÁSSAROS CANTANDO

FERNADO - Podemos sentar aqui que eu controlo a entrada do bar. Conheço o Beto de longe, no que êle aparatar lá perto, eu vou chamá-lo.

MÁRCIA - Obrigada, mas não é preciso que se incomode. Basta que me mostre quem é êle e eu irei falar-lhe.

FERNANDO - Não convem. Você não deve voltar a entrar naquele bar.

MÁRCIA - Por que?

FERNANDO - Porque é uma boca braba, onde a polícia bate, de vez em quando, e você pode até correr o risco de ser levada no bolo.

MÁRCIA - E a polícia bate por que? Não é um bar como tantos outros?

FERNANDO - Até certo ponto é, mas acontece que aí se reunem muitos desocupados, muitos maconheiros, de vez em quando aparece um com coisas roubadas, empenha no bar, depois bate com a lingua nos dentes... Aí a policia vem.

MÁRCIA - E você... Posso tratá-lo assim?

FERNANDO - Naturalmente que pode. Somos ambos jóvens, senhoria nem sentaria entre nós.

MÁRCIA - Eu ia lhe perguntar o que é que você faz aí. Por que vai tanto aí, como me disse, se sabe que não é um ambiente recomendável?

FERNANDO - Porque penso que a gente, para aprender a ser homem, deve conhecer todos os ambientes em que vivem homens. Eu já vivi em altas esferas, já frequentei sociedade, convivi com estudantes e depois procurei estabelecer contato com operários. Cheguei então a uma conclusão muito dolorosa.

MÁRCIA - Qual?

MÁRCIA
FERNANDO → Que a desigualdade entre os seres que vivem é grande demais. Não precisava haver tanta gente tão rica e tantos infelizes morrendo à mingua. Se os homens que governam e que têm poder sôbre os outros homens limitassem os lucros e não permitissem a um só indivíduo o acúmulo exagerado de riquezas, dividindo o excesso entre os necessitados, a desigualdade não seria tão chocante.

MÁRCIA - E você acha justo que um homem que trabalha e que se esforça para ter uma vida decente e proporcionar à família tranquilidade e

conforto, chegasse ao fim do mês e tivesse que dividir com outro que não fez nada os lucros obtidos do seu trabalho?

FERNANDO - Bem, também não é assim. Tirar dos ricos para protejer os vagabundos, isso eu tambem não concordaria, mas distribuir aos operários eficientes , a título de bonificação e reconhecimento de esfórços, o excedente dos que tivessem ganho além do limite.

MÁRCIA - Um operário esforçado e eficiente ganha suficientemente para se manter e dar à família um padrão de vida razoável. Não precisaria das sobras dos outros. E vou lhe dizer mais: o que tivesse brio nem aceitaria. Se você me dissesse que os governos devessem cobrar dos ricos em excesso taxas elevadissimas em favor das escolas e dos hospitáis, eu concordaria. Fora disso os nossos pontos de vista são antagônicos e nunca se encontrariam.

FERNANDO : Eu acho que se tivesse oportunidade de conversar com você algumas outras vezes, acabaria por fazer com que você concordasse com o meu ponto de vista. Você acha justa a diferença de classes?

MÁRCIA - Justa não digo, mas necessária. Se fôssemos todos da mesma classe, todos, sem distinção, haveria lixeiros, haveria bombeiros, haveria operários, haveria caixeiros, carniceiros, coveiros e quantas coisas mais? Evidente que não. Então, quem faria o serviço necessário à manutenção do homem?

FERNANDO - Cada pessoa da familia se encarregaria de um determinado tipo de serviço para que nada faltasse em casa.

MÁRCIA - A diferença de que você fala, viria, então, para dentro do próprio lar. O que dirigisse estaria por cima, os que executassem passariam à primeira e segunda classe, conforme os serviços que fôssem obrigados a fazer.

FERNANDO - Era só dar forma de rodízio ao serviço e a diferença estava sanada

MÁRCIA - Qual o que, meu caro, as criaturas já nascem para comandar ou/serem comandadas. Ninguem foge ao seu destino e quem nasceu para dez reis nunca chega a ser vintem. É um ditado antigo mas muito certo. Além disto, a sorte de cada indivíduo é outro fator que não se pode desprezar.

FERNANDO - Olhe! O Beto está chegando no bar. É aquele louro que vai entrando

MÁRCIA - Eu vou lá, então.

FERNANDO - Espere. Como é o seu nome, mesmo?

MÁRCIA - Márcia.

FERNANDO - Eu me chamo Fernando. Você não perguntou mas eu quero lhe dizer. Márcia, eu... evidentemente eu não tenho nada com a sua vida... nós recem nos conhecemos, mas... eu gostaria de lhe fazer um aviso.

MÁRCIA - Faça.

FERNANDO - Beto é um sujeito muito perigoso. Seria até aconselhável que você nem falasse com êle. A não ser que tenha assim uma - vamos dizer- uma necessidade premente.

MÁRCIA - Exato. É isso que eu tenho.

FERNANDO - Eu talvez não tenha o direito de pretender conhecer o assunto, mas será que eu não poderia resolvê-lo para você? Olhe, para que você possa medir bem a minha sinceridade e o quanto a sua pessoa significa para mim, eu vou lhe dizer uma coisa: (TOM) Eu tambem faço parte do grupo, entende?

OPERADOR : ACORDE DE SURPRESA. A MÚSICA FICA VIBRANDO NO AR.

MÁRCIA - (DEPOIS DE PAUSA LONGA) Mas então você deve conhecer meu irmão.

FERNANDO - É companheiro? Quem é êle?

MÁRCIA - Nadinho Souto. Quer dizer... Nadinho é apelido de família. O nome mesmo e Arnaldo.

FERNANDO - Conheço, como não? Seu apelido entre nós é Sagüí. É a respeito dele que você precisa falar com o Beto?

MÁRCIA - Não. É a respeito da minha irmã Heloisa. Ela deu um retrato pra êle e deseja êsse retrato de volta.

FERNANDO - Não vai conseguir. Êles foram namorados?

MÁRCIA - Acho que não. Êle pediu a ela um retrato ~~xxxxx~~ com uma dedicatória apaixonada, para fazer uma brincadeira com alguem.

FERNANDO - Ela nunca devia ter dado.

MÁRCIA - Ela não queria dar, mas êle fez ameaças, entende? e ela se intimidou.

FERNANDO - Compreendo. E ne até o tipo de ameaça que êle deve ter feito. Ele é o mentor do Sagui, naturalmente ameaçou-a de denunciá-lo ao Chefe.

MÁRCIA - Não sei. Eu não fiquei sabendo disso por ela. Foi um velho mordomo lá de casa que me contou uma ou outra coisa que sabia. Eu, então, me propus a procurar o tal de Beto, para ver se me sguardo Heloísa de qualquer escândalo ou chantage.

FERNANDO - Isso. Isso é mais provável. Chantage. É uma distração muito a gôsto do Beto. Ele faz até com os próprio companheiros.

MÁRCIA - E como, sendo assim, pode fazer parte de um mesmo grupo que você? Não compreendo.

FERNANDO - Nós temos um objetivo a atingir. É difícil, perigoso, vai depender de muita luta e nós precisamos de soldados. Não podemos deprezar a quem se apresenta voluntário. O que a gente faz é ter cuidado com êle.

MÁRCIA - Você acha, então, que eu não devo falar com êle?

FERNANDO - De geito nenhum. Digo-lhe mais: êle não vai lhe dizer que não entrega o retrato e é capaz, até de marcar um determinado lugar para você ir buscá-lo. O resto... acho que não preciso lhe dizer.

MÁRCIA - Si eu lhe pedisse êsse retrato, você tentaria rehavê-lo para mim?

FERNANDO - Tentaria. Vou tentar. Não vai ser fácil, nem tão breve, mas vou fazer o que estiver em meu alcance para poder ser-lhe útil.

MÁRCIA - Diga-lhe, até, que eu estou disposta a pagar-lhe uma boa soma pela devolução do retrato.

FERNANDO - Deixe isso comigo. Si lhe falarmos em dinheiro, êle vai querer logo uma quantia muito grande. Talvez seja melhor resolver a coisa na base da astúcia. Vá embora, então. Deixe êsse assunto nas minhas mãos.

MÁRCIA - E como é que eu vou saber como andam as coisas?

FERNANDO - Eu irei procurá-la quando tiver qualquer novidade.

MÁRCIA - Vou deixar-lhe o meu endereço, então.

FERNANDO - Não é preciso. Eu sei onde mora o Nadinho. Já fui lá mais de uma vez, até.

MÁRCIA - Meu Deus, eu me distraí demais com a conversa e deixei anoitecer.

FERNANDO - Quer que a acompanhe até em casa não há nenhum problema para mim.

MÁRCIA - Não, obrigada. Acho que ali naquela avenida não será difícil apanhar um taxi. Boa noite, então e muito obrigada a você pelo in-

teresse que tomou pela minha causa.

FERNANDO - Não tem nada que agradecer. Aconteceu que eu "fui" com você, como nós dizemos hoje em dia.

MÁRCIA - Adeus, então e mais uma vez muito obrigada.

FERNANDO - Ah, espere. Qual é a hora em que nós poderiamos conversar sem que eu pudesse atrapalhar você?

MÁRCIA - De tarde, depois das quatro, ou então à noite depois das nove horas. Você poderia telefonar avisando que ia e assim não correria o risco de desencontrar-se.

FERNANDO - Costuma sair muito?

MÁRCIA - Pelo contrário, muito pouco, até. Não havendo um motivo a rua não me pega. Sabe, tambem, o número do nosso telefone?

FERNANDO - Devo ter no meu caderno de apontamentos. Aliás somos obrigados a ter o endereço e o número do telefone de todos os nossos companheiros. Por isso é certo que tenho.

MÁRCIA - Muito bem. Então, mais uma vez obrigada e até qualquer dia. Não esqueça de que vou ficar a espera de uma solução para o problema de minha irmã.

FERNANDO - Não seria possivel esquecer. Pode estar certa.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL - FUNDE COM RUÍDOS DE RUA.

BETO - Onde é que tu vai, negrinha?

DOQUINHA - Eu tenho que te dá sastifação, por acauso?

BETO - Ah é? Vai querê botá banca prao meu lado, é? Pois na primeira volteada eu vou to fazê caí do cavalo.

DOQUINHA - Quem é que vai me fazê caí do cavalo? O Sinhô? Ora sái pra lá. Deixa de garganta. De garganta valesso, hein? Tu era o home mais valoroso do universo.

BETO - Tú tá me desafiando, é? Tu não me conhece bem, negrinha.

DOQUINHA - Negrinha, não, viu? Eu não sô negrinha, eu sô morena. E não sô fia das erva, não, que eu sô arregistrada no caltório. Tenho nome, graças a Deus. Cândida Rebero da Silva, vurga Candoca ou Doquinha, fia da Maria Rebero da Silva e pi pai (ORGULHOSA) inguinorado. T'u sabe lá o que é isso?

BETO - Eu sei. É aquilo que tu disse que tú não é, mas que tu é.

DOQUINHA - O que é que o sinhô tá aí com é, não é, que eu não tô intendendo dereito.

BETO - Nada, nada. Deixa pra lá. Onde é que tu vai?

DOQUINHA - Vou buscá cigarro pro saguí.

BETO - Ah, por falar em Sagui, eu vou te perguntá uma coisa aqui entre nós: quanão é que êle te deu de gorgeta, ante-ontem?

DOQUINHA - (RINGINDO) Quanto é que êle me deu de gorgeta? Mas êle inté que nem me deu nada, que bobage é essa agora?

BETO - Tú jura que êle não te deu?

DOQUINHA - Eu quero te vê morto no meio de quatro vela como não deu.

BETO - Ah, a mim é que tu quê vê morto, é? Muito boa essa tua jura.

DOQUINHA - De certo. O sinhô acha que eu pudia me vê a mim mesmo? Não pudia. Memo que tivesse um espôic na frente, morto num vê.

BETO - Ah, tá bem. Então é certo que ele não deu mesmo?

DOQUINHA - Num deu. Êle premoteu, mas dispois disse que num me dava, móde que o chefe num quiria que ninguem desse gorgeta lá dentro. Que a gente ganhava pra trabaiá, num tinha nada que arrecebê gorgeta.

BETO - É tá certo. Escuta, já que tu vai trazê xxx cigarro pro sagui, traz pra mim tambem.

DOQUINHA - Trago. Cadê a gaitolina?

BETO - Traz daí mesmo. Quanto é que êle te deu?

DOQUINHA - Cinco cruza.

BETO - D'a e sobra.

DOQUINHA - É, mas o causo é que eu tenho que dá o trôco dereito pra êle. Êle vai vê que farta o que é que eu vou dizê?

BETO - A verdade. Que eu te disse que trouxesse dois maço em vez de um.

DOQUINHA - Tá bem, mas si êle dê bronca, eu num tenho nada que vê com isso.

BETO - Deixa por minha conta. Vai lá e compra os dois maço.

C/REGRA - PASSOS EM CALÇADA, VINDO.

FERNANDO - Ôi, Beto.

BETO - Ôi, Nando.

FERNANDO - Tem alguma coisa pra fazê hoje de noite?

BETO - Acho que não. Até sábado a gente tá de folga...

FERNANDO - Podemos conversar?

BETO - Podemos. Alí no bar?

FERNANDO - Não. Depois do jantar, naquele outro barzinho lá perto de casa. É mais tranquilo.

BETO - Okêi. Alguma coisa importante?

FERNANDO - Não. Preciso de umas informações de você.

BETO - Depois do jantar eu dou as cara por lá.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - Eu já estava nervoso com a sua demora. Já estava até pensando numa maneira de sair ao seu encontro. Correu tudo bem?

MÁRCIA - Eu não falei com êle. Ele não estava no bar, quando eu cheguei e aí veio um outro rapaz perguntar o que eu queria. Quando eu disse que procurava o Beto êle tratou logo de me tirar dali e me aconselhar a não me envolver com êle.

REGINALDO - Você viu? Exatamente o que eu havia lhe dito. E quem é êsse rapaz? Sabe o nome?

MÁRCIA - Êle me disse que se chama Fernando e é terceiro anista de engenharia, mas faz parte do grupo.

REGINALDO - Como é que você sabe?

MÁRCIA - Êle mesmo me disse. Conhece Nadinho e disse que já esteve aqui em casa por mais de uma vez.

REGINALDO - Não me lembro de ninguem com êsse nome, mas se faz parte do grupo você precisa ter cuidado com êle tambem.

MÁRCIA - Não, não, Reginaldo. Fernando me pareceu um rapaz completamente diferente. Parece ser franco, encarar as coisas de frente. Diz o que pensa sem procurar dissimular.

REGINALDO - Você é muito ingênua, tem muito boa fé com as pessoas e essa gente nunca se sabe bem onde quer chegar. Usam de todas as artimanhas e dissimulações imagináveis. É uma gente danada! Uma gente terrível. Está sorrindo pra você e lhe apunhalando. Gente sem coração, incapaz de um sentimento mais nobre.

MÁRCIA - Não são% todos, não, Reginaldo. Há os que tem ideal e êsses nós temos que respeitar.

REGINALDO - Um ou outro. A maioria quer fazer boa vida sem trabalhar, tirando de quem tem para proveito próprio e sob o pretexto de dar a quem não tem. Eu já fui moço, tambem, já tive uma fase da mi-

nha vida em que me deixei empolgar pela ideia da libertação das gentes escravizadas, mas bem mais depressa do que imaginava me desiludi com os companheiros. Recuei em tempo, felizmente . Só que naquele tempo não existiam as violências de hoje. Você desistia e não corria nenhum risco. Hoje, mostrou vontade de abdicar das ideias deles e está dentro de um caixão com as mãos cruzadas no peito. Por isso, minha filha, sinto que você voltou um tanto impressionada com o jóvem que lhe atendeu e lhe repito: tenha cuidado. Muito cuidado. Êsse é um terreno perigoso onde você, fácilmente pode cair numa arapuca.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

EUGÊNIA - Minha filha, você teve alguma notícia de seu irmão? Não falou com nenhum dos amiguinhos dele?

HELOISA - Não, mãmãe, não falei nem quero falar. O único que eu sei que é da turma dele é um cafageste tão grande, um mentiroso tão refinado que muito pouco adiantariam as notícias que se pudesse obter por intermédio dêle. Êle diria tudo ao contrário da realidade.

EUGÊNIA - Será que êle está bem, minha filha? Eu estou começando a querer me preocupar. São tantos dias...

HELOISA - Se a senhora não se preocupou até agora, acho que já passou o tempo. Acredito que em dois ou três dias mais ele possa voltar para casa.

EUGÊNIA - Eu sinto falta dele. A casa fica tão quieta. Êle fazia barulho, discutia, brigava com a gente, mas pelo menos fazia movimento. Agora parece que a casa vive cercada de sombras.

HELOISA - É porque a senhora não tem saido, por isso nota o silêncio da casa. Ela está igual ao que sempre foi.

EUGÊNIA - Hoje vou convidar seu pai para irmos ao teatro. Tem uma première de gala, beneficiente, com toda certeza vai estar lá toda a alta sociedade e os cronistas não vão faltar.

HELOISA - Ah, agora sim. Agora começo a reconhecer a senhora. Interessando-se pelo teatro, pela sociedade, pelos cronistas... Deus me livre! Eu detesto tudo isto! Acho de um ridículo e de um vasio sem nome. (ARREMEDANDO) "A senhora tal vestia elegante toalete de veludo negro, com gola de visom pretende". "Beltrana apresentou um belis

simo redangôte em renda azul noite" "Ciclana ostentava um deslumbrante mantô branco, com largas mangas em de renard argentê, levando a etiqueta de Nina Ricci." Coisa horrorosa, meu Deus&... Nem sei como ainda existe gente que perde tempo em ler essas bobágens.

EUGÊNIA - Pois olha você quer saber de uma coisa? Muito pouca gente pensa como você. Mas muito pouca gente, mesmo. Todo mundo lê.

HELOISA - Meu Deus, a humanidade é muito mais cretina do que eu imaginava. E já que papai vai ao teatro com papai hoje à noite, eu vou aproveitar para jantar fora com um amigo que me convidou.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

LINDAURA - Você me desculpe eu vir aqui ao Banco,quasi na hora de você encerrar o seu expediente,ainda por cima,para lhe incomodar;acontece que a gente tem umas amigas que estão sempre botando a gente em compromisso e a gente, por sua vez, não tem outro remédio sinão recorrer a outros amigos.

HERMES - Lindaura os homens de negócio, geralmente, não gostam de receber pessoas que venham para outros assuntos que não sejam negócios. Eu não. Toda a pausa que eu faço, forçado pela presença de amigos, causa-me satisfação. É como um cafésinho gostoso que se toma no meio do serviço, entende?

LINDAURA - Mesmo que seja para pedir, ou para passar bilhetes?

HERMES - Mesmo que seja para pedir ou para passar bilhetes.

LINDAURA - Nesse caso... quantos posso destacar para você, meu amigo?

HERMES - Quantos bilhetes tem um talão?

LINDAURA - Vinte. Mas eu devo lhe dizer para o que é que ainda não disse. É uma tômbola que o Padre Augusto está organizando em favor das vocações sacerdotais.

HERMES - Uma tômbola?

LINDAURA - Exato. Ele mandou cincoenta bilhetes para a coitada da Dinah; ela foi correndo na minha casa me pedir socorro. Eu não gosto de incomodar ninguem, mas a coitada estava tão aflita que eu prometi ajudá-la.

HERMES - Pois muito bem, eu fico com um talão.

LINDAURA - (CONTENTE) Inteiro?

HERMES - Inteiro. Dêz para mim e dez para o Banco. Eu vou chamar o meu secretário, êle acompanha você até à Caixa e lá você recebe o dinheiro. Bem, mas isto não quer dizer que você vá embora sem tomar o clássico cafésinho.

LINDAURA - Acho que hoje eu vou agradecer o seu café, Hermes. É tarde e êle vai tirar o seu apetite e o meu.

HERMES - Mas até vai ser muito bom que isto aconteça porque acho que ambos não seriamos prejudicados se emagrecessemos um pouco.

LINDAURA - Ah não me fale, Hermes. Não me fale. Eu sou tão esganada, tão esganada que não posso ver comida na minha frente.

HERMES - Pois então até vai sêr bom um cafésinho para nós. Vou pedir.

OPERADOR : CORTINA MUSICAL - FUNDO COM RUIDO DE BAR

BETO - Demorei muito?

FERNANDO - Nem tanto. Eu já sabia que ia ter que esperar e trouxe um caderno de cálculos para me distrair. Não senti o tempo passar. Toma um gin-tônica, um vermouth?

BETO - Que gin tônica, nem vermotth. Manda vi uma purinha que é muito melhor que tudo isso.

FERNANDO - (PROJETANDO) Uma cachacinha aqui, Rolando, por favor.

BETO - Você queria falá comigo? Qual é a boca?

FERNANDO - Eu queria sabe o que? Que você me desse informações a respeito da irmã do sagui, o Nadinho.

BETO - O que?! Você Não vai me dizê que se meteu com aquela piranha?!

OPERADOR - ACORDE DE GRANDE SURPRESA.

FERNANDO - (APAVORADO) Piranha, Beto? Piranha? Você não vai me dizê que aquela moça é piranha.

BETO - Piranha, sim senhor. Com toda aquela capa de santa, é uma piranha braba que anda por aí.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO. SOBE E BAIXA.

LOCUTOR - Êste foi o 13º Capítulo de "Meu Pai, qual o caminho certo?" a novela de Érico Cramer para a Rádio Gaucha. Tomaram parte no capítulo de hoje os seguintes elementos.....(SEGUE RELAÇÃO)

Ouça amanhã, nesta mesma horário a sequência desta emocionante novela.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA FORTE PARA ENCERRAMENTO.

MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?

-Novela de Érico Cramer -

Dinah Lindaure

14º CAPÍTULO

07.11.2011

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA.

LOCUTOR - Ao final do 13º Capitulo de "Meu Pai, qual o caminho certo?", deixamos Beto e Fernando, num pequeno barsinho próximo à casa do 2º, conversando sôbre Márcia a quem Fernando havia prometido interessar-se para conseguir a devolução do retrato de Heloísa. E a conversa dos dois foi interrompida mais ou menos neste ponto:

OPERADOR : SOBE A CARACTERÍSTICA, BAIXA E SOME. ENTRA RUIDO DE PEQUENO BAR.

BETO - Você queria falá comigo? Qual é a boca?

FERNANDO - Eu queria sabe o que? Que você me desse informações a respeito da irmã do Sagui, o Nadinho.

BETO - O que?! Você não vai me dizê que se meteu com aquela piranha?!

OPERADOR - ACORDE DE GRANDE SURPREZA

FERNANDO - (APAVORADO) Piranha, Beto?! Piranha?!... Você não vai me dizer que aquela moça é piranha.

BETO - Piranha, sim senhor. Com toda aquela capa de santa, é uma piranha braba que anda por aí.

OPERADOR : REPETE O ACÓRDE DE SURPREZA.

FERNANDO - Mas não é possível! Sabe que me cái a alma aos pés?

BETO - Te agacha e junta, porque o que eu tô te dizendo é a pura verdade.

FERNANDO - Sim senhor! Quando -é que eu ia imaginar que a dona Márcia era uma piranha vulgar como tantas outras?!

BETO - Dona o que?

FERNANDO - Márcia. Pois não é o nome dela?

BETO - Puxa vida, mas até o nome ela engrupiu? Ela não se chama Márcia, coisa nenhuma. A irmã do Sagui se chama Heloisa.

FERNANDO - Pois me disse que se chamava Márcia. Quem sabe não é a mesma pessoa?

BETO - É fácil. Eu tenho um retrato dela aqui, ó.

OPERADOR : ACORDE DE SATISFAÇÃO

FERNANDO - (DEPOIS DE PAUSA) Você... Você me emprestaria êste retrato para desmascará-la?

BETO - Não, Bicho. Êste retrato não sai da minha mão.

FERNANDO - Por que? Êle é assim tão importante para você? Ou ela?

BETO - Eu tenho um plano com êste retrato que vai me dá muita gaita, velho. E depois que êle tivé me rendido tudo que eu quero, eu ainda vou usá êle pra me vingá dessa cara.

OPERADOR : ACORDE DE SUSTO OU APREENSÃO

FERNANDO - Bem, eu vou dizer uma coisa a você: a garota que eu estou lhe falando não é essa do retrato. É completamente diferente. Deve ser Márcia mesmo.

BETO - Mas não me conste que o Sagui... (TOM) Ah, espera aí. Ele me falou mesmo que estava esperando uma irmã que vinha de fora. Mas é irmã só por parte de pai. Parece que mora no interior, que foi educada pela avó à moda antiga. Deve sê uma cara de uma chatice sem tamanho.

FERNANDO - Pois você se engana; não é.

BETO - Como é que você fez relações com ela e a trôco de que vem me falá na garota?

FERNANDO - Encontrei-a por acaso, na rua. Ela me pediu uma informação e saimos caminhando juntos e conversando. No decorrer da conversa ela disse o nome do irmão. Aí começamos a desfiar a meada e nos encontramos. Ela até falou que a irmã se dava com você. Deve ser essa aí do retrato.

BETO - Ela não se dá, ela me odeia. Me tolera porque não tem outro remédio.

FERNANDO - O que é que você vai fazer com êsse retrato dela? Conta direitinho pra mim.

BETO - O Retrato tá com dedicatória prao meu pai, entende? Eu vou dizê pro velho que encontrei o retrato no meio dos papeis dele e vou ameaçá de mostrá pra velha. A velha é dessas dá desmanchá uma casa se descobre qualquer cafagestada do velho. Êle vai me pagá os tubo pra eu não mostrá.

FERNANDO - Puxa, Beto, mas até com seu pai você é capaz de fazê uma indecência dessas?

BETO - Indecência? Indecência é êle me dá uma mesada de trezentos cruzeiros e não querê aumentá nem um centavo. Agora êle vai triplicá a mesada, sinão vai sobrá pancadaria pra êle que não vai sê mole.

FERNANDO - [illegible]

FERNANDO - E contra a garota o que é que você pretende fazer?

BETO - Ela é muito besta, sabe Nando. Muito cheia. Pensa que vale mais do que a gente, quando na verdade talvez valha até menos. Gosta de achincalhá a gente, de reduzi a gente o mais que ela pode, mas eu cosinho ela no bafo. Fico rindo na cara dela com pouco caso. Ela fica fervendo de raiva.

FERNANDO - Mas afinal o que você pensa fazer contra ela ainda não disse.

BETO - Ainda não pensei bem, mas que ela não vai escapá de mim, não vai. Inda mais que eu tenho ela segura aqui, ó. Dei uma cantada nela, ela veio com parte de puritana pro meu lado e quando acaba... tava se encontrando com outro cara num apartamento aí.

FERNANDO - Você está assim contra ela porque ela recusou você; mas Beto, a moça tem direito de escolhêr a quem ela goste; não tem?

BETO - Tem. Mas não precisa achincalhá a gente, pomba. Por isso é que ela vai me pagá bem caro os disaforos todos que ela me disse. Ela só não me cuspiu na cara porque não teve corégem; vontade ela teve. Mas o mundo gira, meu irmão. O mundo gira e hoje nós tamo lá em cima, amanhã tamo cá em baixo.

FERNANDO - É, o mundo gira, sim Beto e o que a gente hoje faz pra um irmão amanhã vem outro e faz igual pra gente. Acomoda o teu ódio e deixa a garota pra lá. Vive a tua vida e esquece a dela.

BETO - Não esqueço, Nando. Não esqueço. Quem me faz qualquer coisa, paga. E enquanto eu não me cobrá da dívida, ela não me sai da cabeça.

FERNANDO - A moça é irmã de um companheiro da gente. Você não devia esquecê isso.

BETO - Não esqueço, não, porque si eu não pudé me vingá de outra maneira é nele que eu vou me vingá.

OPERADOR : ACORDE MUSICAL DE SUSTO.

FERNANDO : Não, Beto, você não pode fazer isto. Nós somos aqui como uma só fa família. Como irmãos, digamos. A família de um tem que ser respeitada pelos outros. Se não for assim, não haverá respeito nem união entre nós.

BETO - Eu não respeito a minha família, vou respeitá a família do Sagui? Por que? Aliás êsse negócio de família pra mim é baboseira, tá entendendo?

FERNANDO - Baboseira?!

BETO - Baboseira, sim. Êsse negócio de pai, de mãe, de irmãos, são homens e mulheres como quaisquer outros, que a maior parte das vezes não se entendem com a gente e podendo tirá qualquer coisa da gente, tiram. Eu não acredito em família, não, Nando. Família é um núcleo de gente, como qualquer outro, onde uns podendo tão devorando os outros.

FERNANDO - Eu tenho pena de você, Beto. Você deve ter sido um menino muito infeliz pra alimentar uma revolta tão grande contra a sua própria gente. Você deve ter tido uma infância muito amarga e o sofrimento deve ter marcado muito fundo o seu coração. Se assim não fôsse, deveria ter restado, ao menos, um resquício de ternura na sua lembrança. Mas não. Não existe nada, absolutamente nada. E se houve um momento bom na sua vida, a lembrança dele foi crestada pelo ódio.

BETO - Isso. Você agora acertou em cheio. Se houve algum momento bom na minha vida - que eu não me lembro - o ódio por tudo quanto me fizeram passá foi tão grande que eu hoje vivo afundado no ódio e só tenho ôdio pra dá.

FERNANDO - É... assim é difícil. Mas eu vou tentar fazer alguma coisa por você, velho. Eu vou tentar.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

LINDAURA - Você me deu vinte cinco bilhetes da tômbola; não foi? Um talão inteiro e mais cinco avulsos.

DINAH - Exatamente. Quantos você conseguiu passar?

LINDAURA - Todos.

DINAH - (RADIANTE) Todos?! Não diga, Lindaura! Todos?!... Que maravilha!

LINDAURA - Ah, minha filha a corôa aqui não dorme no ponto. Chegava praos bacanas dela, cantava no ouvido, pois olha... Dois aqui, três ali e lá se foram os vinte cinco. Vou querer mais cinco. Um pra mim e quatro que eu vou colocar fácil, fácil.

DINAH - Eu, fazendo uma fôrça bruta, não consegui vender sinão seis. Com dois que eu vou ficar pra mim são oito. Mas como tenho uma semana ainda na frente, tenho esperança de poder vender mais alguns.

LINDAURA - Se você não vender, eu vendo. Eu sou como aqueles gauchos do interior: dou um boi pra não entrar na briga, mas depois que entro, dou uma boiada inteira pra não sair. Agora eu vou até ao fim do negócio. Você sabe pra quem eu vou passar um bilhete? Imagina.

DINAH - Sei lá, você se dá com tanta gente...

LINDAURA - Pr,o Padre Augusto.

DINAH - (ADMIRADA) Prao Padre Augusto?!

LINDAURA - Pra êle, sim. Vou lá especialmente na casa dêle.

DINAH - Ele não compra.

LINDAURA - Ué, não compra. Tem que comprar, sim senhora. Pois êle não manda oferecer praos outros? Êle tinha que ser o primeiro a dar o exemplo. Mas como dói no dele, êle fica na moita. Vai comprar, óra se vai. Vou atucanar tanto o padreco que vou deixar êle tonto.

DINAH - Coitado, Lindaura, não faça isto.

LINDAURA - Coitado por que? Êle não é aleijado. Bem forte, bem corado, bem sadio, comendo bem, bebendo melhor... coitado por que? Coitada de mim que tenho que andar aí a bater de porta em porta para passar os bilhetes dêle.

DINAH - Você é danada, Lindaura. E isso que você é amiga dele. Imagina se não fôsse.

LINDAURA - Não tem nada que ver uma coisa com a outra. Amigos, amigos, negócios a parte. Bem, vá buscar os cinco bilhetes mais que eu lhe pedi que agora, na passagem pra minha casa, eu já deixo dois na casa da Amélia Bordalo e se apanhar o seu Honório no caminho já lhe vendo um. Pra mulher não ofereço porque ela é tão unha de fome que nunca quer comprar nada. E pra êle comprar tem que ser longe dela. Êle costuma ir bater um papinho, antes do jantar, num mercadinho ali perto. E no mercadinho mesmo é que êle vai ser acheacado.

DINAH - Você é tremenda, Lindaura. Tremenda, mas eficiente. Espere só um bocadinho que eu já lhe trago os bilhetes. São cinco que você quer, não é? Quem sabe você leva dez?

LINDAURA - Está bem, exploradora, traz os dez. De toda a maneira quem vai acabar passando todos sou eu mesma...

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HELOISA - Gostou do teatro ontem, papai?

HERMES - Alguma coisa. Eu ainda não me habituei com êsse teatro de palavrão. Fico chocado com uma expressão mais grosseira. Fere-me os tímpanos ouvir nomes horríveis que só as pessoas mal educadas têm corágem de proferir.

HELOISA - Mas papai, o teatro é uma imitação da vida. São páginas da vida que o escritor vai apresentando aos espectadores. Si êle mostra um pardieiro, a linguágem usada não pode ser a mesma de um palácio. Então, para dar realidade à cena, êle tem que procurar repetir, exatamente, os têrmos empregados num ou noutro ambiente.

HERMES - Para mim teatro é arte e arte, no meu entender, é sinônimo de beleza. Pode haver beleza num ambiente fétido, onde impera a degeneração e o vício como na peça que assistimos ontem? Não entendo. Acho que a vida tem tanta coisa bela; por que havemos de procurar mostrar o que existe de sórdido e de feio dentro dela? Não me parece que haja necessidade. E depois, qual é a finalidade duma peça dessa natureza se ao sair do teatro o que vem conosco e o que guardamos é justamente o éco das palavras feias e impróprias que lá escutamos? Ela não nos ensina absolutamente nada. Ela não nos aponta nenhuma solução para nenhum problema. Ela, simplesmente, nos agride.

HELOISA - É que o senhor não vai ao teatro ha muito tempo, não acompanhou a caminhada do teatro moderno, o seu desenvolvimento, a sua evolução, o seu progresso. Então...

HERMES - (CORTA) Progresso?! Você chama de progresso uma decadência dessa natureza, minha filha? Não, não, que esperança! Não posso de modo algum concordar com você. Progresso é quando as coisas melhoram e não quando pioram. E de que geito, meu Deus! De que geito!

HELOISA - É, papai, o senhor, decididamente, não deixa de ser quadrado. A mãe é muito mais pra frente do que o senhor.

HERMES - Sua mãe tem a preocupação permanente de acompanhar a moda em tudo e então aceita com fingida naturalidade as coisas que a moda traz. No fundo tambem se arpanta como eu. Ontem mesmo eu tive uma prova disto. Ela estava de braço dado comigo, ouvindo um diálogo aliás muito bem feito e muito interessante. Num dado momento uma das

personágens se enfurece contra o seu interlocutor e solta um tremendo palavrão. Sua mãe estremeceu de tal forma que me sacudiu o braço a ponto de tirá-lo do braço da cadeira. Depois negou que se tivesse escandalizado. Então o que é que se pode deduzir de tudo isto. Que eu sou quadrado mas sou autêntico. Ela é quadrada também mas se faz de pra frente para não ser classificada assim.

HELOISA - Bem, papai, eu não vou discutir com o senhor. Somos duas épocas distintas, duas mentalidades diferentes, dois sistemas quasi antagônicos, nunca poderemos chegar a um denominador comum. Só o que eu vou lhe dizer é que de qualquer forma foi muito bom o senhor ter ido ao teatro porque, pelo menos, saiu um pouco do ambiente de todos os dias e poude fugir, por duas horas, aos seus atribulados pensamentos.

OPERADOR + CORTINA MUSICAL

MÁRCIA - Você parece mais preocupado hoje, Reginaldo. Por que? Teve alguma notícia desagradável a respeito de Nadinho?

REGINALDO - Não, minha filha. Não tive nenhuma notícia e é isso justamente o que me preocupa. Essa gente faz tudo de surpreza, a gente nunca pode imaginar o que está para acontecer.

MÁRCIA - Eu estava com tanta esperança no Fernando. Faz dois dias que conversamos e êle ainda não apareceu.

REGINALDO - Eu não disse a você? Minha filha, até é bom que isso aconteça agora porque quanto mais tarde você se desiludisse dele, tanto mais você sofreria. Você se impressionou muito por êle, eu senti. Você voltou para casa animada, os olhos com um brilho diferente, um sorriso que não se apagava dos seus lábios. Eu notei isto e levei um tempão para dormir, pensando no risco que você estava correndo. Essa gente é assim, não se deve ter ilusões com ela.

MÁRCIA - Não, Reginaldo, você está julgando todos pelo Beto que é um sujeito mau e que, segundo Fernando me disse, não respeita nem os companheiros, nem a própria família. Mas porque Beto é assim, não quer dizer que todos os outros sejam. Muitos são idealistas sinceros. Fazem parte do grupo porque estão convencidos de que vão salvar a Patria com as suas ideias. De que vão trabalhar para melhorar a situação dos miseráveis.

REGINALDO - (INTENCIONALMENTE) E Fernando é um desses; não é?

MÁRCIA - (CONVICTA) É, Reginaldo. Fernando é um desses. Fernando é tão sincero que não teve medo de me dizer que pertencia ao grupo, sem me conhecer.

REGINALDO - Êles sabem a quem êles dizem as coisas, minha filha. Você é uma pobre moça ingênua. Êle agiu de maneira a impressioná-la. Você está vendo o que aconteceu com você. Êle prometeu tomar uma providência imediata, já se passaram dois dias e nem siquer um telefonema para atenuar a sua preocupação.

MÁRCIA - Não, êle não prometeu providências imediatas, Reginaldo. Pelo contrário. Êle disse que não prometia uma solução breve mas porque o negócio não seria fácil, mas que faria tudo e estava certo de que haveria de conseguir alguma coisa em meu favor. E eu estou certa de que êle vai realmente fazer alguma coisa.

REGINALDO - Então espera sentada para não cançar. (PAUSA LONGA. TOM) Êle sabia que a gente estava aflito por notícias do Nadinho. Podia ao menos telefonar pra dar notícias dele.

C/REGRA - CHAMADA DE TELEFONE. LEVANTAR TELEFONE DO GANCHO EM MEIO À SEGUNDA CHAMADA.

REGINALDO - Alô? Quem fala.

FERNANDO - (FILTRO) Eu queria falar com Márcia. Ela está?

REGINALDO - Está: Um momento. (TOM) É para você.

MÁRCIA - (ALVOROCADA, MEIA VOZ) É êle?

REGINALDO - Sei lá, não disse. Não perguntou nem de onde falava.

MÁRCIA - Alô.

FERNANDO - (FILTRO) Como vai, Márcia?

MÁRCIA - Bem, obrigada. Você como vai?

FERNANDO - Trabalhando muito e estudando bastante. Não sobra muito tempo.

MÁRCIA - Eu estava exatamente falando aqui ao Reginaldo que estava extranhando a sua demora em dar notícias.

MÁRCIA - É que eu desejava ter uma notícia boa para telefonar e hoje tenho, felizmente.

FERNANDO - (FILTRO)

MÁRCIA - (CONTENTE) Conseguiu a fotografia.

FERNANDO - (FILTRO) Ainda não e já lhe adianto que não vai ser fácil, como eu havia previsto, mas a notícia boa é a respeito de

seu irmão. Parece que vai ter alta amanhã e depois de amanhã já vai poder voltar para casa.

MÁRCIA - Que bom! Obrigada, Fernando. Muito obrigada mesmo. Nós estavamos tão preocupados... tão desesperançados. Isso dá um novo ânimo à gente. Parece que o sol volta e brilhar e aquecer a gente.

FERNANDO (FILTRO) - Bem, eu gostaria de poder continuar conversando com você mas não posso demorar porque estou num telefone emprestado e preciso ser breve. A qualquer ~~manta~~ momento eu vou aparecer aí para conversar com você. Não tem problema, tem?

MÁRCIA - Nenhum. Que problemas você acha que poderia ter?

FERNANDO (FILTRO) - Bem... não sei... de órdem familiar... de órdem sentimental...

MÁRCIA - Não. Não há nenhuma restrição. Você venha quando quizer. Eu vou ficar muito contente de recebê-lo.

FERNANDO - (FILTRO) Obrigado. Fico contente de ouvir isto de você. Até qualquer hora, então.

MÁRCIA - Até qualquer hora.

(C/REGRA - RUIDO DE DESLIGAR TELEFONE)

MÁRCIA - Está aí, viu? Você falando mal dele e êle contente de nos poder dar uma notícia boa, coitadinho.

REGINALDO - Mas que notícia, afinal, que eu ainda não sei?

MÁRCIA - NADINHO recebe alta amanhã. Talvez depois de amanhã já volte para casa. Pode desanuviar o seu semblante, Reginaldo. A metade das nossas preocupações vão desaparecer.

REGINALDO - Eu não solto foguete antes da festa. Vou esperar primeiro para ver. Sou como São Tomé. Você é que está-que não cabe em si de alegria. Ela chega a transbordar pelos seus olhos.

MÁRCIA - Estou alegre, sim, Reginaldo, muito alegre. E feliz tambem. Tenho a impressão de que... de que o amor vai chegar para mim, Reginaldo.

MÁRCIA - Cuidado! Tenha muito cuidado, minha filha. O amor por si já é traiçoeiro e com essa gente então... nem se fala.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DOQUINHA - Pronto, já trimineí de barrê tudo isso, pra depois o doutô num dizê que tava tudo uma imundícia que nem êle disse ônte.

NADINHO - O doutor parece que vai me dar alta hoje. Amanhã já tu não precisa mais juntá a sujera da que eu faço. Tás livre de mim.

DOQUINHA- Num disnta nada. Num tá o sinhô tá otro. Si num é o sinhô que faiz xugera otro faiz. Pulo meno nóis se demo bem. O sinhô xuja, eu rin singo, mas no fim nóis se acertemo. O sinhô qué que eu lhe digue uma coisa? Tú é um garotão legá, sabe disso?

NADINHO - As garota, palo menos, me dizem.

DOQUINHA - As branca, num é? Mas tu num aquerdita munto nas branca, não, que elas é munto mintirosa. Diz as coisa da boca pra fora, vai vê o que elas tá sintindo lá por dentro das caixa, é tudo deferente. A nêga aqui num tem disso, não. O que ela sente ela diz. Tenho mãnha neste corpo, num pensa, não, mas é só quando é perciso.(TOM) Óia, pros grosso eu minto pra êles que Deus me livre! Mas pros insiguinificante que nem tú, eu falo a verdade.

NADINHO - Insignificante, é Doquinha? Acabaste de dizê que eu sô um garotão legal e agora me chamas de insiguinificante.

DOQUINHA - E por acauso tu num é porquera? Tu vai querê dizê que vale munto? Tu arrecem tá saindo dos cuêro e das frarda. Inté que tu aprenda o curso deles aqui, tu tem munta mandioca pra cumê.

NADINHO - Isso eu sei, mas por isso não qué dizê que eu seja insignificante.

DOQUINHA - E tu vai querê me cunvencê que tu é tróço? Tu é nada. Aqueles que é trôço êles num bota aqui nesse porão vagabundo. Eu num vi, mas diz que êles bota num palacêite que tem inté quarto de banho sociá. Eu num sei o que é isso, mas é o que eu ovo dizê. Quarto de banho pra mim tudo é inguá. Xege sociá, ou num xege, eu acho que a gente fáiz as mema cousa. Ou será que num fáiz?

NADINHO - Fáiz, é claro. Chamam social porque são as visita que usam.

DOQUINHA - Por isso nóis, lá na maloca. É uma lata com agua e um buraco na terra. E vivemo bem sastifeito. Eu acho que eu era capáiz de nem me ageitá nesse tá de sociá. Num sô de cousa de luxo. (TOM) Mas an tão qué dizê que aminhã ou dispois o sinhô deixa nóis?

NADINHO - É, parece. E eu já tô com saudade da minha casa, sabe?

DOQUINHO - Acridito garotão. Acridito pruquê - num é pra falá má - aqui a gororoba é braba. Cada naco de carne dura com nervo que vô te contá... Lá dicerto tu tem malhonéza de salomão, soflé de peno sa e outros bicho.

NADINHO - Não é da comida que eu sinto falta, pra dizê a verdade. O chefe diz que a gente tem que esquecê a família, mas ti, Doquinha, eu vô dizê a verdade: eu quiz esquecê a minha mas não consegui.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

FERNANDO - O Sagui sempre sai amanhã?

BETO - Sái. O doutor já disse. E por falá nisto, eu tenho que i na casa dele buscá uma outra roupa que a quem êle tava não vai butá mais pra evitá de sê reconhecido.

FERNANDO - Escuta, Beto, você não podia passá essa incumbência pra mim?

BETO - Que incumbência?

FERNANDO - De i na casa do Sagui buscá a outra roupa?

BETO -Pra que? Por que você qué i lá?

FERNANDO - Você já se esqueceu do que eu lhe contei a respeito da irmã dele? Era uma oportunidade de eu voltar a falar com ela, velho.

BETO - Era, não é? Mas o caso é que eu tambem tô muito interessado em conhecê essa garota, viu?

OPERADOR - ENTRA COM CARACTERÍSTICA DE ENCERRAMENTO FORTE E CAI PARA BG.

LOCUTOR - ÊSTE FOI O DÉCIMO QUARTO CAPÍTULO DA NOVELA DE ERICO CRAMER, intitulada "MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?" e escrita especialmente para a Rádio Gaucha. Tomaram parte no capítulo de hoje os seguintes artistas:

ELISABETH DORNELES VIVENDO O PAPEL DE HELOISA

DENI GRIS interpretando o papel de FERNANDO

ESTER CASTRO interpretando os papeis de DOQUINHA

AUROALDO GUERRA COMO REGINALDO e LINDAURA.

ALVARO SANTOS interpretando o papel de BETO

INADIR MIRAPALHETA vivendo o papel de MÁRCIA

LUIZ SANDIM interpretando o papel de NADINHO

PÊPÊ HORNES vivendo o papel de DR. HERMES e

SÍLVIA CARDOSO como DINAH . OUÇAM AMANHÃ, neste mesmo horário mais um capítulo de "MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?

OPERADOR - CARACTERÍTICA FORTE PARA ENCERRAMENTO.